

BLUMENAU

em Cadernos



Apoio Cultural

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (in mem

Distribuidora Catarin

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark S

43 S/A Gráfica e Editc

FUNDAÇÃO CULTURAL BLUMENAU/SC
TOMO XLVIII
Set./Out. 2007

Digitizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

BLUMENAU

em Cadernos

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Ivo Hadlich
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

Vinícius Nico Wolff
Diretor de Cultura

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Carla Fernanda da Silva

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - 89015-010 - Blumenau (SC)

Fone (0**47) 3326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Imagens de Lindolf Bell

Giba Santos

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: André

Secretária: Mirela Nolasco



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0**47) 3326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

Apresentação	07
Documentos originais	
Mensagens do púlpito de dias idos	09
Artigos	
O santo guerreiro versus o grande dragão vermelho da maldade - A “cruzada” anticomunista desenvolvida pela imprensa jornalística na região de Blumenau – 1960-1965 <i>William Spengler</i>	20
O rádio em Blumenau - História, programas e personagens <i>Clóvis Reis / Gabriela Bambinetti</i>	55
Entrevista	
Programa de rádio -Censura Livre Entrevistas: Lindolf Bell	71
Fragmentos de nossa história local	
Construção da ponte rodoviária sobre o Rio Itajaí-Açu em Blumenau - Em prolongamento à Rua República Argentina <i>Engenheiro Dr. Gustav Leyen</i>	97
Burocracia & Governo	
Burocracia & Governo	100

Memórias

Lembranças da praia de Camboriú 111

Autores catarinenses

A saga de um cenáculo e seu idealizador

Enéas Athanázio..... 113

Índice Geral 2007 122

Apresentação

Blumenau em Cadernos deste bimestre discorre sobre temáticas que, como sempre, remetem o leitor a algumas reflexões em torno de acontecimentos que, num determinado momento da história, provocaram emoções e sentimentos que merecem ser lembrados.

Na coluna bilíngüe *Documentos Originais*, é publicada a tradução de alguns trechos de um caderno do Pastor Oswaldo Hesse, existente na paróquia central. Nele, o mesmo anotava tudo aquilo que tinha a comunicar à sua comunidade. A riqueza de informações contida neste documento manuscrito levou o Pastor Dubbers a selecionar algumas mensagens, possibilitando dar conhecimento do que vinha acontecendo na Blumenau da época. A tradução deste material coube ao Sr. Claus Germer.

Na coluna *Artigos*, Willian Spengler, sob o título “*O santo guerreiro versus o grande dragão vermelho da maldade*”, revela uma faceta até então quase intocada pelos pesquisadores. Trata de um período da história contemporânea de Blumenau em que o tema “comunismo” foi alvo de muitas discussões, polêmicas e reportagens na imprensa da época, principalmente no Jornal “Ronda”, de propriedade do Jornalista Nagib Barbieri.

O segundo texto da coluna tem como autores o doutor em comunicação, professor Clovis Reis, e a acadêmica da FURB, Gabriela Bambinetti. Publicam o artigo que se intitula “*O rádio em Blumenau*”. Focaliza aspectos da história do rádio e dá visibilidade a vários programas radiofônicos e seus respectivos locutores

Em **Burocracia & Governos** são transcritos documentos, cujos originais encontram-se no arquivo Público do Estado de Santa Catarina. O objetivo da transcrição desta documentação administrativa para a revista é uma forma de socializar e expor ao leitor interessado os temas neles contidos.

Por outro lado, com a coluna **Fragments de nossa história local**, publica-se uma palestra, no ano de 1956, de autoria do engenheiro Leyen, intitulada: “*Construção da ponte rodoviária sobre o Rio Itajaí-Açu em Blumenau*”. Nela são informados os vários aspectos da construção da Ponte Adolfo Konder.

Recentemente, o Arquivo Histórico JFS recebeu do jornalista Luiz Antônio Soares relevante doação do seu acervo particular. Trata-se de fitas K-7, VHS e pastas contendo recortes da sua coluna “Ponto de Vista”, a qual durante muitos anos mantinha diariamente no Jornal de Santa Catarina. Entre os documentos recebidos destaca-se o diploma “Prêmio Esso”, recebido há 25 anos. Esta distinção foi a primeira a ser concedida a um jornalista catarinense. Foi selecionado deste acervo um K-7, contendo uma entrevista do poeta Lindolfo Bell concedida ao programa de rádio “Censura Livre”, de 13 de janeiro de 1982, dos jornalistas Luiz Antônio Soares e Danilo Gomes.

Com o texto “*Lembranças da praia de Camboriú*” publica-se na coluna **Memórias** um relato referente o cotidiano do atual Balneário de Camboriú dos anos cinquenta.

O escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, publica “*A saga de um cenáculo e seu idealizador*” onde tece comentários sobre a existência de agremiações literárias denominadas cenáculos. Destaca no texto o “Grupo literário da Ilha”, idealizado por Luiz Carlos Amorim.

Por fim, publica-se o Índice Anual de Blumenau em Cadernos, cuja organização serve de orientação para os pesquisadores e leitores.

Sueli M. V. Petry
Diretora de Blumenau em Cadernos

Mensagens do púlpito de dias idos¹

Documentos
Originais

Na casa paroquial de Blumenau existe um caderno de umas cem páginas cujo título, traduzido para o vernáculo, reza: “Mensagens do púlpito de 9 de agosto de 1857 até 30 de junho de 1865, O. Hesse, Pastor Evangélico da Colônia de Blumenau”. Ainda hoje é hábito que, após a pregação, sejam dadas notícias especiais à comunidade. Assim, já Pastor Hesse anotou tudo aquilo que tinha a comunicar à sua comunidade. Entre estas mensagens do púlpito, encontraram-se muitas coisas interessantes, e merecedoras de serem retiradas dos recônditos do passado. Eu, pessoalmente, aprecio que velhos tempos me falem. Através das mensagens que, em tempos idos, Pastor Hesse tornou públicas, somos lembrados do árduo princípio de nossa comunidade.

Por ocasião de seu primeiro culto, no dia 9 de agosto de 1857, Pastor Hesse viu-se face a uma dificuldade, que o obrigou a fazer o seguinte comunicado: “Até a introdução de um livro de cânticos comum, solicito sinceramente à comuni-



1 DUEBBERS, Pastor. Mensagens do púlpito de dias idos. In.: FLOS, Max-Heinrich (Org.) **Nossos Pais**. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda., 1961. p. 61-67.

Tradução: Claus Germer

Kanzelnachrichten aus vergangen Tagen

Im Blumenauer Pfarrhaus befindet sich ein Heft von gut 100 Seiten Umfang mit dem Titel: "Kanzelnachrichten vom 9. 8. 1857 bis zum 30. 6. 1865, O. Hesse, Evang. Pastor der Kolonie Blumenau". Est ist ja auch heute Sitte, dass nach der Predigt der Gemeinde besondere Mitteilungen bekannt gegeben werden. So hat schon P. Hesse aufgeschrieben, was er der Gemeinde mitzuteilen hatte. Eben unter diesen Mitteilungen findet sich manches, was wir heute einmal aus der Vergangenheit emporheben wollen. Ich persönlich lasse gern alte Zeiten zu mir reden. Durch die Mitteilungen, die einst P. Hesse verlas, werden wir an den Anfang unserer Gemeinde erinnert.

In seinen ersten Gottesdienst, am 9. 8. 1857, stand P. Hesse vor einer Schwierigkeit, die ihn zu folgender Mitteilung veranlasste: "Bis zur Einführung eines gemeinschaftlichen Gesangbuches ersuche ich die christliche Gemeinde freundlich, die Gesanbücher, welche man etwa besitzt, zum Gottesdienst mitbringen zu wollen. Ich werde mich bemühen, nur so allgemein bekannte Lieder zu wählen, dass sie in jedem Gesangbuch gefunden werden können".

Einige Monate später teilt P. Hesse der Gemeinde mit, dass "die Heiligen Schriften des Alten und des Neuen Testaments sowie auch Neue Testamente bei Herrn Dr. Blumenau angekommen und zu sehr billigem Preise zu haben sind". Es entzieht sich unserer Kenntnis, ob Dr. Blumenau die Bibeln von sich aus bestellte, oder ob er durch P. Hesse darum gebeten wurde. Wichtig is es zu wissen, dass den Bewohnern der Kolonie, die doch wahrlich kein leichtes Tagewerk hatten, im Hause des Gründers der Kolonie Bibeln angeboten wurden. P. Hesse wollte die Bibel nicht nur auf der Kanzel liegen haben. Sie sollte auch das persönliche Eigentum der Koloniebewohner werden. Die Stadt Blumenau besitzt ja ein bedeutsames Stadtwappen, auf dem u. a. zwei Männer dargestellt sind. Die Hand des einen Mannes hält die Axt. Es ist wahr: ohne den Mann mit der Axt wäre Blumenau nicht, was es geworden ist. Aber warum ist die Hand des anderen Mannes leer? Es ist gut, wenn wir daran denken, dass den Einwanderern und Bewohnern der jungen Kolonie im Hause des Gründers der Kolonie Bibeln angeboten wurden. Dieses Angebot fehltja auch heute nicht. Möchte nur immer die rechte Nachfrage und der rechte Gebrauch der Bibel vorhanden sein.

Etwa ein Jahr später, an einem Sonntag nach Ostern, teilt P. Hesse der Gemeinde mit: "Ich werde jetzt den Religionsunterricht für Kinder vom vollendeten

dade cristã, trazer os hinários que, eventualmente, possuírem, para os cultos. Esforçar-me-ei no sentido de escolher somente hinos do conhecimento comum, e que possam ser encontrados em qualquer livro de canto”.

Alguns meses após, Pastor Hesse informa à comunidade que “as Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamento, como também exemplares do Novo Testamento foram recebidos pelo Dr. Blumenau, e podem ser adquiridos a preços módicos”. Desconhecemos se essas Bíblias foram encomendadas pelo Dr. Blumenau por iniciativa própria, ou a pedido do Pastor Hesse ao mesmo. O importante é saber que, aos habitantes da colônia, cuja tarefa diária certamente não era fácil, eram oferecidas Bíblias pelo fundador da Colônia. Pastor Hesse não desejava ver a Bíblia somente sobre o púlpito, e sim que cada família de colonos a possuísse. Aliás, a cidade de Blumenau possui um brasão bastante significativo, no qual, entre outros, figuram dois homens: e um deles empunha um machado. É verdade, Blumenau não seria o que é, sem aquele homem com o machado. No entanto, por que o outro homem nada tem na mão? Convém lembrarmos que se ofereciam Bíblias, aos imigrantes e habitantes da colônia, na casa de seu fundador. Continua até hoje o oferecimento de Bíblias e esperamos que a sua procura e seu uso sejam proveitosos a todos.

Num domingo, depois da Páscoa, aproximadamente um ano mais tarde, Pastor Hesse informa à comunidade: “Iniciarei, agora, as aulas de doutrina para crianças de 11 a 14 anos completos, e solicito aos pais que desejarem matricular os seus filhos, a fazê-lo dentro dos próximos 14 dias, na minha residência”. É inegável que é de grande importância para a juventude que o Evangelho influencie decisivamente em tempo sobre a mesma. Segundo estatísticas elaboradas pelo Dr. Gensch, a colônia de Blumenau contava, em 1859, entre 947 imigrantes, com 890 do Credo Evangélico. De posteriores mensagens do púlpito, deduz-se que as aulas de doutrina começaram naquela época; quantas crianças delas participaram, ignoramos.

Algumas semanas após, Pastor Hesse teve que comunicar à comunidade: “A assembléia convocada para oito dias atrás e que então deixou de ser realizada em virtude da enchente, deverá realizar-se após o culto de hoje, se estiver presente um número suficiente de membros da nossa comunidade”. Pastor Hesse tinha convocado essa assembléia para o domingo

11. bis zum 14. Lebensjahr beginnen und ersuche die Eltern in der Kolonie, welche ihre Kinder an demselben teilnehmen lassen wollen, die betr. Meldungen zwischen heut und 14 Tagen bei mir in meiner Wohnung anzugeben". Niemand kann leugnen, dass es von grosser Bedeutung für den Menschen ist, wenn das Evangelium beizeiten über ihn Einfluss gewinnt. Nach einer von Dr. Gensch aufgestellten Statistik zählte im Jahre 1859 die Kolonie Blumenau unter 947 Einwanderern 890 Männer, Frauen und Kinder evangelischen Glaubens. Aus spätern Kanzelnachrichten ist ersichtlich, dass der Unterricht damals begann. Wieviele Kinder sich meldeten, wissen wir nicht.

Wenige Wochen später musste P. Hesse abkündigen: "Die vor 8 Tagen wegen zu hohen Wassers ausgefallene Versammlung soll heute nach dem Gottesdienst abgehalten werden, wenn eine genügende Anzahl Mitglieder sich einfindet". Zu dieser Versammlung hatte P. Hesse für den Sonntag Rogate 1859 mit folgender Mitteilungeingeladen: "Die Bewohner unseres Flusstales, also nicht nur die, welche zur eigentlichen Kolonie Blumenau gehören, sondern alle die, welche der hiesigen evangelischen Kirchengemeinde sich zuzählen, ersuche ich, sich am 19. Juni nach Beendigung des öffentlichen Gottesdienstes hier einfinden zu wollen, zu einer Beratung über wichtige kirchliche Angelegenheiten, namentlich über die Anstellung eines Vorsängers bei Gottesdiensten, über die Umzäunung und Instandhaltung des Kirchhofes und des dahin führenden Weges, über Anstellung eines bestimmten Totengräbers und Anschaffung von Leichenbahre und Leichentuch".

Schon zu Beginn desselben Jahres hatte P. Hesse im Gottesdienst um freiwillige Beiträge gebeten für die Ausschmückung von Kanzel und Altar.

An einem Sonntag nach Trinitatis gab er dann bekannt: "Heute über 14 Tage werde ich hier von der Kanzel der Gemeinde Mitteilungen machen von dem bis dahin sich herausgestellten Ergebnis der freiwilligen Beiträge für die Bedürfnisse unseres evangelischen Kirchenwesens. Diejenigen, welche dabei namentlich genannt sein wollen, wollen sich bis dahin bei mir melden".

Interessant ist das 14 Tage später mitgeteilte Ergebnis. Es lautet wie folgt: "Was die bisher eingegangenen freiwilligen Beiträge zum Besten des evangelischen Kirchenwesens hierselbst anlangt, so sind

- 1) durch Herrn Zopf eingesammelt und bei mir abgegeben 33 Milreis 960 Reis
- 2) bei mir selbst abgegeben 6 Milreis 820 Reis
- 3) zum evangelischen Kirchbau haben die Kolonisten von S. Isabel

Rogate de 1859, nos seguintes termos: “Solicito o comparecimento de todos os habitantes deste nosso vale, quer dizer, não só aqueles que pertencem à colônia de Blumenau propriamente dita, como também de todos aqueles que residem fora e se consideram unidos à nossa comunidade evangélica, a comparecerem, no dia 19 de junho, após o encerramento do culto público, para deliberarem sobre importantes assuntos da nossa igreja, particularmente sobre a contratação de um cantor-mestre para os cultos, bem como sobre uma cerca e manutenção do cemitério e do caminho que vai para o mesmo, e mais contratar um coveiro e adquirir uma padiola funeral e uma mortalha”.

Já no início daquele ano, Pastor Hesse havia pedido, nos cultos, contribuições espontâneas para adornar o púlpito e o altar.

Num domingo depois da Trindade anunciou então: “Dentro de 14 dias informarei deste púlpito à comunidade sobre o obtido resultado das contribuições espontâneas, destinadas às nossas necessidades evangélicas. Os que desejarem ser citados nominalmente, queiram até lá manifestar-se neste sentido”.

Significativo é o resultado tornado público 14 dias mais tarde, e que foi o seguinte: “O que diz respeito às contribuições voluntárias até então recebidas, em benefício da nossa comunidade, as mesmas foram as seguintes:

- 1) Coleta feita pelo Sr. Zopf, e entregue a mim: 33 milréis e 960 réis
- 2) Entregues a mim pessoalmente: 6 milréis e 960 réis
- 3) Para a construção da igreja evangélica os lavradores de Santa Isabel enviaram, através do Sr. Hackradt e por intermédio do Sr. Sachleben, 31 milréis; para o mesmo fim, a viúva Jasper e Christoph Lucas já haviam doado, anteriormente, dois milréis cada um, importâncias entregues a mim.

A coleta da caixa de óbulos importa até hoje, de acordo com os livros do Sr. secretário Wendeburg, em 55 milréis e 780 réis; somando tudo, em 131 milréis e 560 réis.

Conforme quitações, houve as seguintes despesas: Pago ao Sr. Zopf por coletas: 5 milréis; pela orientação do coral e manutenção do cemitério: 6 milréis; para música sacra: 6 milréis.

Ao todo 17 milréis, de forma que continua o saldo de 114 milréis e

Documentos originais

ingesandt durch Herrn Hackradt über Sachtleben 31 Milreis, früher schon hatten zu demselben Behuf die Witwe Jasper 2 Milreis und Christoph Lucas ebenfalls 2 Milreis an mich abgegeben.

Die Einnahme aus dem Gotteskasten beträgt bis heute nach den Büchern des Herrn Secr. Wendeburg 55 Milreis 780 Reis, Summa 131 Milreis 560 Reis.

Augegeben wurden laut vorliegenden Quittungen: an Herrn Zopf für Einsammeln 5 Milreis, für Vorsingen und Instandhaltung des Kirchhofes 6 Milreis, für Kirchenmusik 6 Milreis.

Im Summa 17 Milreis, sodass ein Barbestand von 114 Milreis 560 Reis in der Kasse bleibt, zu dessen Verwendung die Gemeinde in einer heut über drei Wochen, am 25. Sept., stattfindenden Versammlung einen Rendanten und eine Kommission erwählen wolle, die im Namen der Gemeinde bestimmt, was zunächst für dieses Geld zu beschaffen ist.”.

Wahrscheinlich hat dann aber die für den 25. Sept. festgesetzte Versammlung zu keinem Ergebnis geführt. Wir hören nur, vier Sonntage später, von folgender Kanzelnachricht: “Der Christlichen Gemeinde zeige ich hierdurch an, dass Herr O. Zopf sein Amt als Vorsänger und Totengräber mit dem letzten September niedergelegt hat, dass also die Bewerbung um diese Ämter wiederum denen, die sich hierfür eignen, offen stehen”.

Von Schwierigkeiten ganz anderer Art berichtet die folgende Nachricht: “Einer Christlichen Gemeinde teile ich hierdurch mit, dass, um die endgültige gesetzliche Gültigkeit der von protestantischen Geistlichen geweihten Ehen, evt. durch gesetzliche Einführung der Zivilehe, zu erlangen, ein Rundschreiben an alle evangelischen Gemeinde im Kaisertum Brasilien, d. h. der Entwurf einer das genannte betreffenden Bitschrift an den Hohen Kaiser im Hause des Herrn Kaufmanns Baumgarten zur Durchsicht und resp. Unterschrift ausgelegt ist”. Wer mag sich damals unterschrieben haben?

Am 1. Advent 1859 sagt P. Hesse der Gemeinde: “Freunde der Schule und alle, welche an den geistlichen Fortschritten unserer Schuljugend Anteil nehmen, lade ich hierdurch im Namen des Lehrers ein, der nächsten Donnerstag von früh 8 Uhr ab stattfindenden öffentlichen Schulprüfung beiwohnen zu wollen”.

Der Dienst P. Hesse blieb aber nicht nur auf das Itajaíal beschränkt. Am 20. p. Trin. 1860 sagt er nach der Predigt in Blumenau: “In Folge Aufforderung des Präsident dieser Provinz bin ich genötigt, die Kolonie Sta. Isabel und Theresopolis zu besuchen, um den daselbst wohnenden Evangelischen das geistliche Amt zu

560 réis em caixa, sobre cuja aplicação a comunidade deverá dispor dentro de 3 semanas, no dia 25 de setembro, na assembléia, quando deverá eleger um rendeiro e uma comissão, os quais deverão determinar em nome da comunidade, o que deverá ser adquirido com esse dinheiro”.

Aparentemente, na assembléia convocada para o dia 25 de setembro, não surtiu resultado. Ouvimos, apenas, quatro domingos mais tarde, a seguinte nota do púlpito: “Notifico à comunidade cristã, que o Sr. Zopf renunciou a os seus cargos de orientador do canto coral e de coveiro no último dia de setembro, de maneira que desde já podem candidatar-se a esses cargos aqueles que para os mesmos se prestem”.

Sobre dificuldade de natureza totalmente diversa, informa a seguinte notícia: “À comunidade cristã dou a conhecer que, a fim de obter a definitiva validade legal dos casamentos celebrados por sacerdotes protestantes, eventualmente através da introdução do casamento civil, assegurado por lei, se acha exposto para conhecimento geral e assinatura, na casa do comerciante Sr. Baumgarten, uma circular endereçada a todas as Comunidades Evangélicas do Império Brasileiro, contendo o esboço de um memorial no sentido acima anunciado, dirigido à Sua Majestade, o Imperador”. Quem teria, então, assinado o referido memorial?

No primeiro domingo de advento de 1859, Pastor Hesse diz à comunidade: “Convido, em nome do professor, os amigos da escola e a todos aqueles interessados no progresso espiritual de nossa juventude escolar a assistirem aos exames escolares públicos, na próxima quinta-feira, pela manhã, às 8 horas”.

O ministério do Pastor Hesse, porém, não ficou restringido ao vale do Itajaí. Após a sua prédica de 20º. p. Trin. de 1860, diz ele: “Atendendo a uma solicitação do presidente desta Província, vejo-me forçado a visitar as colônias de Santa Isabel e Teresópolis, a fim de proporcionar, aos ali residentes evangélicos, o amparo espiritual e para realizar os atos eclesiásticos precisos. Portanto, o culto habitual não se realizará nos próximos domingos. Como não me é possível determinar a data do meu regresso, anunciarei os próximos cultos após o meu retorno”. Foi, certamente, um cargo deveras exaustivo para o Pastor Hesse fazer estas longas viagens ao sul do nosso estado. Mas, ao servir a essas distantes povoações, bem mais velhas do que Blumenau, ele desfrutou real satisfação, e tais viagens ele as fez repetida-

bringen und die nötigen Amtshandlungen zu vollziehen. Der öffentliche Gottesdienst wird also hier an den nächsten Sonntagen ausfallen. Da ich die Zeit meiner Wiederkunft nicht genau bestimmen kann, werde ich die nächste Gottesdienste bekannt machen, sobald ich zurückgekehrt bin". Es war wohl für P. Hesse eine besondere Belastung, den weiten Weg nach dem Süden unseres Staates zu unternehmen. Aber er hat bei der Bedienung dieser noch weit älteren Siedlungen als Blumenau echte Freude erlebt. Diese Reise hat er verschiedene Male unternommen. Es war wohl auf der ersten Reise, dass er zum Abschied von S. Isabel folgende Kanzelnachricht verlas: "Der Christlichen Gemeinde, namentlich den Bewohnern von Theresopolis, mache ich hierdurch bekannt, dass ich genötigt bin, spätestens künftigen Donnerstag zureisen, dass sie sich also wegen der geistlichen Handlungen, die ich an ihnen oder ihren Kindern verrichten soll, in den ersten Tagen dieser Woche hierselbst einfinden mögen. – Nun noch ein Wort, ein letztes Wort, ein Wort des Abschiedes an dich, liebe Gemeinde. Ich scheid von euch mit dem lebendigsten, innigstem Gefühl der Dankbarkeit, sowohl für die reiche Freundlichkeit und Liebe, mit welcher ihr mich bei euch aufgenommen habt, aber auch besonders für die Freude, mit welcher ihr das Wort Gottes, welches ich euch brachte, empfangen habt, für den erzeugten Eifer, mit welchem ihr mir meine evangelische Wirksamkeit bei euch leicht, zu einer Arbeit der Freude machtet. Gott, der Herr der Kirche, nehme euch allezeit in seinen heiligen Schutz und gebe seinen Segen reichlich über euch alle!" Man spürt es diesen Abschiedsworten heute noch an, wie dankbar P. Hesse war.

Aber kehren wir zurück nach Blumenau! Kurz nach Pfingsten 1862 finden wir folgende Kanzelnachricht P. Hesses: "Die Christliche Gemeinde berufe ich um eine Gemeindeversammlung hierorts nach Beendigung des öffentlichen Gottesdiens auf heut über 14 Tage, in welcher die für das Wohl der Gemeinde wichtigsten Gegenstände zur Beratung resp. zur Beschlussnahme kommen sollen, namentlich:

- 1) eine Kirchen-Gemeinde-Ordnung – den Entwurf derselben werde ich der Beratung unterbreiten;
- 2) (von Punkt 1 abhängig) die Wahl eines Kirchenvorstandes;
- 3) eine Kirhhofsordnung.

Ich fordere deshalb die selbständigen Mitglieder der Gemeinde auf, sich möglichst zahlreich zu dieser Versammlung einfinden zu wollen, da auf spätere Einwendungen Nichterschienener durchaus keine Rücksicht genommen werden wird". Wir sehen, dass und wie sich P. Hesse bemüht, der jungen Gemeinde Gestalt

mente. Foi, provavelmente, por ocasião da sua primeira viagem que ele, ao despedir-se de Santa Isabel, leu o seguinte comunicado do púlpito: “À comunidade cristã, particularmente aos habitantes de Teresópolis, torno público que sou forçado a partir o mais tardar na próxima quinta-feira, de modo que deverão comparecer aqui nos primeiros dias desta semana, para a realização de batismos ou casamentos. E, ainda uma palavra, uma última palavra, uma palavra de despedida a ti, cara comunidade, separo-me de vocês com o mais vivo e íntimo sentido de agradecimentos, sobretudo pela expressiva cordialidade e amor com que aqui me receberam, mas também, e especialmente pela satisfação com que receberam a Palavra de Deus que eu vos trouxe e também pelo fervor demonstrado pela minha atividade evangélica, o que fez do meu trabalho junto a vocês um motivo de extrema satisfação. Deus, o Senhor da nossa Igreja, os tome sob sua Santa Guarda e vos dê as suas mais ricas bênçãos!” Ainda hoje sente-se nessas palavras de despedida o quanto era grato o Pastor Hesse ao seu Salvador.

Mas retornemos a Blumenau! Pouco depois de Pentecostes de 1862, encontramos o seguinte comunicado do púlpito de Pastor Hesse: “Convoco a comunidade cristã local para uma assembléia geral, aqui mesmo, após o término do culto público de daqui a 14 dias, quando deverão ser debatidos assuntos de máxima importância para a comunidade, particularmente”:

- 1) Um estatuto para a nossa comunidade, submeterei o esboço do mesmo para ser deliberado.
- 2) Eleição da diretoria (dependendo do item 1º).
- 3) Um regulamento da administração do cemitério.

Conclamo, por isto, os membros da comunidade para que compareçam a esta reunião em maior número possível, uma vez que não poderão ser consideradas quaisquer reclamações posteriores daqueles que dela não participarem”. Vemos como e de que maneira Pastor Hesse se esforçou para dar forma à jovem comunidade. Infelizmente, muitas vezes, verificaram-se inesperados obstáculos para a realização das anunciadas assembleias. Tais obstáculos caracterizavam-se especialmente com enchentes ou batismos e enterros imprevistos. Assim, por exemplo, lê-se um comunicado: “A reunião do conselho paroquial não se realizará hoje devido a importantes atos oficiais; por isto, solicito aos membros da comunidade, de maneira

zu geben. Leider gab es oft unerwartet Hindernisse für angekündigte Versammlungen. Zu diesen Hindernissen gehörten insbesondere Hochwasser und unvorhergesehene Amtshandlungen. So heisst es z. B. in einer späteren Abkündigung: "Die Versammlung des Kirchenrat-Ausschusses muss heute wegen dringender Amtsgeschäfte ausfallen; deshalb ersuche ich die Gemeindeglieder ebenso dringend als freundlich, teils die etwa rückständigen Beitrag an Herrn Kirchenkassierer, Rendanten C. Meyer hierselbst möglichst bald zu zahlen, teils auch auf die neu zugekommenen Mitglieder dahin einzuwirken, dass auch sie ihr Scherflein für den Bestand unseres kirchlichen Gemeindesystems freundlich und willig besteuern. Auch die kleine Gabe und Witwe hat Gott lieb, und der Dank Gottes ist kräftiger und segensreicher als tausend Worte der Menschen".

Es bedrückt doch, wenn man hört, welche Mühe P. Hesse um die Finanzen der Gemeinde hatte. Ohne den finanziellen Beistand der Kaiserlichen Regierung wären wohl die finanziellen Schwierigkeiten nicht besiegt worden.

Und nun noch eine Mitteilung. Am 16. Sonntag p. Trin. 1863 hörte die Gemeinde aus dem Munde ihres Pfarrers die folgende Nachricht: "Immer dringender und unabweisbarer tritt uns das Bedürfnis entgegen, eine eigene Kirche zu besitzen; das weiss und sieht jeder Einzelne. Ich ersuche deshalb alle Glieder unserer evangelischen Gemeinde sich heute über acht Tage, am 4. Oktober, nach beendigtem öffentlichen Gottesdienst in diesem Lokale zu versammeln, um das Erforderliche zu besprechen und freiwillige Beiträge zu zeichnen. Ich bemerke dabei schon im Voraus, dass für den Notfall eine Frist von zwei Jahren bis zur vollen Einzahlung der Beiträge gegeben wird und dass auch Hand- und Spanndienste sowie Lieferung von Material mit Dank als solche Beiträge angenommen werden".

Fünf Jahre nach dieser Versammlung konnte der Grundstein der gegenwärtigen Stadtkirche gelegt werden. Neun Jahre später wurde sie eingeweiht. P. Hesse hat in seiner Festpredigt gesagt, dass die Gemeinde der Kaiserlichen Regierung zu grossem Dank verpflichtet ist. Ohne die Hilfe der Regierung wäre das Werk nicht vollendet worden. Das verpflichtet uns heute noch. Wir schliessen unseren schlichten Bericht mit der Bitte zu Gott, dass es in unserm Gotteshaushier nie fehlen möchte an Menschen, die hungern nach dem Worte Gottes und an Predigern, die die Gemeinde recht weiden.

Pastor Rolf Duebbers.

cordial e urgente, a pagarem as suas contribuições atrasadas ao sr. tesoureiro, rendeiro C. Meyer, quanto antes, como também influírem sobre os novos membros para que também eles contribuam com o seu óbulo, espontaneamente e com prazer, para a manutenção da nossa comunidade. Deus também sabe apreciar a modesta dádiva da viúva, e o agradecimento de Deus é mais substancial e abençoado do que milhares de palavras humanas”.

Constrange-nos quando vemos quantas preocupações Pastor Hesse tinha em relação às finanças da comunidade. Sem o auxílio monetário do governo imperial, certamente as dificuldades financeiras não teriam sido superadas.

E agora mais uma notificação. No 16.º domingo p. Trin. de 1863 a comunidade ouviu através do seu pastor a seguinte notícia: “Defrontamos constantemente com a premente necessidade da possuímos uma igreja própria, todos o sabem e vêem, por isto solicito a todos os membros da nossa comunidade evangélica que, daqui a 8 dias, no dia 4 de outubro, após o término do culto público se reúnam neste local, a fim de debater o necessário e subscreverem contribuições voluntárias. Antecipadamente desejo esclarecer que, em casos especiais conceder-se-á um prazo de dois anos para a integralização das contribuições e que também serão aceitos, reconhecidamente, mão de obra e serviços de carreto, como também fornecimentos de materiais”.

Cinco anos após essa memorial assembléia, pôde ser lançada a pedra fundamental da atual igreja paroquial. E nove anos mais tarde foi inaugurada a igreja. Na sua prédica de inauguração, disse Pastor Hesse que a comunidade devia grandes favores ao governo imperial, pois, sem o seu auxílio, a obra não teria sido concluída. Isto ainda hoje nos impõe obrigações.

Concluimos o nosso modesto relato com um apelo a Deus, para que nunca faltem à nossa Igreja homens que anseiem pela Palavra de Deus e para que também nunca faltem pregadores que tragam a Sua Palavra à Comunidade.

“O santo guerreiro versus o grande dragão vermelho da maldade”

Willian Spengler¹

Artigos

**A “Cruzada”
Anticomunista
desenvolvida
pela imprensa
jornalística na
região de
Blumenau –
1960-1965**

*O Brasil jamais será comunista...
...se em cada brasileiro encontrarmos honestidade
moral!²*

1. “Em guarda contra o Dragão Vermelho”

– *Representações anticomunistas sobre o comunismo: uma discussão teórica*

“Pela sobrevivência e liberdade dos povos!”. Esse foi o nome de uma série de dez palestras publicadas pelo periódico semanal Ronda, editado na região de Blumenau na década de 1960, que em suas crônicas procurava levar aos seus leitores assuntos de interesse constante, mas que, entretanto, sob o título acima exposto, abordaria um assunto “não de interesse regional, nem tampouco prendendo-se aos fatos corriqueiros, mas sim de um problema de importância inegável e de âmbito universal: a ação nefasta do comunismo, presente em nossa região”. É justamente o anticomunismo pregado pelos jornais da região de Blumenau-SC, nos anos de 1960 a 1965, o foco da presente pesquisa.



¹ Graduado em História e Direito, pós-graduado em Educação pela UFRJ.

O interesse pelo tema surgiu após observar-se nos corredores da Organização Militar existente na cidade de Blumenau-SC, mais especificamente em seu arquivo fotográfico, algumas cópias de jornais, impressos na região, datadas de 1964, ovacionando os “defensores da democracia ocidental cristã”, os verdadeiros “protetores da Pátria” e, por sua vez, cópia de jornais daquele mesmo ano trazendo à tona a prisão de “elementos subversivos de tendência esquerdista”, colaboradores do “mal vermelho”, representado pelo comunismo. Isso fomentou a leitura de livros e textos que tratassem a respeito dos chamados “anos de chumbo”, assunto praticamente ignorado nos interiores das casernas. Afinal, aqueles recortes de jornais expostos seriam “vozes únicas”, ou existiria todo um arcabouço de idéias que defendiam e “fundamentavam” tal discurso? O “fantasma comunista” fora combatido na região de Blumenau? Toda a imprensa da época era “moralmente correta”, “defensora das causas patrióticas”? O que teria de tão “dantesco” no regime representado pelo comunismo que faria a “pátria ruir”? Por que os idosos afirmavam que os comunistas “eram maléficis” e “comiam criancinhas”?

Talvez por se constituir um dos temas mais traumáticos da história nacional recente, o assunto ainda é considerado por muitos como um “tabu”, principalmente por aqueles que tiveram uma participação direta, seja no lado dos “bondosos azuis”, os “santos guerreiros”, seja no lado dos “representantes do mal”, o “grande dragão vermelho da maldade”. Ademais, de que forma os leitores se posicionavam frente ao “arsenal anticomunista” de que se utilizavam os jornais blumenauenses no final dos anos 50 e na década de 60?

Investigar as formas pelas quais se realizou o combate ao comunismo na região de Blumenau-SC - significa, necessariamente, trabalhar com todo um imaginário coletivo, composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, substrato ideológico mantido pela comunidade. É por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro, como assinala BACZKO (1985, p. 312): “o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determi-

nada maneira. Esquema de interpretação mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão de um sistema de valores e inter-vém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em casos de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum”.

O imaginário anticomunista pode ser definido como um conjunto de representações construídas e utilizadas por diversos setores, entre eles a imprensa, para interpretar a realidade e os problemas vividos pela sociedade como um todo ou pelas instituições, no tocante ao período analisado – 1960-1965. Assim sendo, tal imaginário possibilita uma série de questionamentos às fontes e o levantamento de várias reflexões no sentido de relacionar o anticomunismo com as representações e as práticas, analisando o processo de construção e de atribuição de uma identidade aos comunistas, o papel desempenhado pelo anticomunismo.

As representações que perpassam esse imaginário, apreendidas nos jornais analisados, contrapõem a identidade que os anticomunistas, eminentemente cristãos, construíam de si mesmos e aquela atribuída aos comunistas. Isso era expresso em termos de valores éticos morais: bem e mal, certo e errado, humano e desumano e, principalmente, divino e diabólico. As representações relativas à identidade, às ações e aos projetos dos comunistas elaboradas pelos que os combatiam eram variadas, ainda que girassem, nos dizeres da professora Carla Simone RODEGHERO (1998, p. 23), “em torno de um eixo comum: a defesa da sociedade ocidental e cristã frente à expansão do comunismo”.

Assim sendo, o uso social das representações e idéias criam sujeitos. Sujeitos que em meados de 1960, em Blumenau, eram verdadeiros “cruzados, na jornada contra o comunismo, ostentando a bandeira livre de nosso país, não permitindo que firme o pé em nossa pátria o monstro soviético”⁴, verdadeiros “santos guerreiros” – relembrando as expedições militares promovidas durante a Idade Média pelos reinos cristãos do Ocidente, com o objetivo de resgatar os lugares santos – contra aqueles que “fazem parte de um polvo minúsculo, que vai estendendo seus tentáculos à medida que cresce, só se revelando em toda a hediondez quando não mais se possa exterminá-lo”⁵, representantes do “Grande Dragão Vermelho da Maldade”.

As representações sobre o comunismo e os seus defensores, sobre suas ações e projetos, tinham uma função que transcendia a percepção e a interpretação da realidade, já que não estavam desvinculadas da prática. Nesse sentido, CHARTIER (1990, p. 16) afirma que as representações “organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apropriação do real, mas ao mesmo tempo, produzem estratégias e práticas”. O imaginário – entendido como uma representação global ou um conjunto orgânico de representação – também assume esta dupla função: interfere nas práticas dos indivíduos ou instituições; forja sentidos, identidades; define comportamentos; inculca valores; atribui méritos; corrobora ou condena atitudes, dele derivando “uma poderosa força de instauração ou de legitimação do social” (RODEGHERO, 1998, p. 23). Ademais, o imaginário propõe “estereótipos e paradigmas que são apresentados como verdades, definindo-se alguns papéis como naturais e desqualificando-se outros considerados inconcebíveis”.

É importante entender qual era o alvo das críticas e das ações dos jornais anticomunistas cristãos – sendo o mais ferrenho o *Jornal Ronda* – ou seja, identificar como eram representados os “inimigos”, pois definindo isso, pode-se estabelecer os parâmetros da identidade do ser cristão, em oposição a dos comunistas e dos seus seguidores. Para a definição de uma identidade, segundo ORTIZ (1985, p. 138), “exigem-se dois pontos de referência: um externo, que possa servir de parâmetro para o estabelecimento das diferenças, e outro interno, composto de elementos comuns, que possam identificar algo, seja um grupo, uma determinada forma ou uma cultura”.

A constituição de identidades é um dos papéis do imaginário por meio do qual os grupos sociais elaboram certas representações de si e dos outros. Valendo-se de uma pesquisa sobre a construção da imagem carismática de Stalin, BACZKO (1991, p. 135) conclui que o imaginário “também aproveita o jogo de espelhos entre a representação do inimigo e a representação dos vencedores”. Este jogo de espelhos pode ser percebido, no caso da “cruzada anticomunista blumenauense”, pelas freqüentes confrontações entre quais seriam as características dos comunistas (ateus) e quais dos anticomunistas (cristãos).

A necessidade de combater o comunismo, de acordo com um artigo publicado em 1962, justificava-se, pois se tratava de uma “ideologia drásti-

ca desumana e cruel. Uma idéia hedionda, maligna e nefasta, e que somente poderia ser solucionada pela vivência dentro da orientação social-cristã”⁶. O comunismo, nesse sentido, representava um perigo ao ordenamento jurídico-moral. Assemelharia-se a outras modalidades de mal que, moral e juridicamente não podiam ser aceitas, devido a sua hediondez, tais como o homicídio.

O comunismo teria como característica básica o ódio, em oposição ao amor cristão. Em uma carta publicada em 1962, trazida pelo bispo da região, o “santo padre” João XXIII, manifesta seu “particular interesse pelos problemas da América Latina, onde ao lado de uma antiga, geral e esplêndida fidelidade à Santa Igreja, não escasseiam perigos e insídias que vão desde o difundir-se de superstições e seitas, até o drama sombrio de uma nação inteira atraída por uma revolução que, parecendo nascida sob o signo de grande esperança, acabou por atirar os cidadãos nas duras malhas do marxismo materialista e impiedoso”⁷. A carta ainda menciona que “nenhum edifício social pode ser solidamente construído se não tiver como alicerce o respeito aos princípios morais e aos preceitos da Lei de Deus”. No mesmo exemplar, a matéria principal tinha como título “Sempre Vigilantes Contra o Comunismo Ateu”. Esta contraposição entre luz e trevas, entre moral e amoral, amor e ódio, servia para estabelecer as distinções fundamentais entre o cristianismo e o comunismo e, por conseguinte a incompatibilidade tão fortemente defendida.

O imaginário anticomunista expressava-se por meio da intensa utilização de elementos simbólicos, formulando definições que se apropriavam, na maioria das vezes, de expressões com sentido conotativo. Algumas delas mostram-se bastante presentes nos periódicos analisados, entre elas, a do diabo, do demônio e de Satanás, bastante utilizadas para identificar os comunistas. Falava-se no *mal vermelho*, no *monstro soviético*, no *Grande Abutre*, no *Grande Dragão*, no *lixo subversivo*, nas *forças do mal*, nas *trevas de uma ditadura desumana e cruel*, nos *diabos vermelhos*, além de outras inúmeras alcunhas.

O apelo a imagens com forte conteúdo simbólico tinha como objetivo provocar um impacto maior nos leitores e demarcar bem o campo dos posicionamentos: o cristianismo e a Igreja com Deus; os “comunas” – chamados assim pelos cristãos autores dos diversos artigos – com o diabo. A recorrência à imagem do diabo tinha a ver, segundo o pensamento de OLI-

VEIRA (2000, p. 32), “com a tradição cultural, ocidental e cristã, na qual os intelectuais católicos buscavam elementos para enfrentar os inimigos que se contrapunham à Igreja”.

A recriação e o reaparecimento de determinados símbolos em épocas e locais diferentes, com novos sentidos, dão significados mais precisos a certos referentes, como é o caso da imagem do diabo. Este assumia certas funções, corporificando ações que mudavam de uma época para outra, e representava, no momento em questão, um inimigo a ser combatido, possuidor de características próprias. O comunismo era um demônio semelhante e, ao mesmo tempo, diferente de outros que a Igreja já combatera: representava a força do mal que estivera presente no mundo desde a criação e do pecado original, mas tinha características próprias e atuais, difundidas com clamor pela imprensa jornalística, como o **ateísmo** e o **materalismo**, o objetivo de **destruir a família**, a propriedade privada e a pátria, de querer usurpar todas as “conquistas da civilização cristã”. Por tudo isso, era considerado o inimigo mais poderoso de todos os tempos. “Satanizar o inimigo” revelava-se assim, numa grande estratégia vencedora de “marketing”.

A relação entre o diabo e o comunismo também foi estabelecida pelo arcebispo de Diamantina, D. Geraldo Proença Sigaud, ligado à Sociedade Brasileira para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade, mencionado no jornal *Ronda* em outubro de 1964. Seu livro intitulado *Catecismo anticomunista* contém 102 perguntas, bem como as respectivas respostas, sobre o comunismo. Já na resposta à primeira pergunta, “O que é comunismo?”, o autor utiliza-se da imagem do diabo: “o comunismo é uma seita internacional que segue a doutrina de Karl Marx e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na Lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo” (SIGAUD, 1963, p. 5). Em resposta a outra pergunta sobre quem seria o inventor desse regime, segue-se “quem inventou esse regime foi Satanás, que sabe que o melhor meio de levar os homens à perdição eterna é fazê-los rebelarem-se contra a ordem constituída por Deus”.

Segundo CHARTIER (1993, p. 407), a imagem pode ser analisada pelos historiadores sob diferentes ângulos, como “transmissora de mensagens enunciadas claramente que visam seduzir, convencer, e [como] tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas para que ela seja

compreendida, recebida, decifrável”. Nesse sentido, pode-se depreender que o uso da imagem do Satã permitia a transmissão de certas mensagens, como o perigo da condenação, a maldade dos comunistas, o futuro negro da pátria, etc. Por outro lado, tal uso se baseava em convenções conhecidas no âmbito do cristianismo e do catolicismo, o que possibilitava que os destinatários decifrassem seu conteúdo e significado.

As palavras do Prof. Carlos Nogueira destacam, de modo ímpar, a utilização de todo o imaginário satânico, “ferramenta” também forjada pelos folhetins blumenauenses: “o Demônio representa a oposição fundamental, dialeticamente relacionada como *ethos* dominante, ao qual se opõe virtualmente, freqüentemente como força de rebeldia. A construção da elite dirigente de uma mitologia satânica ao longo do Cristianismo, implicou em um monumental esforço de reconhecimento do Inimigo, de suas formas e possibilidades de sua atuação, em paralelo a pia tarefa de identificação de seus agentes, ou seja, daqueles que embora inseridos no rebanho dos fiéis, secretamente tramavam para a sua perdição” (NOGUEIRA, 2000, p. 12).

É importante ressaltar também que outras imagens eram utilizadas para identificar os comunistas, relacionadas com monstros, abutres, polvos, serpentes e dragões. Determinadas características atribuídas a tais animais, eram transferidas para os comunistas, como infestar o ambiente e prejudicar a saúde; alimentar-se de carne decomposta e dos povos escravizados; ser astuto, falso e corrupto; ter tentáculos longos que atingem o mundo inteiro; ser animal traiçoeiro, nocivo, ligado ao mal.

Se em algumas situações os comunistas eram identificados com certos animais, em outras, eram colocados abaixo desses: “podemos conviver com qualquer homem, mas nunca com os comunistas, pois eles perderam há muito a condição humana. Entre um animal irracional e um comunista, a diferença reside em que aquele não consegue falar”⁸.

Além dos símbolos utilizados para caracterizar o comunismo e os comunistas, a documentação analisada revela uma série de adjetivos que qualificavam o *inimigo*. Entre esses, destacam-se: “lacaio do Kremlin”, “verdugos de Nikita Khrushchov”, “bugres soviéticos”, “patrocinadores do terror”, “promotores da miséria”, “ateus”, “traidores”, “lixo a ser limpo”, “opositores da democracia”, “agentes vermelhos”. Com base nessas designações, pode-se destacar algumas idéias-chaves: os comunistas orien-

tavam suas ações por sentimentos irracionais, guiados por um grande chefe (o Diabo); teriam por objetivo escravizar a população e destruir as instituições vigentes; a maldade seria a marca de sua existência; apesar de perigosos, seriam seres inferiores, o lixo imundo da sociedade.

Inúmeras atividades e táticas eram atribuídas aos comunistas, as quais, segundo os “cruzados”, eram praticadas para alcançarem seus objetivos. Essas aparecem nas notícias dos jornais, nos editoriais e em artigos de opinião. Segundo esses, os comunistas teriam como alvo de suas ações a juventude, os operários e, cada vez mais, os necessitados. Como forma de solucionar o “problema”, Paulo de Tharso, um dos principais “cruzados” na campanha por ele mesmo chamada de “anti-comunista”, escreve:

A solução do problema está em darmos um pouco mais e não procurarmos “receber” tanto. Vamos entrar em detalhes, com um exemplo: o Chico⁹ é advogado. Até aí, nada de mais. Mas por que tem tantos clientes? Como pode viver, se as suas causas pouco rendem? Como se sustenta, se sua capacidade profissional é bem medíocre? A resposta é clara – o Chico Comunista consegue tudo isto, por que ele não cobra pela “tabela”. É isto mesmo – ele cobra conforme o cliente, e quando este não pode pagar, é atendido do mesmo modo. E ele ganha um amigo, consegue mais um elemento sobre o qual vai verter toda a sua propaganda comunista. Os outros cobram, às vezes preços altos para a bolsa do pobre. E o pobre então corre para o Chico.

Em breve teremos outros Chicos. Poderão variar de profissão, abrangendo assim um campo bem maior em nossa comunidade. Virão médicos, engenheiros, professores, e toda uma sorte de elementos, dispostos a prestarem “assistência social”, à “ampararem o proletariado”, tudo dentro das normas comunistas. E no dia em que esta terra for pisada pelas botas de Moscou iremos por as mãos na cabeça e lamentar o que não fizemos por comodismo. E talvez seja tarde, muito tarde. Ainda que voltemos ao gozo de nossa liberdade, a mancha de nossa imprevidência, de nossa incapacidade de debelar o mal, estará sempre presente em nossa memória. Graças a Deus, o problema em nossa região ainda está em embrião, e é possível extirpá-lo.

Os hipócritas aí estão, e continuarão por muito tempo, causadores eles próprios de nossos temores e aflições, pois o comunismo é culpa de nossa desatenção com referência aos miseráveis, que, justamente, se revoltam contra um estado de coisas insustentável.

Homens de Blumenau e do Vale do Itajaí! Auxiliem os que precisam e assim estarão colaborando para debelar o mal vermelho¹⁰.

“Equação vermelha: foice mais martelo igual a Chico” foi o principal destaque jornalístico da capa de um periódico de 1962, que complementava:

Absurdamente, incrivelmente, mas aconteceu aqui mesmo nesta cidade de Blumenau. Para quem quiser ver e para quem estivesse interessado em ler. Trata-se da pichação dos muros e paredes, com a colocação do nefasto e indecente símbolo comunista, a foice e o martelo, acompanhados do surrado slogan: Cuba, sim! Yanques não! Viva Fidel! Tudo dentro da mais perfeita técnica confusionista, tudo no mais alto estilo comunista. A tétrica sigla vermelha foi apostada em locais onde pudesse ser bem vista e demonstrasse a operosidade da célula comunista de Blumenau, sempre ativa, mal'grado a opinião de meia dúzia de imbecis-mentais, que por várias vezes nos disseram que estávamos vendo fantasmas¹¹.

O itinerário simbólico para a construção do imaginário social depende, assim, do fluxo comunicacional entre o emissor (o que irradia uma concepção de mundo integrada a seus objetivos estratégicos) e o receptor (que a decodifica ou não). São pólos inseparáveis do circuito estruturador dos sentidos. No estudo em questão, o jornal e o leitor.

2. “A cruz e a espada versus a foice e o martelo” – *O combate ao comunismo pelo Jornal Ronda*

O papel da imprensa jornalística foi fundamental na construção e explicitação da identidade atribuída ao comunismo e às ações e projetos imputados aos comunistas. A análise da documentação possibilita a observação do uso de várias estratégias editoriais, que visavam atrair a atenção dos leitores e convencê-los sobre certas idéias. Todos os assuntos referentes ao “anticristianismo” faziam parte das capas dos jornais blumenauenses da época, com letras “garrafais” destacando o tema. No mais contundente dos periódicos – *Ronda* – as “nefastas ações subversivas” tinham praticamente uma página cativa em todos os exemplares, cuja publicação era semanal.

Antes de se verificar a contundente ação deste semanário, mister se faz lembrar que o anticomunismo é um fenômeno complexo, que precisa ser estudado, segundo Bonet (1986, p. 34), “à luz do movimento histórico, de acordo com as condições do país onde ele se manifesta e em relação aos

ideais nos quais se inspira”. Além disso, quando se fala em anticomunismo, é preciso ter presente que ele extrapola o recorte aqui efetuado, tendo se manifestado em outros momentos, não apenas no que está sendo estudado aqui – 1960-1965 – além de não ter acontecido apenas na região de Blumenau ou no Brasil. Ainda, o anticomunismo desse período convivia com outras manifestações de natureza semelhante, construídas e divulgadas por grupos, instituições e indivíduos envolvidos num contexto maior.

Tal atitude provinha de períodos anteriores à década de 60. O processo de abertura política que desencadearia a chamada redemocratização, em 1945, anunciava uma ruptura: o fim do Estado Novo e o início de um outro tempo, a Democracia. A legitimidade do governo eleito partia dessa distinção. Segundo AZEVEDO (1996, p. 36), “para o governo Dutra e o projeto político que ele representava, em meio a diferentes concepções acerca do novo, era preciso controlar a definição dos limites da ordem (a democracia)”. No discurso oficial, Democracia significava estritamente a aplicação e cumprimento das leis e o funcionamento das instituições da democracia representativa. Nessa esfera deveria ser contida toda ação política da sociedade; fora desta, tudo se procuraria identificar como desordem e subversão. Ainda de acordo com AZEVEDO, “no anúncio desses limites teve lugar a escolha de um inimigo oficial, um Outro absoluto que assinalasse a fronteira de marginalidade do sistema, servindo de parâmetro para apontar o desviante. Esse Outro era o comunista, eleito símbolo da Desordem”.

A imagem do comunismo internacional era aglutinadora: se comunismo era toda desordem, aquela democracia instaurada era a única alternativa. Como imagens dicotômicas, as dualidades, ao esgotar a possibilidade de alternativas, encerram o desejo de homogeneização do comportamento humano. A construção de uma negatividade absoluta – o dragão vermelho – permitia que os órgãos de segurança fossem mobilizados para uma missão de larga envergadura: mantendo-se em permanente vigilância, encontrar e destruir todos os focos de subversão da ordem.

Naquela conjuntura, a deflagração da chamada Guerra Fria, com a divisão do mundo em dois blocos antagônicos, promovia uma mobilização de todo o aparato de segurança para uma guerra no front interno, desencadeando uma tensão própria aos períodos de confronto militar. No Brasil, a cassação do registro do PCB, legitimando a tese da incompatibilidade entre

o comunismo e a democracia, respaldou o combate ao inimigo na “Guerra Fria verde-amarela”.

Retornando ao anticomunismo blumenauense, sua mais poderosa “espada” – o periódico *Ronda* – surge no início da década de 1960, com circulação semanal (por vezes irregular), e logo no seu terceiro número, inicia uma série de seis crônicas a respeito do “Comunismo no Vale do Itajaí”, escritas por Paulo de Tharso. No último capítulo da série, o escritor afirma que sua pretensão sempre foi “abordar o assunto dentro de um prisma analítico, sem atacar pessoas, limitando-nos a citar fatos, dentro do possível, para que o povo saiba aquilo que as autoridades já sabem”. Conclui que o comunismo não pode e não deve dominar e, caso venha a dominar, será por pouco tempo, pois o Brasil é grande e “não hão de faltar brasileiros dispostos a lutar contra os Chicos e os Erwins”¹². Posição esta no mínimo contraditória, para aquele que afirmara “não atacar pessoas”. Esta crônica final prossegue com uma série de “esclarecimentos” sobre a vida cotidiana do povo russo, “onde a maioria dos antigos habitantes já foi passada em armas, criados na sombra do medo”, o que justificaria a sua vivência inerte sob a égide de um “regime totalitário”. Tharso não só explana sobre o “problema”, mas também aponta a solução para o mesmo: a vivência nas regras da orientação social-cristã. Finaliza seus escritos propondo que os leitores tirem suas próprias conclusões sobre o assunto. Entretanto, deixa uma pequena mensagem, em letras maiúsculas: **“O Brasil jamais será comunista... ..Se em cada brasileiro encontramos honestidade moral”**.

Na edição seguinte, sob o título “Ainda o Problema Comunista”, o escritor volta a tratar do assunto, em face de “algumas impressões colhidas sobre o número passado”, no tocante ao grau de penetração da matéria. O escritor relata uma grande satisfação com esta “pesquisa”, pois o saldo “havia sido muito favorável”, o que demonstra que o periódico tinha atingido um determinado público-alvo com as suas matérias. Volta a frisar que o cunho do periódico era o de “apresentar a realidade”, de “provar a existência do mal”. É neste artigo que encontra-se pela primeira vez o termo “campanha anti-comunista”, o que deixa claro os objetivos das palavras escritas. Exemplifica o caso de “Chico Comunista” e sua “mascarada assistência social”, que seria uma “tática para difundir a propaganda comunista”. Ainda neste artigo encontra-se a primeira instigação ao povo em combater o

Ainda o Problema Comunista

Continuação de texto
 Para os países ocidentais, a ameaça do comunismo é real e atual. Não se trata de uma ameaça distante, mas de uma ameaça que se apresenta sob a forma de um problema concreto. O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão.

A ameaça do comunismo não se limita aos países ocidentais. Ela se apresenta também nos países em desenvolvimento. O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão.

O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão. O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão.

O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão. O comunismo é uma ideologia que se propõe a destruir a sociedade humana tal como ela é, substituindo-a por uma sociedade baseada na exploração e na opressão.

GASPARENSE

10 DE
OUTUBRO

Lembra-te deste Nome

**GLAUCO
BEDUSCHI**

VISITE BLUMENAU,
"Cidade-feira de artigos
do Vale do Itajaí"

pretensão era "mostrar, sem disfarces e com a máxima honestidade, o perigo que os países livres correm e as ameaças que visam aniquilar a liberdade dos povos". Ressalta o que seriam pontos da teoria comunista: "devemos fazer o máximo possível a favor do movimento anti-religioso, não só na URSS, como também nos países capitalistas. É o próprio Lenine quem diz: 'a luta contra a religião não deve ser limitada nem reduzida à predicação abstrata e ideológica'". Eram as primeiras menções ao ateísmo e a "anti-religião", características de todos aqueles simpatizantes e coniventes com a causa comunista. Finaliza sua primeira palestra apelando para um nacionalismo xenófobo: "o Brasil é um país livre e seu solo não nos foi entregue incólume por nossos antepassados para ser pisado pelas botas dos verdugos de Nikita Sergein Kruschev. Temos o dever moral de entregá-los aos nossos descendentes como a recebemos"¹⁴.

Importante ressaltar que nesta mesma edição, encontra-se o primeiro artigo escrito em defesa do "mal vermelho", de autoria do Sr. Herbert Georg,

comunismo, o "mal vermelho", bem como um dos slogans que mais seriam usados até 1965: "o preço da liberdade é a eterna vigilância"¹³.

Aproveitando o êxito alcançado pela série de crônicas, o décimo primeiro exemplar do periódico inicia uma série de dez palestras intitulada "Pela Sobrevivência e Liberdade dos Povos!". Era também slogan muito usado durante a "cruzada", escrito por um oficial do exército, Roberto Jenkins de Lemos. Sua

advogado militante em Blumenau, com o título “O Socialismo e a Justiça Social”. O autor inicia suas palavras indagando aos leitores o que seria o socialismo e o que seria a justiça social. Prossegue seus escritos afirmando que

o Socialismo nada mais quer, senão, tornar o ser humano verdadeiramente Homem, isto é, um ser racional. Quer que o homem saiba quem ele é, qual a sua origem, e qual a sua posição na natureza, na família, no agrupamento social que mais perto o cerca, na nação e na humanidade. O socialismo quer que todos os homens trabalhem e possam viver condignamente com o produto do seu trabalho. Quer que o trabalho do homem seja racional, que vise o Bem e a Prosperidade comum, e que os benefícios dessa prosperidade a todos beneficie igualmente. A concretização dessa meta os socialistas chamam de Justiça Social¹⁵.

À primeira vista, parece estranho que o periódico cristão ceda suas páginas à utilização do seu “inimigo”. Entretanto, ao concluir seu artigo, Georg inverte o ônus da prova no tocante ao cerceamento de direitos, mencionado pelos escritores pró-anticomunismo como sendo um dos reflexos “perigo vermelho”, e explica o porquê desta cessão.

O homem instruído poderia reivindicar seus direitos? Então é preciso evitar que ele se instrua. Não é possível, no todo, evitar que se instrua? Então proporcione a ele a instrução que sirva para manter e justificar os seus privilégios. Conseguiu ele, de qualquer maneira, compreender as injustiças? Compre-se a sua consciência. Não é venal? Elimine-se. Ele quer a todos transmitir os seus conhecimentos? Proíba-se ou destrua-se os seus livros. Ele escreve nos jornais ou fala pela rádio? Ameace-se os jornais e as emissoras com a retirada dos anúncios de propaganda, que constituem a vida desses meios de transmissão. É preciso dar uma aparência de liberdade? Deixe escrever um ou outro artigo no jornal, ou falação pelo rádio. Assim as mentiras sofisticadas em verdades se tornam mais acessíveis. Ou julgam os leitores que me seja permitido publicar outros artigos como este?¹⁶

De forma a isentar-se de toda e qualquer responsabilidade, a redação do Jornal, imediatamente abaixo do artigo “inimigo”, publica uma nota (em letras maiores que as do artigo): “Os artigos constantes nesta seção são de inteira responsabilidade dos signatários. Nós, da direção do Jornal RONDA, podemos concordar ou discordar dos conceitos aqui emitidos. Em se tratando de uma seção de debates, caberá a nossos leitores formarem opinião favorável ou desfavorável, concordarem ou rebaterem os mesmos”¹⁷.

As palestras escritas por Roberto J. de Lemos prosseguem alertando

sobre as “ameaças à democracia”, utilizando uma série de termos pejorativos para identificar os comunistas. No quinto artigo, aparece o termo “cruzada”, para designar a campanha contra “a hediondez e a maldade”. Nesse mesmo texto, Lemos aborda as razões que fariam do Vale do Itajaí um alvo para os “dragões”:

1ª - uma região produtiva e ordeira como é o nosso Vale do Itajaí, é um alvo altamente apetitoso para os projetos comunistas, no trabalho de agitar, desorganizar a comunidade, e atendem para o seguinte: embora poucos, existem indivíduos neste Vale com tendências francamente comunistas, e se até agora não começaram a agir, é porque aguardam o momento propício. A União Blumenauense de Estudantes já recebeu novo envelope da União Soviética, propondo intercâmbios e coisas mais que, graças ao discernimento e compreensão dos estudantes deste Vale querido, não surtiu o menor efeito. Este jovens estão perfeitamente entrosados dentro do real espírito de brasilidade, ciosos e vigilantes de nossas liberdades, valorizando-o bastante, para não permitir que os imundos e covardes agentes soviéticos a degradem. Lembrem-se de que o preço da liberdade é a eterna vigilância – de modo algum podemos ficar indiferentes.

2ª - devemos olhar friamente para o futuro. Somos guardiões de um grande país, onde há imensas riquezas, enormes áreas inexploradas, possibilidades inesgotáveis¹⁸.

O autor ainda reduz o povo brasileiro a pessoas ignorantes e sem instrução, com pitadas de um “darwinismo social” que nos remete aos viajantes que estiveram no Vale no final do século XIX:

Nosso povo, ingênuo, bondoso, crédulo e pouco instruído, produto do cruzamento de raças mestiças, fatalistas e resignadas, ainda não alcançou a maturidade política e dificilmente vê como perigosas as nuvens que se acumulam. Um país de legislação como o nosso querido Brasil, onde as leis penais são indulgentes, tanto na repressão como nas pequenas, onde, a rigor, não há leis que caracterizem crimes contra o Estado; um país onde a entrada, permanência e saída de estrangeiros se processa de maneira a mais fácil; nação onde o acúmulo de erros do passado a torna presa fácil e indefesa de doutrinas extremistas; um país de legislação liberal como o nosso querido Brasil, precisa da proteção segura das elites intelectuais, de mentalidade sã, de olhos que vejam por ele, de ouvidos que ouçam longe, de malícia que o livre da escravidão e de dedicação ilimitada, que lhe permitam gozar deste bem supremo que se chama liberdade¹⁹.

E conclama: *“seja você caro leitor, mais um cruzado nesta jornada! Empunhe conosco a bandeira livre de nosso país e juntos não permitamos que firme pé em nossa pátria o monstro soviético!”*.

No mesmo número do periódico, mais especificamente na última página, novamente Herbert Georg se lança em defesa do Socialismo. Primeiramente, ele demonstra toda a sua “alegre surpresa” em saber que havia alguém que lia suas colaborações com o semanário. Logo em seguida, esclarece a iniciativa do jornal em lhe conceder a palavra, referindo-se a uma nota redacional publicada no número anterior, sob a epígrafe “Uma explicação necessária”. Diz a nota, a certa altura: “nossa iniciativa tem apenas o objetivo de provocar o Dr. Georg para que se pronuncie a respeito de ideologia, até o momento não definida. Se não tem coragem de definir-se, é problema seu. Caso insista em defender teses que são monopólios de vermelhos da espécie de Chico, e não tem aquela coragem que apregoa verbalmente, teremos que eliminar seu nome de nossas páginas”²⁰. Com o título “Uma explicação necessária – um pronunciamento desnecessário”, Georg vem a público definir sua ideologia e replicar contra as designações utilizadas:

Mas, lá vai o nosso pronunciamento, a definição de nossa ideologia: somos realmente socialistas. Sim, socialistas coerentes, com todas e apesar de todas as suas conseqüências, mesmo que alguma tese viole o monopólio do Chico. Não somos monopolistas e não respeitamos monopólios de Chicos e de ninguém. Somos daqueles socialistas que lutam pelo esclarecimento da verdade, mesmo que essas verdades venham a ferir doutrinas, dogmas ou monopólios. Somos daqueles socialistas que lutam por aquelas verdades, de que já falava o chinês Wei Cheng: “Ouvir os dois lados torna-se iluminado, ouvir um lado apenas torna-se ignorante”. Não, caro leitor, sossegue. Wei Cheng não é da China de Mao Tse-Tung. Ele escreveu no tempo da dinastia Tang, entre os anos 618 e 907. Somos daqueles socialistas que, sem temer o clamor da grande massa de menos esclarecidos, proclamam as verdades resultantes e apoiadas nas experiências e na ciência. E porque não somos monopolistas, queremos comunicar a outros seres humanos essas verdades. E para lograr esses nossos intentos, não precisamos valorizar as nossas palavras, mimoseando os nossos opositores com expressões depreciativas, tais como “covarde”, “traidor”, “rebutalho e lixo imundo da sociedade”, etc. Tais métodos apenas demonstram a ausência de massa cinzenta nos crânios de seus autores²¹.

Interessante observar que os pretensos “comunistas” de Blumenau e região nunca usaram o termo “Comunismo” para definir as suas tendências. Na totalidade das vezes, fora usado o termo “Socialismo”. Apesar do *Ronda* conter a resposta de Georg, na sua capa estava estampado a foto de Francisco José Pereira em um almoço, com os dizeres: “*Comunismo partido de ricos. Esta é a foto do Dr. Chico Comunista Pereira, colhido quando fazia parte de um lauto almoço em dia habitual, num restaurante chic da cidade*”.

“Sempre vigilantes contra o comunismo ateu” fora o título do sétimo artigo da série. Seu objetivo era explicar como os comunistas conseguiram dominar a Rússia e o povo russo. Afirma que “para um povo sempre acostumado a obedecer cegamente sem reivindicar nada, o fato de mudar-se o Czar por um ditador era como trocar de patrão. Em nada alterou seu modo de viver – sim, pois antes viviam como servos de uma nobreza hereditária; agora seriam escravos de um punhado de idiotas, os comunistas... São pobres mortos vivos que só conhecem o trabalho”²².

O autor prossegue a sua crônica afirmando que o comunismo possui a “máquina de repressão mais perfeita do mundo”, vez que ela “começa com espiões, colocados em todos os setores, que levam aos senhores tudo o que se passa no seu meio ambiente. Passamos depois para a polícia secreta, para o exército, para os comitês, tudo ensinado pelo Partido Comunista, o Grande Abutre”. Encerra suas palavras solicitando o auxílio dos leitores: “esperamos que você nos ajude, repelindo todas as tentativas que os vermelhos fizeram no sentido de doutrinar seus familiares e amigos”.

Basicamente esta foi a tendência do periódico até 1964. A palavra em defesa dos socialistas não foi mais publicada, e além dos “esclarecimentos” necessários à população do Vale do Itajaí, as páginas dos jornais traziam declarações de bispos e padres, que solicitavam aos fiéis que “vivessem uma intensa vida eucarística e uma freqüência conscientemente vivida dos sacramentos, fontes indispensáveis da graça que alimenta a vida sobrenatural dos fiéis”.

Além da palavra religiosa, o ano de 1963 marcou o “direcionamento dos fogos cristãos” em ataque ao então Presidente da República João Goulart, bem como suas reformas de base e ao nacionalismo. Neste ano também, o jornal *Ronda*, recebe uma série de novos colaboradores, tais como J. Justus, Mr. X, Djalma Frederico, Carlos Tavares.

As medidas nacionalistas de Jango previam uma intervenção mais ampla do Estado na vida econômica. Entre essas medidas estavam a nacionalização das empresas concessionárias de serviço público, dos frigoríficos, da indústria farmacêutica; a estreita regulamentação da remessa de lucros para o exterior; e a extensão do monopólio da Petrobrás. O mau agouro com que foram vistas tais medidas pôde ser sentido na região do Vale:

Nacionalismo, em última análise, significa querer tirar qualquer influência econômica ou política que por acaso possa existir, no nosso Brasil. Muito bem, atitude louvável. Mas a forma de como se está fazendo isto é perigosa. Porque ainda não estamos em condições de nos garantirmos sozinhos em todos os setores, precisando e muito do auxílio estrangeiro²³.

Além da política nacionalista, as reformas de base também serviam de alvo, especialmente a reforma agrária, inclusive para cartas de leitores, tais como o relato assinado com as iniciais E.A.N:

O João Goulart está mesmo querendo fazer uma reforma. Uns dizem que é o Brizola. Não, são os dois. O João com as autoridades e o Leonel com o peito, digo, com o grito. Vão agora dar jeito em monopolizar a Câmara, os ministros, para com qualquer soprão torcer a seu lado os bananas da decisão. Não sou político, mas cheiro de distância a expressão “comunizar o Brasil” pela forma secreta do Senhor João Leonel Brizola Goulart. Não é dito, por enquanto, em comícios, que é este o destino que povo brasileiro é chutado. Se fosse todos se agitariam. É como Fidel se expressou. Mostrar a realidade um dia se mostra; este dia é quando as opiniões e o estado está maduro não permitindo mais surtir o efeito de uma revolução. Resolveu tirar terras de quem tem e ganhou com seu suor, uma coisa quase anormal pelos imposto pagos sobre a mesma, para ceder aos malandros que nunca trabalharam e que jamais colaborarão para o progresso. Se o problema fosse somente a terra, mas e a casa, instalação, o sustento, o material para o trabalho, quem dará? Só o Brizola para conseguir o apoio dos mesmos. OBA! É ali empregado o nosso dinheiro recolhido pelos impostos? Se soubesse disso, ninguém pagaria. **Atitudes** excluindo como cidadão brasileiro, multa, perda do direito, publicação oficial, etc. **Desapropriação** – 10 km a margem de rios, lagos, estradas de ferro e rodagem. Tá. Só vai sobrar se houver um deserto no território brasileiro; e sem estrada para o proprietário. Viva o Brasil Povoado. O Amazonas totalmente civilizado e colonizado. Essa não. Por que o Governo não ocupa primeiros as regiões do centro e oeste brasileiros? Por que avançar em propriedades alheias? Uma vez que há meio

mundo brasileiro completamente desapropriado. É a tal coisa. Meus amigos, uma reforma é necessária. O Sr. João Leonel Brizola Goulart tem razão. Mas não a agrária e sim a constitucional primeiro; após um ajuste de classes – se houvesse possibilidade de o pequeno agricultor adquirir máquinas agrícolas – assistência técnica, cursos de especialização em diversos ramos, auxílio gratuito de agrônomos pagos pelo governo, que de fato fossem aos interiores e não restringissem sua área – a capital – quando saem é de Cadillac. Desta maneira, facilitaria de produzirmos em grandes escalas, exportação aumentaria de 100% e cada agricultor produziria para 50 cidadãos em vez de não conseguir o suficiente para si. Deveria haver uma tabela de preços garantidos ao produtor a fim de estimular sobre a produção. Desta forma não haveria as calamidades que surgem seguidamente; quando há uma produção regular, baixa o preço e isto se ainda consegue vender. **Meus amigos**, é uma contribuição espontânea dada ao Jornal. Achei uma coisa imprescindível e fiz este rascunho que não deu tempo de passar a limpo. Grato E.A.N²⁴.

A ala ultraconservadora da Igreja também parte para o ataque contra o “ateísmo”. Rotula o Estatuto da Terra (base para a reforma agrária) como sendo socialista e anticristão. Com base nos pensamentos perpetuados pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, cuja liderança era representada pelo bispo de Diamantina, Geraldo Sigaud, concluiu-se que “é uma violência impor a uma Nação homogeneamente cristã, a mais populosa Nação católica da Terra, uma lei incompatível com sua índole profundamente religiosa”:

Nos círculos políticos e eclesiásticos aguarda-se com o mais vivo interesse e divulgação – que se assegura estar iminente – de um pronunciamento dos autores de “Reforma Agrária – Questão de Consciência”, D. Geraldo de Proença Sigaud, Arcebispo de Diamantina, D. Antonio de Castro Meyer, Bispo de Campos, Prof. Plínio Correa Oliveira e economista Luiz Mendonça de Freitas, sobre o projeto de Reforma Agrária conhecido por Estatuto da Terra, ora em trâmite no Congresso Nacional. Tal documento, que constitui uma análise profunda do Estatuto da Terra, aponta à opinião nacional o objetivo do Estatuto, que consistirá em transformar grandemente a estrutura agrária brasileira numa imensa contextura de pequenas propriedades sujeitas a um regime cooperativo ainda indefinido, que poderá importar numa verdadeira ditadura rural cooperativista. Ao mesmo tempo, sustentam os autores de “Reforma Agrária – Questão de Consciência” que o Estatuto confere ao IBRA atribuições para desapropriar a preço inferior ao real, e injusto a moral católica, um número incalculável de propriedades rurais

grandes ou médias, cultivada ou não. Se fazer violência à consciência de uma pessoa é de todo o censurável, concluem, mais ainda é impor a uma Nação homogeneamente cristã, a mais populosa Nação católica da terra, uma lei incompatível com sua índole profundamente religiosa. A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, distribuirá o estudo dos autores de “Reforma Agrária – Questão de Consciência” a todos os membros do Congresso Nacional, e executará um plano de larga difusão de uma síntese do mesmo, nas várias camadas da opinião pública (ABIM). Em Blumenau, a mencionada entidade cívica vem organizando a Exposição de Lançamento de importante documento intitulado “Declaração de Morro Alto” – programa de política agrária conforme os princípios do livro “Reforma Agrária – Questão de Consciência”. A repercussão nesta cidade, como em todo o país tem sido muito grande²⁵.

No entender de Boris FAUSTO (2002, p. 448), “é fácil perceber que as reformas de base não se destinavam a implantar uma sociedade socialista. Eram apenas uma tentativa de modernizar o capitalismo e reduzir as profundas desigualdades sociais do país, a partir da ação do Estado. Isso, porém, implicava uma grande mudança a qual as classes dominantes em geral opuseram forte resistência”.

A partir de 1964, mais precisamente após a “quartelada de 31 de março de 1964” os folhetins regionais passam a ufanizar aqueles que seriam os “soldados da democracia”, ao passo que iniciam a “cobertura completa” sobre todas as ocorrências “subversivas” na cidade, alvo da “Vigorosa Operação Limpeza”. Os discursos passam a ser extremamente agressivos em relação “às forças do mal e seus agentes” e ovacionantes no tocante aos “libertários da pátria”. Os nomes que antes ficavam restritos a “Chicos” e a “Erwins” agora são expostos de maneira ampla e “inquisitória”, com o devido destaque na imprensa escrita.

“Missão Cumprida: Blumenau recebe de braços abertos os soldados da democracia!” Esta era a manchete de capa do Jornal *Ronda*, veiculado na primeira semana de abril de 1964. A manchete concita os cidadãos blumenauenses a participarem das festividades, devendo, inclusive, os estabelecimentos comerciais cerrarem suas portas, ensejando os empregados a presenciarem o desfile das tropas pela Rua XV de Novembro, em comemoração à “vitória da Democracia contra o Comunismo”²⁶. Nas páginas interiores, a mensagem: “O Brasil reage contra o Comunismo”

e “Comunistas presos em Blumenau”, referente às prisões de Francisco Pereira, Herbert Georg e Hilton Zimmermann (este último acusado de tentar fundar uma liga operária comunista no bairro Garcia) que professavam a “ideologia vermelha”. Na mesma página, um breve relato sobre o Gen. Amaury Kruehl, o “homem forte das forças armadas” que depuseram João Goulart.

Passada a primeira semana da “vitória democrática”, os jornais passam a denunciar os mais diversos atos comunistas praticados em Blumenau, como a existência do “Grupo dos Onze”, organização pretensamente criada por Leonel Brizola para ação de choque ao primeiro sinal da revolução, segundo o redator do jornal, “apregoadada abertamente pelos mais extremados membros do PTB e do Partido Comunista, unidos para a escravização do Brasil”. O redator relata ainda que tem informações que dão conta sobre a existência de dois “Grupos dos Onze” na cidade de Blumenau, indicando inclusive os bairros onde estariam localizados: um no bairro Centro e outro no bairro Itoupava Norte.

No dia 09 de abril de 1964, é publicado artigo “O Brasil demonstrou – O rosário venceu as forças do mal”:

Em 23-4-64, comentamos no artigo Quo Vadis, João Goulart, o seguinte trecho do discurso do ex-presidente proferido em 13-4-64, numa sexta-feira: “nem os ROSÁRIOS podem ser erguidos como armas contra os que reclamam a disseminação de propriedade da terra, ainda mantida nas mãos de uns poucos”. Foi o Sr. Goulart aclamado por pelegos comunistas pagos para este fim com o dinheiro do nosso pobre trabalhador. A culpa principal cabe ao presidente, que pagou. Pois quem recebe dinheiro, nem sempre deixa falar a voz da consciência, e sim, a voz da ganância. O que nos admirou muito porém, foi o fato de pessoas aqui de Blumenau, que não podiam estar recebendo dinheiro para este fim, se exaltarem sobre o nosso artigo anterior, ao ponto de quererem fechar o jornal. Como ainda mandava no Brasil, o hoje preso Sr. Abelardo Jurema, um cidadão que queria denunciar-nos a eles como injurioso. Desanimou porém, quando lhe foi provado que o ex-presidente de fato havia duvidado da força do Rosário. Havíamos no artigo em referência usado o seguinte final: “o futuro mostrará QUEM é mais forte: ou o Sr. João Goulart ou o ROSÁRIO DA SANTA IGREJA”. Escrevíamos isso em 23 de março passado. Mais rápido do que pensávamos, mais rápido do que o Brasil pensava, e mais rápido do que os católicos brasileiros pensavam, VENCEU O ROSÁRIO. Venceu ele por intermédio de líderes civis e militares unidos aos cidadãos militares democráticos. Não

conseguiu o chefe de um PTB deturpado, o Sr. Jango, mesmo auxiliado pelos comunistas, pintar nossa bandeira de vermelho. Permanecemos com o nosso verde amarelo democrático, sendo que ao Sr. João Goulart desejamos boas aventuras em Cuba, Rússia e China. Com a astúcia que o Sr. Goulart possui em assunto de agropecuária, poderá terminar com a falta de carne nos países socialistas. Aconselhamos ao Sr. Jango que não cometa o erro que cometeu aqui. Quis desgraçar um país gigante. Advertido das conseqüências, disse que **Queria pagar para ver**. Pois bem, ele pagou e ainda está pagando. Deixou no Brasil terras particulares numa área QUATRO vezes maior que a área de todo o estado da Guanabara!! Triste fim de um traidor, com uma esposa tão bonita e dois filhos que apesar de tudo são brasileiros igual a nós. Ass: Djalma Frederico²⁷.

Ainda no exemplar do dia 09 de abril de 1964, o *Ronda* traz a público uma reunião ocorrida dias antes, onde um “líder estudante vermelho” presidiu a reunião do PTB local:

Cerca de 45 dias atrás, estive nesta cidade, em contatos políticos revolucionários, o líder estudantil comunista Marcos Heusi Neto, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes. Naquela ocasião, foi feita uma reunião solene do Diretório local do PTB, a qual estive presente todo o estado-maior dos “idealistas” e mais a “arraia miúda”, esta para bater palmas às grandes deliberações. E o que foi tratado na reunião? Medidas de amparo ao trabalhador blumenauense? Criação ou instalação de serviços de assistência social? Criação de algum departamento jurídico para assistir o infeliz operário, explorado pela camarilha voraz? Tentativa de anulação das atividades vermelhas do Dr. Chico? Não. Para isto o PTB não tinha tempo e nem idealismo suficiente. Trataram, e temos provas irretorquíveis e irrespondíveis, da remoção, para lugares longínquos do país dos seus adversários, daqueles que nunca se enganaram e nem nunca foram exploradores da miséria do trabalhador, à custa da qual se locupletaram em altos postos de mando, admitindo comunistas analfabetos, aqueles para completarem com estes a tarefa de comunização do país. É necessário que a polícia, empenhada na tarefa de limpar a pátria do lixo que a dominava, também volte suas atenções para as atividades subversivas em Blumenau e procure saber, em detalhes, tudo o que foi tratado com o chefe comunista Marcos Heusi Neto, em reunião plena e posteriores contatos secretos, com chefes petebistas e comunistas locais²⁸.

Em abril de 1964 o povo brasileiro fora conclamado para participar da “Marcha da Família, com DEUS, pela liberdade”. No Vale do Itajaí, não foi diferente:

...Um ar de Liberdade - por J. Justus²⁹

O povo já se vai tranqüilizando. Respira-se agora um certo ar de liberdade. Os sorrisos despontam, fáceis, nas fisionomias mais fechadas. Como por uma sessão de mágica, os horizontes desanuviaram-se. Um tornado democrático varreu os cúmulus-nimbos que toldavam os céus brasileiros. As tropas voltaram, festejadas, para as suas casernas. O Palácio da Alvorada tem um novo, austero e digno ocupante. Aqueles que incitavam as massas, que alardeavam coragem de não retroceder, que propunham aos sargentos e praças a rebelião contra os seus comandantes, que favoreciam e até aconselhavam a indisciplina, fugiram, como se tivessem ao seu encalço uma legião de diabos vermelhos.

Hoje a família blumenauense reunida, vai às ruas, na **Marcha da família, com Deus, pela liberdade**, exteriorizar seus sentimentos de gratidão ao **todo poderoso** pelo fim da apreensão, do receio e do perigo que representavam as forças soviéticas infiltradas entre os brasileiros.

Não sejamos, porém, exageradamente otimistas. Tudo passou como passa um mau sonho. Como se esvai um pesadelo. Mas não consideremos que tudo acabou definitivamente e que poderemos dormir tranqüilamente sobre os louros da vitória da Revolução. Não sejamos tão ingênuos a ponto de ensarilhar as armas.

Por que os comunistas, os criptos e os filo-comunistas ainda estão a postos. Nem todos foram detidos. Nem todos os nossos inimigos esmagados.

Lembrem-se todos da notável frase de Sir Wiston Churchill: “O preço da Liberdade é a eterna vigilância”³⁰.

Por “dever de patriotismo”, atividades ditas subversivas deveriam ser levadas ao conhecimento do Exército, pois “onde Cabral plantou a cruz, não haverá lugar para a foice e o martelo”. As prisões dos “representantes do mal” ganhavam *status* de “furo” jornalístico:

Extra! Preso superintendente da estrada de ferro SC! Na manhã de hoje, precisamente às 09 horas, o engenheiro Saul Hermann Bicheleer, Superintendente da Estrada de Ferro Santa Catarina, recebe em sua residência, convite, formulado por militar do 23º Regimento de Infantaria, para comparecer ao quartel daquela unidade, a fim de ser confrontado com as declarações ali prestadas na tarde de ontem por vários funcionários graduados, acerca da ordem dele (Superintendente) emanada nos dias de crise

revolucionária. Segundo vários destes, o Dr. Bicheleer teria ordenado a retirada de peças vitais para o funcionamento dos veículos da Estrada a fim de que não fossem usados contra as forças que se situavam no Rio Grande do Sul. Assim, as forças democráticas se veriam privadas dos veículos da ferrovia. Por outro lado, teria o Superintendente promovido o incitamento da Associação dos Ferroviários do Vale do Itajaí à greve geral, para paralisação total e completa dos trens. As investigações estavam sendo procedidas sigilosamente, desde alguns dias para cá, culminando na tarde de ontem com a tomada das declarações de altos funcionários perante a Comissão de Sindicância mandada instaurar pelo Sr. Comandante do 23º RI. Em face da gravidade das declarações, conforme se vê, a Comissão de Sindicância foi transformada em Comissão de Inquérito. Pelo Sr. Cel Comandante da unidade local do Exército, foi designado o Major Enio Konrad para presidir o inquérito, que está correndo sigiloso, com base nos dispositivos da Lei de Segurança Nacional. Depois de, durante todo o dia, com ligeiro intervalo para almoço, que lhe foi permitido fazer em sua residência, o Dr. Saul Hermann Bichler foi preso. Ficou positivada a sua responsabilidade na sabotagem dos veículos da ferrovia, e no incitamento à greve geral, que não chegou a ser deflagrada. O Dr. Bichler vai ser removido ainda hoje para Florianópolis. O Jornal RONDA vem a público, uma vez mais, com o noticiário momentoso de última hora, trazendo fatos que vinham sendo coligidos há cerca de uma semana. As próprias limitações impostas pelo não total aparelhamento do nosso Jornal, não constituem óbices irremovíveis para que venhamos à Rua, com apenas quatro páginas, é verdade, mas cheias de matéria vibrante, “furando” uma vez mais, diga-se sem falso orgulho, o restante da imprensa, inclusive a falada. Passamos noites mal dormidas, nos movimentamos muito, a nossa Rural gastou alguns tanques de gasolina, as nossas ligações pessoais foram mobilizadas, pedimos, procuramos, sondamos, enfim, em apenas poucas linhas o leitor não poderá avaliar o sacrifício com que lhe damos esta notícia³¹.

O periódico reporta aos seus primeiros números, no início da década, onde já havia alertado a população blumenauense do perigo vermelho:

É sempre oportuno lembrar. RONDA, cerca de três anos atrás já se referia, com riqueza de pormenores e com precisão, acerca dos nomes e fatos relacionados intimamente com o comunismo, no Vale do Itajaí. Assim, os fatos agora desenrolados nesta cidade, vem confirmar tudo quanto dizíamos. Os nomes que citávamos são mesmos dos que estão presos, como agitadores ou agentes subversivos. Éramos profetas? Adivinhos? Tínhamos bola de cristal? Não, tínhamos, naquela ocasião, como ainda temos, acesso a boas e seguras fontes de informação. Apenas isto, que uns que não quiseram admitir,

por ignorância ou despeito, aliados à incompetência! Prometemos, na edição anterior, falar sobre um “NELSON”, que pretendia fundar uma Juventude Comunista no bairro Garcia. E sobre o Camarada-Vigário. Vamos lá! Dizia RONDA, em 29-1-62: - O OUTRO. Este tem passado mais ou menos despercebido. Atribuem-lhe o segundo lugar na organização vermelha. Tem inúmeras ligações, some de repente de circulação, age sempre camuflado. Disseram que ele é o “Camarada-Vigário”, alcunha atribuída pelos companheiros, dada a sua aversão religiosa. É o nosso Erwin Lerschner, relojoeiro, estabelecido à Rua XV de Novembro. – Isto dizíamos em 1962. Hoje, quase três anos depois, os fatos se confirmaram amplamente. Erwin encontra-se preso, como agitador e elemento-chave nas atitudes vermelhas. Era o elo de ligação entre a célula Anita Prestes, da cidade, e os vermelhos do interior. E o Nelson? Vamos direto: era Hilton Zimmermann, também preso em Florianópolis. Adotou ele esse disfarce para com maior facilidade, introduzir-se no seio do operariado da Garcia. Depois de um ou dois contatos com operários desavisados, quando um outro que o conhecia foi introduzido no círculo de ingênuos, que ainda não sabiam as exatas intenções do “Nelson”, identificou-o como comunista, a debandada foi geral. O “Nelson”, aliás, Hilton Zimmermann, foi corrido pelos operários, e nunca mais conseguiu fincar o pé no bairro. **De um lado a democracia cristã, do outro, as trevas de uma ditadura desumana e cruel, onde o homem é nivelado não passando de simples engrenagem estatal.** Tínhamos ou não razão? Somos ou não somos coerentes? Temos ou não temos autoridade para falar?³².

A Lei de Segurança Nacional é abordada pela imprensa escrita, tendo seus artigos publicados na íntegra, pois era um dispositivo legal que visava “a unidade interna e afastar os maus brasileiros e interessados na subversão dos valores, da ordem e do regime”.

Ultimamente muito se tem falado a respeito deste diploma legal e não poucas vezes ele tem sido instrumento de coação através de sua interpretação capciosa. Por isso, nada mais oportuno do que analisarmos seus artigos principais para que todos possam aquilatar verdadeiramente seu sentido. O art. 2º em seu inciso IV diz que é crime tentar subverter, por meios violentos, a ordem política e social, com o fim de estabelecer ditadura de classe social, de grupo ou de indivíduo. Por conseguinte, fica bem claro que a tentativa ocorre durante o governo deposto, pelas suas inúmeras demonstrações, entre as quais a de tentar fechar o Congresso Nacional. Ninguém ignora que houve tentativas, felizmente vãs de por em funcionamento efetivo, ainda que sob falso nome ou forma simulada, o Partido Comunista. Tais tentativas eram as tão conhecidas greves que se sucediam por todo o país. A maioria

das classes operárias não tinham condições de trabalho, porque quase sempre estavam a braços com uma greve criminosa. Estas atitudes também constituíam crimes capitulados na Lei de Segurança Nacional e estavam dispostas no art. 12. O comício do dia 13 de março, todos sabem, foi realizado em lugar não autorizado pela polícia da Guanabara. E não foi propriamente uma reunião pacífica e sim armada, com um fim deliberadamente subversivo e contra os altos interesses da ordem social. Os responsáveis por ele estão enquadrados no art. 19. O art. 24 diz o seguinte: Constituírem e manterem os partidos, associações em geral ou mesmo, o particular, milícias ou organizações do tipo militar de qualquer natureza ou forma, armadas ou não, com ou sem fardamento, caracterizada pela finalidade combativa e pela subordinação hierárquica. Pena: reclusão de 1 a 3 anos. Esses fatos, como ninguém desconhece, ocorreram no nordeste do país, com o denominado exército camponês, que inclusive fardamento já possuía. No mesmo caso, estão as famigeradas associações Pacto de Unidade e Ação - PUA; Central Geral dos Trabalhadores - CGT; e grupos dos 11 e outras organizações espúrias de pleno conhecimento público. Assim, pela rápida apreciação, superficial, da Lei de Segurança Nacional, todos podem ter maior conhecimento do que ela visa e porque ela está sendo aplicada. É um dispositivo legal que visa à unidade interna e afastar os maus brasileiros e interessados na subversão dos valores, da ordem e do regime³³.

Em junho de 1964, o jornal publica uma entrevista concedida pelo encarregado do Inquérito Policial Militar sobre as atividades comunistas de pessoas residentes em Blumenau. Em seu depoimento, o oficial relata que após a sua designação como encarregado do IPM sobre as atividades subversivas existentes na cidade, seu primeiro passo foi consultar o fichário, que o Regimento possuía, sobre pessoas de ideologia suspeitas. De acordo com suas próprias palavras, “consultado o fichário, naturalmente recolhi dados valiosos para o início de meu trabalho, e a segunda etapa foi a de organizar a seleção de nomes que tinha em mãos”. Várias foram as testemunhas ouvidas. No campo designado “Revelações”, o jornal publicou as conclusões tomadas a partir da oitiva das testemunhas:

Muitos asseveraram que em Blumenau havia a pleno funcionamento o Comitê Municipal do Partido Comunista, liderado pelo advogado Francisco José Pereira. Essa organização reunia-se semanalmente, às quartas-feiras, no escritório do referido senhor. As mensalidades variavam de acordo com as posses e cada um.

Francisco Pereira não era apenas o chefe do Comitê do PC, chamava a si, também, a direção do semanário Folha catarinense, de caráter indisfarçavelmente comunista. O periódico era mantido através de bônus, que variavam de dois a cinco mil cruzeiros, adquiridos por membros do Comitê ou simpatizantes, ou simples incautos.

Um dos mais importantes membros do Comitê era o Dr. Herbert Georg, sendo que os senhores Erwin Leschner e Hilton Zimmermann ocupavam, respectivamente, a primeira e a segunda Secretaria.

A meu ver, e isso faço claro no relatório que estou redigindo, o Dr. Georg está inapelavelmente implicado no movimento comunista em Blumenau. Possuía ele correspondência normal com indivíduos residentes na Alemanha Oriental e tenho diversas cartas que revelam seu início de maquinações contra a democracia. Tenho em mãos passagens recebidas da Alemanha Comunista, para serem distribuídas a quem lhe parecesse mais oportuno presentear. Essas passagens incluíam a ajuda de custo de cem dólares cada uma, além de estadias inteiramente pagas.

Os presos políticos – posso afirmar sem qualquer dúvida – estão passando muito bem. O Dr. Francisco, por exemplo – revelou – está instalado em uma ampla sala, arejada, com escrivaninha e livros. Tem uma vida digna e está sendo bem tratado, compatível com a personalidade humana. Suas refeições são normais, bem como a higiene mental ou corporal. Nada lhe falta.

Enquadrei os nove indiciados³⁴ na Lei de Segurança Nacional, e estribado nela posso adiantar que os principais responsáveis pela conspiração poderão receber pena de até 30 anos de reclusão³⁵.

O jornal ainda prosseguia na sua missão de “informar o cidadão sobre os inimigos da pátria presentes em nosso meio”, e assim proclamou comunista o Centro de Saúde de Blumenau, na pessoa do funcionário Sebastião Lamin; o diretor da Estrada de Ferro SC – Saul Hermann Bichler – e todos os cargos de chefia – ocupados por Hermínio Barbeta, Romário da Conceição Badia, Ângelo Ernesto da Silva, Amaury Machado e Manoel Victor Gonçalves – da Rede Ferroviária Federal de Santa Catarina; o Vice Governador do Estado – Doutel de Andrade; além de Alberto Fritzche, comerciante e industrial de Gaspar; Nahor Cardoso, Waldevino Cordeiro,

Revolução e parece que o troço vai ser fogo. O programa é de arrepiar os cabelos até de carecas. Será assim; revolução desde a perspectiva marxista fala o Wanderley, assistente do Viera Pinto do ISEB. Wanderley é membro do Partido Comunista”. Mais adiante, já no final da longa missiva, destaca-se um trecho, e o militar autoriza a divulgação: “queremos trazer de Santa Catarina o Paulo Reiter e vocês até podiam vir juntos”. As declarações do Presidente do IPM em Itajaí estampadas nessa edição nada mais são do que um resumo daquilo que será divulgado em nossa próxima edição. O oficial seguiu hoje para Curitiba onde deverá entregar ao Comando da 5ª Região Militar os autos, sendo encaminhado logo após ao Marechal Estevão Taurino de Resende Neto, encarregado geral da Comissão Geral de Investigações³⁶.

Em outubro de 1964, o *Ronda* trazia novas notícias sobre Herbert Georg, então exilado na embaixada boliviana no Rio de Janeiro (interessante observar que não há registros, na documentação analisada, de uma fuga de Georg para o Rio de Janeiro, ou a expedição de alvará de soltura em seu favor):

O advogado comunista, exilado na embaixada da Bolívia na ex-capital da República, Herbert Georg, passou nas últimas horas a enviar uma série de cartas a pessoas residentes nesta cidade, tentando com isso, obter, pelas respostas, alguns dados em separado que lhe será útil no próximo ano. Já com data aprazada para deixar o país, Georg chefiará o departamento brasileiro na Rádio Internacional de Berlin, necessitando para melhor se desincumbir das funções uma idéia geral do país, fora do muro das embaixadas e, particularmente de Blumenau, sua cidade de origem. Nas correspondências, o advogado solicita a cada destinatário que lhe seja dito qual o conceito que se faz dele, na cidade, tecendo, a seguir, comentários de cunho desprimorosos a pessoas e a entidades de classes. Suas missivas fazem parte de uma rede de informações que se tenta estabelecer em vários pontos do país, para proporcionar, nas emissões em brasileiro, desde Berlin, condições de críticas ao governo Castelo Branco. Com as respostas, Georg colherá os primeiros elementos, encaminhando os possíveis correspondentes, em futuro, para outro endereço: Berlin Oriental. A respeito do acontecimento, o porta voz do Exército assim se manifestou: “Todo indivíduo que vai para um país estrangeiro subvencionado, estudar métodos de subversão da ordem, vota para, na Pátria, pregar luta de classes e a modificação pela violência, das instituições livremente consagradas pelos seus concidadãos, não pode ter outro epíteto que não o de: **traidor!**”³⁷.

Mencionou-se anteriormente o uso de diversas estratégias editoriais, as quais visavam atrair a atenção dos leitores e convencê-los sobre certas

Dalmo Vieira e Deodato Cibiac, todos ligados ao sindicato dos bancários da cidade de Itajaí.

Sobre a infiltração comunista na cidade de Itajaí, e sobre a presença de um pastor protestante que iria participar de um treinamento de guerrilha no Rio de Janeiro, o periódico realizou uma entrevista com o Tenente Danilo Martins, encarregado do Inquérito Policial Militar naquele município:

As prisões dos indiciados foram realizadas pela Capitania dos Portos, através do Cap. de Corveta Sergio Guaranis, e pela Delegacia Regional de Polícia. Logo que cheguei ao município recebi os documentos apreendidos bem como farta literatura a respeito. Eram vinte o número de pessoas que estava a minha disposição – com estas declarações o Ten. Danilo Martins iniciou esta entrevista exclusiva ao setor de Reportagem Militar de RONDA. Ouvidos os elementos à disposição do IPM, prosseguiu o militar, selecionei apenas 3 que tinham, a meu ver, implicações em movimentos subversivos. Foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional por fomentarem e organizarem movimentos grevistas, mas, nenhum deles participou em qualquer ato de sabotagem ou teve seu nome envolvido em corrupção de qualquer espécie. No decorrer do inquérito, apurei que o Sindicato dos Bancários de Itajaí era o centro de onde partiam todas as ordens para a tentativa de sedição do povo em geral. Nahor Cardoso, presidente do Sindicato dos Bancários, Waldevino Cordeiro, presidente da **intersindical** e Deodato Cibiac, funcionário do Banco do Brasil, chefe da CACEX, foram os três únicos elementos enquadrados na Lei de Segurança Nacional porque tinha em mãos o poder de dirigir os movimentos grevistas. Já solicitei, inclusive, a prisão preventiva das referidas pessoas. Além destes, mas com menor participação, estão indiciados Joel Fernandes e Getúlio Manoel dos Santos. Deodato Cibiac recebeu Edir Cardoso, pastor protestante, residente em São Paulo, e trabalhando na União Cristã dos Estudantes do Brasil, uma curiosa carta que merece ser apreciada. Primeiramente – explicou o encarregado do IPM – deve-se conhecer quem era Edir e quais as suas ligações: visitou a Rússia e a Índia, não se sabe a que título, e em sua volta enviou uma longa carta a Cibiac, seu amigo. Em certo trecho da missiva, que está datada de 14 de fevereiro de 1962, vemos afirmações valiosas. Eis a gravidade deste texto: “amanhã a turma da Cruz de Malta – e explica: é uma revista protestante com 15.000 assinantes – virá fazer uma entrevista comigo sobre a viagem à Rússia. Descobriram que sou o primeiro evangélico a visitar Moscou, ora veja lá. Porém a coisa é séria, pois essa revista resolveu adotar uma posição de esquerda, na qual nos influímos, e agora que vou dizer”? Mais adiante, o militar destaca outro trecho da carta enviada pelo pastor protestante Edir Cardoso de São Paulo, ao funcionário da CACEX em Itajaí: “Nós da UCEB vamos fazer no carnaval em algum lugar do Rio, um acampamento sobre

idéias. Entre essas, estava a publicação de poesias e mensagens curtas. Uma das poesias, publicada em julho de 1964, procurava mostrar a vitória da democracia:

Brasileiros

Ninguém ameaçará mais a sua liberdade de ir à Igreja,
Ninguém o obrigará a um silêncio de morte,
quando quiser pleitear seus direitos.
Ninguém o obrigará a fazer um trabalho de que não goste e onde não quer,
Ninguém mandará na educação de seus filhos,
Ninguém porá pessoas estranhas morando na mesma casa em que você mora.
Nada disso que acontece hoje nos países comunistas,
acontecerá com você no Brasil, graças ao patriotismo, à decisão e à coragem
de nossas Forças Armadas e de nosso povo.
Nós somos e seremos sempre, cidadãos livres do Brasil eternamente livre.
Colabore, você também na consolidação e salvaguarda da Democracia,
anulando a ação nefasta dos comunistas³⁸.

O destaque dado a certas notícias, a elaboração de manchetes fortes, o uso de letras diferentes também eram formas de chamar a atenção do leitor. O *Ronda*, por exemplo, publicou, no cabeçalho da sua última página da edição de agosto de 1964, uma mensagem em letras destacadas e com bordas salientes:

Brasileiros Católicos

Os comunistas estavam se preparando para eliminar Deus!
Em todos os países da cortina de ferro não existe a liberdade de culto: as igrejas são fechadas... os vigários são presos ou expulsos porque todos os comunistas são ateus.
Assim aconteceu em Cuba...
Era esse o regime que os comunistas, agora apeados do governo pretendiam implantar no Brasil.
Colabore você também na consolidação e salvaguarda da Democracia,
anulando a ação nefasta dos comunistas³⁹.

O impacto emocional que uma mensagem como essa poderia causar nos leitores “mais católicos” poderia ser bastante incisivo. Conclusões do tipo “se os comunistas fazem isso com os religiosos, o que não fazem com o povo?” poderiam ser facilmente tiradas.

O impacto de tais leituras também deve ser refletido. As poucas pessoas entrevistadas, até o presente momento, afirmaram que liam o jornal não para saber sobre o comunismo. A grande maioria lembra do assunto ser tratado pelos padres, que diziam ser “uma coisa ruim para gente” e que “os católicos eram todos mortos pelos comunistas”. É bem provável que a ausência do anticomunismo nas leituras se explique pelo decurso do tempo, vez que o tema em questão também já perdera muito de sua força, ou até mesmo pelo pouco acesso à leitura.

Outro ponto a ser suscitado seria o papel de religiosos na difusão de idéias e de representações sobre o comunismo, pois, se a influência direta do jornal sobre os que tinham dificuldades para ler era pequena, o poder daqueles, por meio das pregações, era muito grande. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que o jornal tinha um poder significativo na construção do imaginário anticomunista, mas quando passado pela mediação da leitura e interpretação dos religiosos, os quais, provavelmente, o liam e tinham condições de entender o seu conteúdo. Isso é reforçado pelo fato de os entrevistados terem referido sempre ao padre como fonte de informações e críticas ao comunismo. Outro viés bastante rico para reflexões.

Não se pode, entretanto, atribuir a esses leitores uma postura passiva. Daí a importância de avaliar a abrangência e os significados das pregações e ações de combate ao comunismo, levando-se em conta como elas foram interpretadas pelas pessoas a que se dirigiam. Assim, o contato com antigos leitores dos periódicos da época possibilita a entrada num novo campo, no qual há espaço para interpretações e percepções diferentes sobre o comunismo e o anticomunismo, campo aberto para a continuação deste e de novas e interessantes pesquisas.

3. Considerações Finais

Seres desvairados, degenerados, vinham para causar sofrimento, fome, miséria e morte. Queriam escravizar o país em nome de interesses estrangeiros, de um verdadeiro Império do Mal, a União Soviética, reino da degradação moral, da opressão e da ineficiência. Uma gente insensata, covarde e pérfida, uma horda asiática, demencial, os comunistas blumenauenses,

chefiados pelos arautos da dissolução – Chico, Georg e Erwin – os servos-mores do Dragão Vermelho.

Era preciso muito cuidado porque os agentes vermelhos não atacavam em campo aberto, nem defendiam suas idéias com honestidade. Infiltravam-se. Como bacilos. Deslizavam sub-repticiamente, como serpentes. Com seus largos tentáculos, como polvos, aproximavam-se sorrateiramente e atacavam, como lobos ou abutres, as pessoas honradas, ordeiras e trabalhadoras que constituíam a imensa maioria do povo brasileiro.

Traços e tintas fortes, às vezes caricaturais, literatura de combate, de choque, provocando a desconfiança, a inquietação, o medo, com freqüência o pânico, eis as balizas que nortearam a campanha anticomunista na região de Blumenau.

O imaginário e a iconografia, às vezes, parecem pertencer a um mundo pretérito, longe no tempo, mas há poucas décadas, e durante décadas, foram capazes de mobilizar os espíritos, “armá-los” ou “rearmá-los”, política e moralmente, prepará-los para enfrentamentos considerados decisivos, em que se bateriam escalas de valores distintas, civilizações antagônicas.

Numa sociedade convertida em arena, três instituições das mais estruturadas e tradicionais em nosso país. Do lado da ordem e dos valores cristãos, a Igreja Católica e as Forças armadas, a “cruz e a espada”, o “Santo Guerreiro”. Do lado da subversão e de uma outra escala de valores alternativa, o Partido Comunista, a “foice e o martelo”, o “Dragão Vermelho da Maldade”. Dessa forma, nos diferentes textos analisados ao longo da pesquisa, foi possível perceber o tipo de identidade que os anticomunistas se atribuíam e atribuíam aos seus opositores. Nessa construção de identidades excludentes, os primeiros foram relacionados ao amor, à sabedoria, ao que seria humano, correto, lícito, moral, aceitável; em oposição, os comunistas carregariam consigo as marcas do ódio, da barbárie, sendo suas ações consideradas erradas, ilícitas, imorais, inaceitáveis, satânicas.

Inspirador de uma série de práticas, o anticomunismo ia além da elaboração de argumentos. Uma dessas práticas foi o uso da “imprensa cristã” como instrumento de combate ao *dragão vermelho*, que se dava pelo incentivo e, às vezes, pela imposição e cobrança no sentido de que os indivíduos prestigiassem a “boa” imprensa e combatessem a “má”, representada por

todo e qualquer veículo de comunicação que não estivesse sob a orientação religiosa. Ademais, o bom cidadão deveria levar ao conhecimento do Exército todas as atividades subversivas de que teria conhecimento. O próprio Jornal *Ronda* incentivava e mexia com os brios populares: “A colaboração de qualquer pessoa que tenha alguma informação é, antes de tudo, um dever do patriotismo. E dessa obrigação ninguém pode se omitir, sob pena de ser cúmplice do crime de traição!”.

O anticomunismo foi a principal linha de argumentação, de ancoragem, o cimento das complexas e contraditórias frentes políticas que desfecharam o golpe de 1964. Só por isso já mereceria ganhar relevância histórica, credenciando-se como objeto de estudo e reflexão.

O anticomunismo exprimiu profundas convicções e um medo autêntico, o de ver ruir um mundo de referências, dos “valores da boa civilização”. Por outro lado, e para além dos exageros próprios da luta política e dos delírios de publicistas militares e cristãos, não se articulou contra um fantasma, mas contra uma ameaça real e concreta, temível.

No limiar de um novo milênio, o anticomunismo perdeu a contundência, parecendo uma “espada sem fio” (como “sem fio” parece estar a foice de seu inimigo histórico). Entretanto, as mentalidades eivadas de conceitos e preconceitos, de valores e escolhas, que se deixaram seduzir durante tantas décadas por suas cores e metáforas, terão igualmente desaparecido? Ou subsistem ainda, escamoteadas, traduzidas por outros códigos, exprimindo-se em outras linguagens, como que hibernando, à espera, à espreita?

4 . Referências

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime militar. In: *História da Vida Privada no Brasil: contrastes e intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4, p. 319-411.

AZEVEDO, Débora Bithiah de. Comunista: a identidade do outro sob o olhar dos órgãos de segurança. In: *Caderno de História*. Natal, v. 3, p. 35-50, jan/jun 1996.

_____. Democracia e exclusão: o comunismo como símbolo da desordem no governo Dutra. In: *Textos de História*. Brasília, v.2, n.4, 1994.

BACZKO, Bronislaw. Imaginário social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, vol. 5.

Artigos

_____. Stalin: fabricação de um carisma. Buenos Aires: Nova Visão, 1991, p. 135.

BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília: UnB, 1986.

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Imagens. In: BURGUIERE, Andre (Org.). *Dicionários das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados, USP* 5(11), jan/abr 1991.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2002.

LIBÂNEO, J. B. A volta à grande disciplina. São Paulo: Loyola, 1983.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá Motta. Em Guarda Contra o Perigo Vermelho – O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). Rio de Janeiro: Perspectiva, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no imaginário Cristão. São Paulo: Edusc, 2000.

OLIVEIRA, Silvio José de. Tonalidades de vermelho: o comunismo e o anticomunismo no norte do Paraná (1945-1960). Dissertação de Mestrado. São Paulo: Unesp, 2000.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra história: imaginado o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

RODEGHERO, Carla Simone. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Ediupf, 1998.

RONDA. Blumenau, 1960-1965.

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. Catecismo anticomunista. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: Id. (org). *História no plural*. Brasília: UnB, 1994.

NOTAS DE FIM

2 *Jornal Ronda*, 05.02.62, p. 2.

3 Id.

4 *Jornal Ronda*, 02.04.62, p. 2.

5 Id., 06.06.62, p. 2.

6 *Jornal Ronda*, 05.02.62, p. 2.

7 *Jornal Ronda*, 01.05.62, p. 6.

8 *Jornal Ronda*, 18.03.62, p. 2.

9 O escritor se refere a Francisco José Pereira, advogado de uma cooperativa de trabalhadores blumenauenses, fundada por Newton Borges dos Reis, que foi, segundo o escritor, a “primeira vítima do comunismo em Blumenau”, pois a cooperativa teria se transformado, graças ao advogado, na “célula comunista Anita Prestes”. Paulo de Tharso, na maioria das vezes em que se referia ao advogado, chamava-o de “Chico Comunista”.

10 *Jornal Ronda*, 14.02.62, p. 2.

11 *Jornal Ronda*, 14.05.62, p. 4.

12 Os “Erwins” mencionados pelo escritor são uma alusão à figura de Erwin Leschner, relojoeiro blumenauense, identificado e rotulado como comunista, que supostamente atendia pela alcunha de “Camarada-Vigário”, e que seria o elo de ligação entre a célula Anita Prestes e o interior do Estado.

13 *Jornal Ronda*, 14.02.62.

14 Id., 06.03.62. p. 4.

15 *Jornal Ronda*, 06.03.62, p. 2.

16 Id.

17 Id.

18 *Jornal Ronda*, 02.04.62.

19 Id.

20 Id.

21 *Jornal Ronda*, 02.04.62.

22 Id., 01.05.62.

23 *Jornal Ronda*, 04.02.64, p. 4.

Artigos

24 Id., p. 2.

25 Jornal *Ronda*, 04.02.64, p. 4.

26 O 23º Regimento de Infantaria, sediado em Blumenau, fora deslocado para o sul do país para conter eventuais avanços vindo do Rio Grande do sul, contrários à “revolução”. Seu retorno era aguardado com “imensa alegria”.

27 Jornal *Ronda*, 09.04.64.

28 Id.

29 J. Justus era o pseudônimo usado por Cássio Medeiros, um dos mais fervorosos defensores da “redemocratização”.

30 Jornal *Ronda*, 30.04.64.

31 Jornal *Ronda*, 15.04.64.

32 Jornal *Ronda*, 21.04.64.

33 Id., 16.05.64.

34 São eles: Francisco Pereira, Herbert Georg, Erwin Leschner, Hilton Zimmermann (enquadrados na alínea II do art. 2º); Afonso Shirmer, Manoel de Souza, Alfredo José Gonçalves, Edeluí Farias (enquadrados nos art. 5º e 10); e José Rosa da Silva (enquadrado na alínea “a” do art. 11).

35 Entrevista publicada no Jornal *Ronda*, em 04.06.64.

36 Jornal *Ronda*, 19.06.64

37 Jornal *Ronda*, outubro de 64.

38 Id., julho de 64.

39 Id., agosto de 64.

O rádio em Blumenau

Clóvis Reis¹
Gabriela Bambinetti²

Artigos

**História,
programas e
personagens**

1 - Introdução

No Estado de Santa Catarina, Blumenau é um município pioneiro na área de comunicação. Em Blumenau, surgiram a primeira emissora de rádio (a Rádio Clube de Blumenau, em 1931), a primeira emissora de televisão (a TV Coligadas, em 1969), o primeiro jornal “off-set” (o Jornal de Santa Catarina, em 1971) e o primeiro curso superior de Publicidade e Propaganda do Estado (na FURB – Universidade Regional de Blumenau, em 1991).

Entretanto, ao contrário do que ocorreu nos grandes centros do Brasil, onde os anos dourados do rádio se situam entre as décadas de 30 e 60, em Blumenau o período áureo do meio se situa entre os anos 60 e 70 (REIS; MARTINS, 2005, p. 151-166). Nesta época, a cidade contava com cinco emissoras de rádio. Eram elas: Clube, Difusora, Nereu Ramos, Alvorada e Blumenau.

A primeira delas foi também a primeira emissora de rádio do Estado. A história da Rádio Clube



1 Doutor em Comunicação, professor da FURB – Universidade Regional de Blumenau.

2 Aluna do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FURB – Universidade Regional de Blumenau.

de Blumenau começou em 1929, com um serviço de alto-falante instalado pelo radioamador João Medeiros Júnior. A partir de 1931, tais experiências passaram a utilizar um transmissor de 150 watts e Medeiros Júnior fundou então uma sociedade, para captação de recursos através de apólices que vendeu para amigos e conhecidos. Em 1935, a emissora entrou no ar em caráter definitivo.

No período das irradiações experimentais, Medeiros Júnior já havia conseguido junto ao governo federal a concessão do prefixo PRC-4. Com efeito, a Clube é a única emissora em Santa Catarina com o prefixo PR, característico das mais antigas estações de rádio do país (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 29).

A licença oficial para o funcionamento definitivo da Clube saiu em 19 de março de 1936. Neste período a rádio já estava mais potente, utilizando um transmissor de 500 watts. O equipamento foi instalado no alto do Morro dos Padres, enviando o sinal da emissora para toda a região.

No final da década de 30, Medeiros Júnior vendeu suas cotas de participação na emissora para cuidar de assuntos pessoais. Wilson de Freitas Melro e Flavio Rosa, com o passar dos anos, compraram as cotas de participação dos demais proprietários, tornando-se então os acionistas majoritários de uma organização denominada Emissoras Coligadas de Santa Catarina, que posteriormente se tornaria uma grande rede multimidiática.

Além da Rádio Clube de Blumenau, a rede congregava a Rádio Difusora de Blumenau, que entrou em atividade em 1957, e mais quatro emissoras da região: Clube de Indaial, Clube de Gaspar, Clube de Itajaí e Araguaia de Brusque. Anos mais tarde o grupo fundaria em Blumenau o Jornal de Santa Catarina (o primeiro jornal off-set do Estado) e a TV Coligadas (a primeira emissora de televisão de Santa Catarina).

A Difusora absorveu funcionários advindos da rede de emissoras. Com isso, já nasceu com profissionais conhecedores da linguagem do rádio, diferentemente do que ocorreu com a Rádio Clube de Blumenau, onde a improvisação e o experimentalismo marcaram as primeiras transmissões.

Por sua vez, a Rádio Nereu Ramos inaugurou suas operações em 1º de setembro de 1958. Seu fundador foi Evelásio Vieira, popularmente conhecido como Lazineho. O empresário foi um grande jogador de futebol e posteriormente um dos políticos mais influentes de Santa Catarina.

A Nereu foi a responsável direta pelos anos dourados do rádio no mercado local, pois contratou profissionais experientes de Curitiba, no Paraná, e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A emissora inaugurou o uso da unidade móvel nas transmissões externas e desencadeou uma forte concorrência com a Clube e a Difusora. O dinamismo de suas atividades obrigou uma reação das concorrentes, melhorando a programação e dando início a um período de grandes transformações no meio.

Já a Rádio Alvorada surgiu em 20 de julho de 1962. Os pontos fortes da programação eram o jornalismo e as transmissões esportivas.

Finalmente, a Rádio Blumenau entrou no ar em 1º de abril de 1967. Seus fundadores são Airton Arival Rebello e Péricles Rebello. A Blumenau mudou o modo de se fazer rádio na cidade, transmitindo nos moldes de uma emissora FM e oferecendo os serviços de agência de notícias para outras estações da região.

No momento, Blumenau detém 11 emissoras de rádio de âmbito comercial das 240 emissoras de rádio instaladas no Estado (ANATEL, 2006, www.anatel.gov.br). São elas: Nereu Ramos, CBN Vale do Itajaí, Itaberá, Bandeirantes Blumenau, Clube de Blumenau, 90 FM, Band FM, Antena 1/ União FM, Menina FM, Atlântida FM e Guararema FM. O município tem ainda uma emissora de rádio educativa, a FURB FM, e uma emissora de rádio comunitária, a Rádio Comunitária Fortaleza.

O presente trabalho tem o objetivo de organizar informações sobre a história das primeiras emissoras de rádio de Blumenau, resgatando a trajetória de profissionais e programas dos anos 60, 70 e 80. Os resultados aqui expostos sintetizam as conclusões de uma atividade de iniciação científica realizada pela estudante Gabriela Babinetti, aluna do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FURB – Universidade Regional de Blumenau, sob a orientação do professor Clóvis Reis. A pesquisa contou com apoio financeiro da FURB e do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua realização dá continuidade a trabalhos anteriores do autor, entre os quais se incluem Reis e Martins (2005) e Reis e Petters (2006).

Convém destacar, ainda, que a realização do trabalho integra um projeto mais amplo, liderado pela ACAERT – Associação Catarinense das Emissoras de Rádio e Televisão, denominado Memória da Radiodifusão

Catarinense, cujo objetivo é o resgate da trajetória histórica dos veículos de comunicação do Estado.

2 – Metodologia

A presente pesquisa organizou as informações sobre a instalação das primeiras emissoras de rádio de Blumenau, com foco na trajetória de programas e profissionais do meio. O método de investigação foi a análise documental, utilizada pelos estudiosos do campo da Comunicação que realizam o resgate da história de veículos, personagens ou períodos a partir da identificação, verificação e apreciação de documentos. De acordo com Moreira (2005, p. 272), a análise documental é, ao mesmo tempo, método e técnica: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário”. A análise documental é, na maioria das vezes, qualitativa e emprega fontes de origem secundária, isto é, dados e informações já reunidos e/ou organizados.

O estudo obedeceu as seguintes etapas:

a) Revisão da literatura sobre o surgimento das primeiras emissoras de rádio de Blumenau. Algumas obras de referência nesta área são as de Cruz (1996), Medeiros e Vieira (1999), Pereira (1992), Reis e Martins (2005), e Siemann (2004).

b) Construção dos instrumentos de pesquisa. Nesta fase, produziu-se o roteiro das entrevistas e a ficha para organização dos dados sobre as emissoras de rádio.

c) Sistematização das informações sobre a trajetória histórica das emissoras, dos programas e dos profissionais do meio, a partir da consulta às publicações relacionadas anteriormente.

d) Entrevista com profissionais da área de gestão de negócios do setor de comunicação e de outros segmentos de atividade econômica. Foram entrevistados: Ademir Gilli, Adolfo Nolte, Álvaro Corrêa, Carlos Alberto Flores Ross, Edécio José Vieira, Enei Mendes, Evelásio Paulo Vieira, Farley Jota Santos, Flávio Coelho, Jean Rhenius, Jeser Reinert, Nilson Fabeni, Paulo Roberto Brandt, Roberta Santos, Rosane Kohler, Rubens Olbrisch, Sueli Petry, Tesoura Júnior, Tito Amorim, Vilmar Minozzo e Waldimiro Grundmann.

- e) Organização e análise do material coletado.
- f) Apresentação dos resultados da pesquisa.

3 – Resultados e discussão

A apresentação e a discussão dos resultados da pesquisa se estruturaram em duas partes principais, relacionadas ao tema da investigação: programas que marcaram época na trajetória histórica do meio rádio em Blumenau e profissionais que se destacaram ao longo dos anos.

3.1 – Programas

3.1.1 – A Blu é uma parada

O programa “A Blu é uma parada” é fruto direto das inovações implantadas pela Rádio Blumenau em termos de programação radiofônica, que seguia os moldes das primeiras emissoras de FM, com intensa difusão de músicas de sucesso. O programa era transmitido aos sábados e desfrutava de grande audiência. O slogan do programa era: “Só porque hoje é sábado, a Blu é uma parada”. O programa estreou em meados da década de 70 e ficou no ar por mais de 15 anos.

3.1.2. – A marcha do esporte

O programa “A marcha do esporte” constitui um verdadeiro marco na história do rádio local, já que foi o primeiro programa esportivo produzido em Santa Catarina. Criado pelo radialista Manoel Pereira Júnior em 1943, ia ao ar das 12h40min às 13h, pela Rádio Clube de Blumenau. “A marcha do esporte” era o programa de maior audiência da época e, conseqüentemente, o que tinha o custo mais elevado para a inserção de publicidade. Foi patrocinado com exclusividade durante 38 anos pela Transportadora Vale do Itajaí. Em 1954, Manoel Pereira Júnior deixou a Clube, tomando o seu lugar o jornalista José Gonçalves, que dirigiu o programa até 1957. Com a sua saída, Tesoura Junior assumiu o cargo de editor de esportes da emissora. Tesoura Júnior começou na Clube em 1946, sendo assistente direto dos antecessores. Trabalhou na emissora até se aposentar, em 1984, totalizado 38 anos de dedicação ao radiojornalismo esportivo. O apresentador implementou um programa com pré-produção prioridade para as notícias de âmbito local.

3.1.3 – A polícia é notícia

O programa “A polícia é notícia” foi criado e apresentado por Rodolfo Sestrem na década de 70 e consistia, basicamente, na dramatização de fatos policiais. Sestrem fazia o programa com tanto entusiasmo que às vezes até chorava ao final das transmissões. “A polícia é notícia” estreou na Rádio Clube, mas conforme Rodolfo Sestrem mudava de emissora o programa migrava para a grade de programação do novo local de trabalho do seu apresentador.

3.1.4 – Caixa de pedidos Lever

O programa “Caixa de pedidos Lever” era emitido pela Rádio Clube, às 14h. O programa era produzido em Blumenau, mas todas as orientações relacionadas ao roteiro vinham de uma agência de publicidade com sede em São Paulo. O “Caixa de pedidos Lever” consistia basicamente em enviar uma embalagem do sabonete Lever (antecessor do sabonete Lux) para a emissora, aproveitando o espaço para pedir uma música e escrever uma dedicatória. O programa ficou no ar de 1955 a 1963.

3.1.5 – Carta aberta

Curiosamente, o programa “Carta aberta” nasceu na televisão e depois migrou para o rádio. Danilo Gomes apresentava na TV Coligadas o “Repórter Garcia” e lá surgiu a idéia de criar o “Carta aberta”. De lá, o programa e o apresentador migraram para o rádio, notabilizando-se na Unisul (hoje CBN Vale do Itajaí) e Nereu Ramos. O “Carta aberta” era um programa eminentemente comunitário e, apesar do nome, estabelecia o contato com público basicamente através do telefone.

3.1.6 – Cortesia musical

O “Cortesia musical” era levado ao ar pela Rádio Nereu Ramos. Era semelhante ao “Peça sua música”, da Rádio Clube. O programa estreou junto com a emissora, em 1958, mas o seu tempo de emissão era menor do que ocorria com o concorrente. O “Cortesia musical” ficou no ar até meados da década de 70.

3.1.7 – Críticas e venenos

“Críticas e venenos” era um programa de muito sucesso, explorando o bom humor. Buscava-se o pitoresco do mundo esportivo, as trapalhadas de seus dirigentes, jogadores e árbitros. O programa nasceu de uma coluna de jornal. Seu criador, Adolfo Nolte, conta que era linotipista do jornal A Cidade, de Blumenau, e durante a noite escrevia esta coluna. Ninguém sabia quem era o autor, já que ele usava o pseudônimo de “O Carrasco”. Nolte foi levado para a Rádio Clube por Tesoura Júnior, em 1953, onde transformou a coluna em um programa de rádio. O espaço ocupava horários variados, sendo usado para alavancar a audiência dos demais programas da emissora. Normalmente ia ao ar das 11h45min às 12h. O “Críticas e venenos” consistia, como o nome já diz, em uma crítica a determinada personalidade da vida esportiva, utilizando texto e música. O texto descrevia a situação. Era a crítica. A música fazia o fechamento humorístico do quadro. Era o veneno.

3.1.8 – Grande jornal do ar

O “Grande jornal do ar” era o programa de major prestígio da Radio Nereu Ramos e desfrutava de grande audiência. Na abertura, havia um editorial, sob a responsabilidade de Ismael Correa. Nos últimos 10 minutos, a entrevista do dia ficava a cargo de Álvaro Correa. Como o comércio fechava ao meio-dia, naquele tempo, e não existia o hábito de almoçar no centro, todos iam para casa. Por isso, o programa começava às 12h15min. Era o tempo necessário para chegar em casa e almoçar, ouvindo as notícias.

3.1.9 – Peça sua música

Um dos primeiros programas de rádio do Estado foi o “Peça sua música”, uma das maiores fontes de renda da Rádio Clube de Blumenau. O ouvinte ia até a emissora, pedia uma música, fazia alguma dedicatória e pagava a emissão. O programa teve início na década de 30, se estendendo até meados dos anos 70. O espaço era extremamente lucrativo para a emissora, porque existiam músicas de sucesso para as quais havia de 10 a 15 dedicatórias. O “Peça sua música” ia ao ar das 15h às 22h.

3.1.10 – Picape da frigideira

A transmissão do programa “Picape da frigideira” começou com a vinda do radialista Nelson Rosenbrock para Blumenau. Ele era oriundo da Rádio Araguaia de Brusque e veio reforçar o elenco da Rádio Clube, que sentia a forte concorrência da Rádio Nereu Ramos. O nome “Picape da frigideira” foi criado pelo radialista Altair Carlos Pimpão (KLUEGER, 2002, p. 15). A marca característica do programa era exatamente o barulho das batidas desferidas contra uma frigideira, além do placar dos nascimentos nas maternidades da região, a música regional e o horóscopo.

3.1.11 – Preto no branco

O programa “Preto no branco” foi ao ar no início da década de 60. Vários personagens da época declaravam que a cidade sintonizava o programa para ter o que falar no outro dia. O apresentador era o proprietário da Rádio Nereu Ramos, Evelásio Vieira, o Lazinho, que era substituído eventualmente por Álvaro Correa. O programa permitia a vinda a Blumenau de pessoas de renome, o que aumentava o prestígio da emissora. O faturamento gerado com a venda de cotas de patrocínio e a utilização de expedientes como a permuta de anúncios por serviços de origem diversa possibilitavam a participação de políticos, celebridades e profissionais liberais com atuação nos grandes centros do Brasil. Uma das características do “Preto no branco” era o grande esforço de pré-produção do programa e a liderança em diversas campanhas comunitárias, como a mobilização para a instalação da FURB – Universidade Regional de Blumenau e o asfaltamento da BR-101. O programa pavimentou a carreira política de Lazinho, que posteriormente se elegeu deputado, prefeito e senador.

3.1.12 – Repórter catarinense

O “Repórter catarinense” foi um programa jornalístico criado por Manoel Pereira Júnior, na Rádio Clube de Blumenau, na década de 50. Foi inspirado no Repórter Esso, da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. O nome “Repórter catarinense” deve-se a seu patrocinador, a Drogaria Catarinense. Seu horário na grade de programação ao longo dos anos sofreu poucas alterações, indo ao ar das 18h às 18h30min. O “Repórter catarinense” tinha grande audiência e era muito bem produzido e redigido. O redator do pro-

grama durante muitos anos foi Reinaldo de Oliveira Ferreira, tendo como superior direto Tesoura Júnior.

3.1.13 – Transmissões esportivas

Como foi a primeira emissora de rádio de Santa Catarina e uma das primeiras do Brasil, a Clube teve o primeiro programa esportivo do Estado, “A marcha do esporte”, e foi uma das primeiras a formar uma equipe para transmitir os jogos de futebol. As transmissões externas começaram em 1954, quando a equipe da Clube estreou no jogo entre o Grêmio Esportivo Olímpico e o Guarani, dois times com grande tradição no esporte amador local. A partir de 1958, as transmissões esportivas em Blumenau sofreram profundas transformações. Entrou no ar a Rádio Nereu Ramos, que inovou técnica e profissionalmente. A emissora utilizava equipamentos modernos e anos mais tarde introduziu o uso do microfone sem fio. Sua equipe era composta por grandes profissionais com muita experiência em emissoras de grandes centros do Brasil.

3.2 – Profissionais

3.2.1 – Duda

O radialista Osny Rhenius, que era conhecido como Duda, nasceu em 22 de fevereiro de 1952. Iniciou as suas atividades na área de comunicação na então TV Coligadas, hoje RBS TV. Duda consagrou-se na Rádio Cultura de Timbó. Lá, fez história, conseguindo uma grande audiência para seus programas. Duda atuava na cobertura esportiva e notabilizou-se pela narração dos jogos de bolão. Ele contribuiu para uma série de mudanças no sistema de transmissão dos Jogos Abertos de Santa Catarina (Jasc). Conseguiu linhas de transmissão telefônica e de microondas gratuitas através da empresa concessionária. A iniciativa mereceu homenagens da Comissão Central Organizadora (CCO) dos Jogos Abertos. Em Timbó, foi um grande incentivador do esporte. Duda auxiliava na arrecadação de material esportivo (pares de tênis, roupas, agasalhos, etc.) e se empenhava em orientar os jovens para o mundo dos esportes. Faleceu em 4 de setembro de 2006.

3.2.2 – Enei Mendes

Enei Mendes nasceu em 19 de junho de 1947 e começou no rádio em 1959. Em Blumenau, iniciou na Rádio Alvorada, depois passou pelas rádios Nereu Ramos, Blumenau, União, Cidade Jardim e Clube, onde permanece até hoje. O programa mais marcante para o radialista foi o Show da Manhã, um espaço de variedades no qual os ouvintes pediam as suas músicas pelo telefone. Durante nove anos, foi premiado como o programa de maior audiência entre as emissoras de rádio AM. Uma de suas passagens mais marcantes pelo rádio foi a cobertura das enchentes em Blumenau, a primeira em 1975, assim que chegou à cidade, e mais tarde nas grandes cheias de 1983 e 1984. Enei não teve envolvimento direto com a política, mas produziu e apresentou programas eleitorais de alguns candidatos.

3.2.3 – Farley Jota Santos

Farley José dos Santos, conhecido como Farley Jota Santos, nasceu em 19 de janeiro de 1946 e ingressou no rádio aos 14 anos. Em 1966, apresentou seu primeiro programa, o “Show do Nelson”, que tocava os sucessos do cantor Nelson Gonçalves. Outros programas de grande audiência nos anos 70 e 80 foram Clube do Elvis, Programa da Tarde, Show da Manhã, Campeonato Musical, Mesa de Bar e Show do Broto. Farley trabalhou nas rádios Difusora, Alvorada, Blumenau, Nereu Ramos e Clube, onde continua até hoje. O slogan que acompanha a sua trajetória profissional é “se o Farley falou, tá falado”. Um fato marcante em todo tempo de rádio foi a cobertura das enchentes da década de 80. Outra história memorável ocorreu durante a entrevista com o assaltante conhecido como Branco. O criminoso fugiu da cadeia e se entregou à polícia durante o programa de Farley. O apresentador concorreu ao cargo de vereador quatro vezes, situando-se como primeiro e segundo suplente. Em 1988, assumiu uma cadeira na Câmara Municipal.

3.2.4 – Manoel Pereira Júnior

Manoel Pereira Júnior nasceu em 21 de outubro de 1914. Foi um dos primeiros comunicadores do rádio de Santa Catarina e comandou vários programas na Rádio Clube de Blumenau, a emissora pioneira no Estado. Com o microfone na mão, estava sempre sorridente, rodeado de amigos e

curiosos. Na sua transmissão de estréia, considerada a primeira transmissão de uma partida de futebol em Santa Catarina, em 18 de junho de 1939, trabalhou sozinho ao ar livre. Os jornais da época registram a repercussão da iniciativa em Blumenau, Itajaí, Joinville, Florianópolis e Tubarão. Entre os programas que criou, produziu e apresentou, destaca-se A marcha do esporte. Criado em 1943, ia ao ar diariamente, das 12h40min às 13h. Era o programa de maior audiência na época. Na década de 50, Manoel Pereira Júnior criou o Repórter catarinense, um programa jornalístico inspirado no Repórter Esso, da Rádio Nacional. Em 1954, Manoel Pereira Júnior deixou a Rádio Clube. Com a sua saída, Tesoura Júnior assumiu o cargo de editor de esportes da emissora. Faleceu em 22 de julho de 1981.

3.2.5 – Nelson Rosenbrock

Nelson Rosenbrock nasceu em 21 de março de 1927 e começou no rádio em 1948, na cidade de Rio Negrinho. O radialista passou por várias emissoras paulistas e catarinenses. No Vale do Itajaí, trabalhou na Clube de Blumenau, Clube de Indaial, Clube de Gaspar, Clube de Itajaí, Difusora de Blumenau e Araguaia de Brusque. Rosenbrock se consagrou na Clube de Blumenau, onde trabalhou durante 33 anos. Seu programa mais marcante foi o Picape da Frigideira, que ficou 22 anos no ar. Durante o programa, o apresentador visitava os ouvintes com uma lambreta e um gravador. O programa também divulgava receitas, apresentava músicas, noticiava festas, ocorrências policiais e notas de falecimento e nascimento. Em 1962, ele recebeu o troféu de Rei do Rádio. Um dos momentos marcantes da carreira ocorreu em 1961, com a cobertura de uma das enchentes do Rio Itajaí-Açú. Rosenbrock ficou 72 horas consecutivas no ar para que os ouvintes recebessem informação sobre as cheias. Na época, recebeu uma condecoração pelos serviços prestados à população. Até 2004, o radialista apresentava um programa semanal na Rádio Nereu Ramos, chamado Domingo Maior. Foram 57 anos dedicados ao rádio, até sua morte em 6 de novembro de 2005, aos 78 anos.

3.2.6 – Neneco

Manoel da Luz Rampeloti, o Neneco, nasceu em 14 de novembro de 1949. Consagrou-se junto aos ouvintes pela apresentação durante muitos

anos do programa Ranchinho da Nereu, na rádio Nereu Ramos, que todas as tardes oferecia uma das melhores seleções de música caipira e sertaneja. Aos domingos, comandava o programa Antigamente era assim. Neneco ficou na Nereu até 1982, quando foi contratado pela rádio Clube para apresentar o programa Sertanejo classe A e também o Show da noite. Aos domingos, comandava o Domingo Gaúcho. Em 1982, elegeu-se vereador. Entre seus projetos, aprovou a lei que instituiu o passe livre para idosos no transporte público de Blumenau. Nas eleições seguintes, se candidatou a um novo mandato, mas não obteve êxito. Neneco faleceu em 10 de setembro de 1989.

3.2.7 – Nilton Amorim

Nilton Amorim nasceu em 29 de abril de 1954. Estreou no rádio aos 14 anos, na Rádio Clube de Gaspar. Em Blumenau, trabalhou na Alvorada, Difusora, Blumenau, Clube, Band e CBN Vale do Itajaí. Com uma voz e um estilo de locução marcantes, Nilton Amorim foi um dos primeiros locutores da rádio Atlântida FM de Blumenau, em 1980. Ali, permaneceu no ar por seis anos. Na década de 90, assumiu a locução comercial da RBS TV, e anunciava as manchetes do Jornal Santa Catarina na televisão. Faleceu em 3 de outubro de 2004.

3.2.8 – Rodolfo Sestrem

Rodolfo Sestrem nasceu em 24 de novembro de 1947. Rodolfo Sestrem é considerado um dos maiores talentos do rádio esportivo de Santa Catarina. Ele transmitiu cinco Copas do Mundo consecutivas durante 36 anos de atividade e esteve presente em 28 edições dos Jogos Abertos de Santa Catarina (Jasc), colecionando vários prêmios como melhor narrador esportivo do Estado. Devido a sua presença marcante nas transmissões dos Jogos Abertos, a Fundação de Desportos homenageou o radialista, dando seu nome ao troféu de campeão geral da competição, em 2002. A carreira de Rodolfo Sestrem começou no rádio aos 17 anos, apresentando um programa sobre escotismo, na Rádio Clube de Blumenau. Em 1965, criou o programa policial O crime não compensa e na década de 70 estreou o programa A polícia é notícia, que consistia basicamente na dramatização de fatos policiais. Nos anos seguintes, Rodolfo Sestrem trabalhou em várias

emissoras de rádio e de televisão de Blumenau, como a RBS TV, FURB TV, TV Galega e TV Legislativa. Ele também atuou na política, sendo vereador por três mandatos. Sua primeira eleição foi em 1972. Rodolfo Sestrem faleceu em 1º de agosto de 2002.

3.2.9 – Tesoura Júnior

Vitoriano Cândido da Silva, o Tesoura Júnior, nasceu em 23 de abril de 1915. Ele estreou no rádio em 1946, na Rádio Clube de Blumenau, onde trabalhou por 38 anos, quando então se aposentou e deixou a profissão. Seu programa mais conhecido foi A marcha do esporte, no qual fazia comentários e críticas relacionadas sobretudo ao futebol. Sua prioridade eram as notícias locais e o programa gozava de uma grande audiência e credibilidade. O codinome facilitava o trabalho, porque os personagens da notícia não relacionavam o nome do radialista com a discreta figura de um tal Vitoriano, que assistia aos treinos e colhia informações exclusivas. “A tesoura corta, fura. Dá o furo da reportagem”, explica o radialista. A análise de Tesoura Júnior era determinante para o sucesso ou a demissão de um técnico de futebol. Entretanto, os momentos mais marcantes da carreira ocorreram durante a cobertura das enchentes na região, oportunidade em que o rádio prestava um serviço de utilidade pública na orientação dos ouvintes. Apesar da popularidade e do assédio dos políticos, Tesoura Júnior nunca disputou eleição para cargos públicos. Sua paixão era o rádio.

3.2.10 – Valmira Siemann

Valmira Siemann nasceu em 18 de fevereiro de 1945. A apresentadora é considerada a primeira-dama do rádio de Blumenau. Estreou na Rádio Difusora aos 15 anos, apresentando um programa de músicas e depois atuando como atriz em radionovelas. Seu pseudônimo no mundo artístico era Lígia Lyon. A consagração veio com a Revista do rádio, que numa eleição direta com a participação dos ouvintes lhe rendeu o título de melhor locutora em 1968. Valmira permaneceu na Difusora até 1981, quando se transferiu para a Rádio Blumenau. Em 1987, largou o microfone. Além do rádio, Valmira também trabalhou em televisão. Na então TV Coligadas, tornou-se um verdadeiro ícone com o programa Mulheres em vanguarda, que apresentou de 1969 a 1979. Valmira foi a primeira apresentadora do Jornal Hoje

em Santa Catarina e atualmente comanda um programa de variedades e entrevistas na TV Galega. Na política, foi candidata a vereadora em 1976, mas não se elegeu.

3.2.12 – Wilson Santos

Wilson Erasmo Quintino dos Santos nasceu em 2 de junho de 1927. Começou no rádio em 1945, na Rádio Clube de Blumenau, e depois se transferiu para a Rádio Araguaia de Brusque. Seu programa mais marcante foi o Big Show Araguaia, realizado no anfiteatro da emissora, ao vivo, aos domingos pela manhã, com a presença dos ouvintes. O programa reunia artistas da região e astros de renome nacional, como Nelson Gonçalves, Joel de Almeida, Carlos Gonzaga, Orlando Silva, entre outros. Na vida política, foi candidato a vereador em meados da década de 50. Faleceu em 21 de agosto de 2005.

4 – Considerações finais

A presente pesquisa buscou organizar informações sobre a instalação das primeiras emissoras de rádio de Blumenau. Nesse sentido, realizou um resgate da trajetória histórica das emissoras, dos programas e dos profissionais do meio.

O estudo constatou que, entre outros programas de rádio que marcaram época, alguns deles foram “A Blu é uma parada”, “A marcha do esporte”, “A polícia é notícia”, “Caixa de pedidos Lever”, “Carta aberta”, “Cortesia musical”, “Crítica e venenos”, “Grande jornal do ar”, “Peça sua música”, “Picape da frigideira”, “Preto no branco”, “Repórter catarinense” e as transmissões esportivas em geral.

Por sua vez, entre outros profissionais que se destacaram no meio, alguns deles “Duda”, Enei Mendes, Farley “Jota” Santos, Manoel Pereira Júnior, Nelson Rosenbrock, “Neneco”, Nilton Amorim, Rodolfo Sestrem, “Tesoura Júnior”, Valmira Siemann e Wilson Santos.

Como recomendação para uma futura pesquisa, sugere-se a sistematização sobre outros profissionais e programas que marcaram época nos anos dourados do rádio, posto que não foi possível o esgotamento do tema

no presente trabalho. Entre outros radialistas de expressão do período, cujo trabalho reclama um resgate histórico, incluem-se nomes como Adolfo Nolte, Albino “Magrão” Krammer, Altair Carlos Pimpão, Álvaro Corrêa, Amilton Cunha, Aurélio Sada, Carlos Braga Mueller, Danilo Gomes, Dino Souza, Evelásio “Lazinho” Vieira, Heribert Mueller, Jairo Casagrande, Jairo de Barros, Jeser Josi Reinert, José Ferreira da Silva, José Gonçalves, José Reinoldo Rosenbrock, Marta Wilhelm, Mirandinha, Néelson Tófano, Nilson Fabeni, Onélio Cavaco, Tito Amorim, Virgílio Léo e Waldimiro Grundmann.

Por outro lado, o trabalho de profissionais como Rodolfo Sestrem, Nelson Rosenbrock e Tesoura Júnior, cuja repercussão ultrapassa os limites do Estado, merece um registro monográfico em futuras pesquisas, como uma demonstração de reconhecimento à sua importância e à contribuição que deram para o rádio em Santa Catarina.

Com a realização do presente trabalho, comprovou-se, primeiramente, a falta de material de pesquisa sobre o meio em Blumenau. A maioria das informações existe apenas na memória dos personagens que viveram aquele período, sendo que muitos deles já morreram. Com isso, o meio compromete a sua própria história.

Referências

AMORIM, Tito. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações. Siscom – Consulta por Plano Básico de Distribuição de Canais. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/siscom/consplanobasico/default.asp?SISQSmodulo=2605>. Acesso em: 21 maio 2005. 13:15.

BRANDT, Paulo Roberto. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

COELHO, Flávio. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

CORRÊA, Álvaro. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

CRUZ, D.M. A rádio AM em Blumenau: programas e propagandas até os anos 80. *Revista de Divulgação Cultural*. Blumenau: FURB, n. 59, p. 22-28, maio/ago., 1996.

FABENI, Nilson. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

GILLI, Ademir. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

GRUNDMANN, Waldimiro. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

KOHLER, Rosane. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

Artigos

KLUEGER, U. A. História de vida – Nelson Rosembrock. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Nova Letra, v. 43, n. 01/02, p. 49-70, jan./fev. 2002.

MEDEIROS, R.; VIEIRA, L. H. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

MENDES, Enei. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

MINOZZO, Vilmar. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

MOREIRA, S. V. Análise Documental como método e como crítica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 17, p. 269-279.

NOLTE, Adolfo. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

OLBRISCH, Rubens. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

PEREIRA, M. **Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

PETRY, Sueli. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

REINERT, Jeser. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

REIS, C.; MARTINS, C. A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Cultura em Movimento, tomo XLVI, n. 03/04, p. 38-54, mar./abr. 2005.

REIS, C.; PETERS, L. B. O papel das emissoras de rádio no desenvolvimento econômico de Blumenau de 1960 a 1970. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Cultura em Movimento, tomo XLVII, n. 11/12, p. 84-105, nov./dez. 2006.

RHENIUS, Jean. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

ROSS, Carlos Alberto Flores. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

SANTOS, Farley Jota. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

SANTOS, Roberta. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

SIEMANN, V. **Vivendo a história da comunicação**. Blumenau: Estúdio Criação, 2004.

SILVA, Vitoriano Cândido (Tesoura Júnior). Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

VIEIRA, Edécio José. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

VIEIRA, Evelásio Paulo. Entrevista concedida em Blumenau, 2007.

Programa de rádio

Entrevista Censura Livre

O Arquivo Histórico de Blumenau recebeu do jornalista Luiz Antonio Soares a doação de várias fitas K-7, fitas de vídeo e pastas contendo recortes de artigos da sua coluna “Ponto de Vista”. A mesma foi publicada diariamente entre os anos de 1979 a 1983 no Jornal de Santa Catarina.

Nesta edição publicamos o depoimento do poeta Lindolfo Bell. Os entrevistadores foram os jornalistas Luiz Antônio Soares e Danilo Gomes. Os mesmos mantinham, na época, um programa radiofônico intitulado “Sem Censura”.

Oportunamente traremos para o leitor outros depoimentos, também realizados neste programa radiofônico, com pessoas dos mais diferentes segmentos da comunidade local. Através dos mesmos será possível obter informações de registros de acontecimentos ocorridos há mais de duas décadas

Entrevista : Lindolf Bell – Poeta

L.A.S. = Luís Antônio Soares (Entrevistador)

D.G. – Danilo Gomes (Entrevistador)

L.B. – Lindolf Bell (Entrevistado)

L.A.S. – Nascido na cidade de Timbó, onde realizou



os seus primeiros estudos, o poeta Lindolf Bell fez curso de Contabilidade no Colégio Santo Antônio de Blumenau e ingressou, na seqüência, na faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro, de onde se deslocou para São Paulo, tornando-se conhecido a partir daí a nível nacional e internacional por ter lançado um movimento inovador no campo da poesia que ficou consagrado nos meios literários. Era a Catequese Poética. Citado por todos os jornais do País e por grandes veículos dos EUA e da Europa, o poeta Lindolf Bell, quinze anos depois que se apresentava com seus poemas no Viaduto do Chá, dispensa apresentação em nosso meio ao qual se recolheu para estabelecer aqui o seu quartel cultural, onde ocupa posição destacada como líder atuante no campo das artes. Criou em 1970 a galeria Açu-Açu e já no ano seguinte, com pioneirismo, lançou a 1ª Coletiva Barriga-Verde de Artes Plásticas. Lindolf Bell é membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho Municipal de Cultura, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte e da Associação Brasileira de Escritores. Além de participar ativamente de diversas entidades ligados ao campo cultural, é colaborador permanente do Jornal de Santa Catarina e da revista Presença. É crítico convidado a participar com freqüência de trabalhos ligados às artes e à literatura. São de autoria do nosso convidado de hoje, em Censura Livre, as seguintes obras: Os ciclos, Os póstumos e as profecias, Curta primavera, As Annamárias, A tarefa, Convocação e As vivências elementares. É um prazer receber o nosso querido Lindolf Bell em nosso programa e deixo com Danilo Gomes a primeira pergunta.

D.G. – Vamos continuar este perfil traçado pelo Luís, Lindolf Bell, vamos desdobrá-lo, ou seja, como você começou? De quais certames já participou e quais as suas grandes aspirações como poeta?

L.B. – Bom, eu acho que dos certames de que participei em termos de premiação, por exemplo, o Prêmio Governador do Estado de São Paulo de Poesia, o Prêmio Federal de Brasília de Poesia e ultimamente o prêmio Dom Quixote de Poesia têm sido os prêmios que marcaram mais a minha obra. Quanto à participação no trabalho da cultura

brasileira, tem sido mais ou menos diária desde 1962, quando a gente começou a trabalhar em São Paulo nessa área do poema. Em todas as áreas, tanto na das artes plásticas quanto a da literatura e muitas vezes até na área do teatro, que é uma área que me interessa especificamente, na medida em que a gente é formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo numa matéria chamada dramaturgia.

D.G. – Perfeito. Bell, agora fale-nos também de sua recente viagem à Europa, digo recente, mas nem tão, que foi em setembro, e também do movimento cultural na Europa. Que você nos diz?

L.B. – Você sabe que eu fui para a Europa não porque realmente eu tivesse condições financeiras de ir à Europa, mas o importante é que a gente foi para lá por causa desse prêmio Dom Quixote de Poesia que recebi lá na Espanha e então aproveitei para conhecer dois países em 49 dias, de alto a baixo, de Leste a Oeste, que foram Portugal e Espanha. O movimento cultural dentro da Espanha está praticamente todo alicerçado sobre o novo cinema espanhol. A literatura espanhola é a literatura que vem da América Latina, não se faz poesia nova no momento, na Espanha. Em Portugal acontece exatamente o contrário. O vigor da nova poesia portuguesa está começando a se impor em outros países fora de Portugal, dentro da Europa. Um trabalho muito interessante que o poeta Carlos Nejar, na época em que a gente esteve lá, estava fazendo e que vai sair pela editora Massao-Ohno de São Paulo agora, é um livro imenso de quatrocentas páginas de poesia contemporânea portuguesa e que vai dar uma visão desse trabalho intenso dentro da área poética. Já na área do cinema e na área do teatro, Portugal está praticamente parado, o que não acontece, como eu já disse, na Espanha. Como não vivi os outros países não posso dizer mais nada, mas nestes dois países são estas duas faces da cultura que estão realmente com uma dinâmica incrível no momento.

L.A.S. – Bell, me explique um negócio. Você saiu de Timbó depois de ter se formado em contabilidade. Eu sei que você trabalhou lá uns dois

anos e depois foi para o Rio, serviu o exército, trabalhou numa empresa lá como tradutor e depois foi para São Paulo, numa época em que a gente se recorda que falar de poesia era um negócio meio agressivo, até em termos de povo. O povo não estava preocupado com poesia e você se aventurou, jogou-se à praça e começou a declamar poesia lá em praça pública. Você, hoje, voltando àqueles tempos, não parece uma aventura difícil de ser repetida?

L.B. – Não, acho que não. Tanto que há um projeto, por exemplo, para 1982, para se fazer pelo menos três leituras de poemas aqui em praça pública, na Praça do Poema em Blumenau. Eu acho que tudo é uma aventura, é claro, mas a gente também alicerça a idéia de aventura numa idéia de esperança e numa idéia de que no caso específico, o poético faz parte da alma humana. Eu sempre achei que os poetas eram excessivamente recolhidos a si mesmos, na sua Torre de Marfim, nas suas gavetas, nos seus livros, e o que a gente aprende do poeta na escola nem sempre corresponde à verdade, que é o que? Aprende-se que o poeta é um cara alienado, um cara que faz versinhos para a lua, que faz versinhos para namorada por causa de dores de cotovelo e coisas parecidas. Mas acho que a história da literatura sempre mostrou que a grande poesia é uma poesia alicerçada, estreitamente vinculada à realidade do dia-a-dia, no cotidiano e sempre os poetas que realmente sobreviveram, desde os poetas bíblicos até os poetas atuais como Drummond de Andrade, por exemplo, que quando diz “O meu tempo é o meu tempo presente” quer dizer que a matéria do poema é a matéria viva do dia-a-dia, das pessoas que te rodeiam e das circunstâncias que fazem a tua cabeça, o teu coração e a tua alma. Então, é uma aventura dizer poemas em praça pública, sempre será, mas eu acho que é uma aventura viver também, e a poesia não é nada mais e nada menos do que esta face da aventura da própria vida. Se a poesia puder dizer isto e o poeta puder dizer isto, seja de qual maneira for, ele poderá estar cumprindo ou estar próximo daquilo que poderá ser a sua vocação e a sua missão, porque eu te pergunto Luís: Para que serve o poeta se ele não puder dizer, cantar, refletir e testemunhar o seu tempo? Acho que é isto que interessa para ele.

L.A.S. – Bell, mas vamos colocar uns 15 anos atrás. Esse movimento é muito importante no campo da poesia, eu acho que ele liberou a poesia de todo aquele hermetismo, de todo aquele preconceito que havia e alguém deu uma idéia a você, alguém disse: Olha Bell, você é poeta, vai para a rua. Como é que surgiu esse movimento?

L.B. – Surgiu por isso mesmo, porque eu percebi que toda poesia brasileira, quer dizer, esse tipo de consciência a gente criou muito cedo, realmente toda a poesia brasileira era feita dentro dos gabinetes. Então achei uma coisa muito estranha porque como é que se pode acreditar que o poema e a poesia são um reflexo da vida, são um retrato da vida, são a face mais duradoura da própria vida, como pode se inserir o poeta dentro de gabinetes e o poema dentro de gabinetes? Uma coisa que eu percebia, por exemplo, poetas imensos, maravilhosos como Drumond e Bandeira tinham edições de 2 mil livros que em 5 anos, num país de 100 milhões de habitantes, não chegam a esgotar, por que razão? Há alguma razão basicamente alicerçada sobre a desinformação que vem desde as escolas. Acho que o não ensino do poético desde as escolas é uma coisa errônea neste país, então eu acho que o poeta tem um dever, o poeta é um poeta, ele tem a sua profissão, mas ele é um cidadão, ele tem que participar das coisas vivas e da sua sociedade com aquilo que ele tem de mais importante que, afinal de contas, é o poema, e usando o poema como? Fazendo com que o poema realmente funcione como uma coisa viva, lembrando que o homem tem uma alma, que o homem faz parte dessa eternidade proposta que não se sabe até onde vai, mas enquanto a eternidade durar ela será bela e será profundamente humana. Então, acho que esta é a luta.

L.A.S. – Bell, você não respondeu bem a pergunta, é uma curiosidade que eu tenho. Você estava em São Paulo, isso já há 15 anos atrás, aí de repente você resolveu ir declamar poesia na praça pública. Isso é uma iniciativa que não se toma assim aleatoriamente, tirado do ar. Isso teve um projeto. Você imaginou uma coisa ou foi acidental?

L.B. – Não, não foi acidental. Eu imaginei justamente a partir dessa

confinação no qual o poeta, a poesia e o poema se encontravam na época no Brasil. Uma das maneiras de romper esse confinamento seria exatamente esse, primeiro foi a idéia dos poemas murais, quer dizer, isso que são os pôster poemas hoje e que são impressos aos milhares. A gente fez em São Paulo os chamados poemas murais, até aqui em Florianópolis, antes de se fazer a Catequese Poética, fizemos a exposição de poemas murais com o Rodrigo, Péricles, Osmar Pisani, por exemplo. Era uma arma de tirar, uma forma de tirar o poema do livro.

L.A.S. – Péricles que você diz é o Péricles Prade?

L.B. – Péricles Prade, exato. A outra maneira que eu achei bem mais viva e bem mais atuante seria o próprio poeta se reincorporar ao seu poema, uma vez o poema feito, levando cara a cara este poema para as pessoas, inclusive como uma forma de desafio, uma forma de desmascaramento do próprio poeta, uma forma de liberação do próprio poeta desta carga de leito dos deuses com que ele foi posto durante tantos e tantos anos nesta civilização, então esta foi a função...

L.A.S. – Na primeira aparição em praça pública, como é que foi a reação, a primeira?

L.B. – A primeira foi de espanto, inclusive, para...

L.A.S. – Um monte de malucos aí na rua...

L.B. – Exato! Talvez fosse visto como tal, mas eu acho que, por exemplo, no momento em que você, às 6 horas da tarde, no viaduto do Chá, você pega o microfone quando as pessoas estão saindo dos seus serviços e estão indo para as suas casas...

L.A.S. – Trabalhadores...

L.B. – Trabalhadores, as pessoas, enfim, que vêm de todos os pontos dessa loucura que é São Paulo e atravessam esse viaduto e de repente a gente sobe num caixão e diz o poema e as pessoas começam a parar

realmente, e de repente se forma uma pequena multidão e as pessoas começam a reagir. Isso quer dizer que as pessoas realmente não lêem o poema ou não consomem o poema ou a poesia na grande maioria das vezes por culpa do próprio poeta. Acho também que o movimento da Catequese Poética, no fundo, foi uma mea culpa do próprio poeta que sempre foi um ser muito alienado neste processo de cultura e de vida brasileira.

[Intervalo]

D.G. – Lindolf Bell, você tem participação programada para a Feira Catarinense de Artesanato, a FECART, que se realiza em Balneário Camboriú. Quando será a sua participação e de que constará?

L.B. – Será no dia 22 e estarei autografando um poema cartaz novo, que foi lançado pelo Massao-Ohno, em São Paulo, há 10 dias e que faz parte desta série de 12 poetas brasileiros que ele está lançando recentemente no Brasil. Estarei lá das 16:00 horas até a feira fechar para conversar, autografar e, eventualmente, até dizer poemas lá.

L.A.S. – Aliás, nós falamos em Catequese Poética e temos aqui uma pergunta do José Roberto Rodrigues, escritor, nosso colega, jornalista. Nós vamos rodar esta pergunta aí e depois você responde, Bell

J.R.R. – Atualmente a idéia da Catequese Poética, de levar a poesia às ruas não é mais aplicável nos dias de hoje? E por quê?

L.B. – Não, acho que tudo é aplicável, só que cada coisa tem o seu tempo certo. Eu acho que se deve criar novas formas de fazer a Catequese. Não se pode permanecer durante 15 anos fazendo as mesmas coisas o tempo todo. Então, há maneiras de se levar o poema. Por exemplo, continua válido dizer poemas em rua, tanto que eu volto a repetir aqui para este ano. Já há uma programação para a Praça do Poema para pelo menos umas três leituras de poesia, uma feita por poetas catarinenses, outra por blumenauenses e outra com a participação de poetas do Brasil inteiro. Agora, também existem outras maneiras de se fazer a Catequese Poética, por exemplo: Quando a gente fez as

camisetas com os poemas e o próprio corpo das pessoas levava esses poemas para a rua, para o estádio, para o cinema, para o trabalho, isto é uma forma de Catequese Poética. Ou com uma exposição. Por exemplo, há uma série de exposições programadas para as fábricas, agora, de artes plásticas, mas também de poesia e que foi iniciada com a exposição, no ano passado, na Teka. Eu acho que isso é uma forma de fazer Catequese Poética localizada. Outro exemplo são esses poemas na Praça do Poema, ainda poucos, para deixá-los no dia-a-dia, à chuva, ao relento, à noite, e as pessoas passando e descobrindo o poema de repente como passível e possível de participar de uma paisagem da comunidade. Eu acho que isto é uma forma de Catequese Poética.

L.A.S. – Agora, Bell, você está falando em Praça dos Poemas...

L.B. – Sim.

L.A.S. – Eu não tenho nada contra a Praça dos Poemas...

D.G. – Espera aí, Luís, essa Praça dos Poemas é bastante polêmica. A esse assunto eu acho que a gente poderia voltar depois, ou não?

L.B. – Tudo bem.

D.G. – Porque o Luís faz uma colocação...

L.A.S. – Larga então.

D.G. – O Luís, sobre a Praça dos Poemas, diz qualquer coisa assim como “nem todos os que estão são, nem todos os que são estão”.

L.B. – Mas acho que ele tem razão.

L.A.S. – O único problema que eu levanto, não só em relação à Praça dos Poemas como em relação aos monumentos colocados na praça, monumentos criados por artistas de Blumenau e da região, é com relação ao critério seletivo, porque há arte com a maiúsculo e há arte com a minúsculo e há artistas e arteiros. Então, acho maravilhoso o movimento de jogar arte na rua, claro que até seria

um contra-senso e um paradoxo como um homem ligado às comunicações, eu ser contra isso. Eu protesto é contra os critérios que vêm sendo adotados. Não vejo critério seletivo, não vejo uma forma adequada que possa impedir que amanhã apareça aí qualquer coisa, entendes? Esse é o meu problema e é isso que eu gostaria de discutir com você hoje, Bell. Rapidamente, é claro, porque se não nós iremos levar muito tempo.

L.B. – Sim, claro.

L.A.S. – Que critério? Quais são os critérios? Por exemplo, que critério determinou, desculpe se eu cito, a colocação do Colete Espacial da Elke ali na frente do Grande Hotel? Qual foi o critério que determinou?

L.B. – Bom, olha eu vou dizer uma coisa, você parece que está me responsabilizando pela colocação das coisas da arte na rua.

L.A.S. – Você é membro do Conselho Municipal de Cultura...

L.B. – Não, mas isso foi antes.

L.A.S. – Você é inegavelmente o intelectual que lidera o campo das artes no nosso município. Efetivamente é a você que tem que se fazer esta pergunta.

L.B. – Não, tudo bem.

L.A.S. – Porque eu não vi nenhuma reação contra da sua parte, e então tenho que acreditar que você concordou com tudo o que está aí.

L.B. – Eu acho o seguinte: Em primeiro lugar, qualquer pessoa que faça arte cultura ou que propõe levar a cultura para fora dos gabinetes, para fora dos salões, para fora dos museus, merece o meu apoio, em princípio. Quanto ao critério seletivo, acho que este é um ponto muito interessante que você levanta. Eu poderia te dizer o seguinte: Na Escultura da Mãe Lavradora, por exemplo, que é esta escultura de granito, branca, que está lá na curva da Beira-Rio, no final da Beira-Rio, o critério seletivo foi: primeiro, a convocação de todos os

Entrevista

artistas da região, de todos os escultores do Estado para apresentarem um projeto; segundo, depois da apresentação dos projetos foi feita uma comissão da qual eu não participei, presidida por Alberto Müller que no momento é o crítico da Visão e do Jornal do Brasil. Democraticamente, o júri decidiu escolher esta escultura do Mario Avancini para colocar na praça. Sobre a escultura da Elke, que sempre é um assunto muito chato, porque há o problema de marido e mulher, e ter que discutir desta maneira pode se tornar uma coisa enfadonha.

L.A.S. – Eu vou dispensar você. Mas vou lhe falar da escultura da Elke, quem é que definiu a colocação daquele estudante lá, qual foi o critério que definiu.

L.B. – Não sei.

L.A.S. – Quem decidiu a colocação da estátua de um estudante lá na rua Antônio da Veiga ou do soprador de cristal lá na rua Dois de Setembro?

L.B. – Eu acho que é uma...

L.A.S. – Eu vou até dispensar você de falar, eu reconheço que...

L.B. – Não, mas eu falo quando sei, agora, por exemplo, não tenho nada a esconder, entendes? Mas quando se trata, por exemplo, da obra da minha mulher realmente é chato...

L.A.S. – Não, tudo bem.

L.B. – Mas deixa eu te dizer. O que eu sei disso é que realmente a Elke foi convidada para colocar uma escultura em praça pública e que ela decidiu colocar esta escultura porque acha que é uma escultura contemporânea, que é uma escultura que corresponde à linguagem dela e ela não iria colocar uma linguagem que não fosse a linguagem dela. E isso foi aceito pelo Renato Vianna, nosso prefeito, quando fez esse convite para colocar esta escultura. Sobre o estudante, isso é um convite também do Renato Vianna. Estas esculturas foram todas

colocadas antes da criação da Comissão de Cultura, por exemplo, e outras esculturas que foram sendo colocadas por critério e decisão do próprio município, dos próprios dirigentes do município. A única que a gente interveio diretamente foi a Escultura da Mãe que...

L.A.S. – Então, Bell, até fico satisfeito com a sua resposta porque isso me tranqüiliza. Eu entendo que a praça pública é um lugar sagrado, sagrado porque não deve ter dono.

L.B. – Correto.

L.A.S. – A praça pública pertence à comunidade e a obra colocada na praça pública imortaliza o seu autor. Então, eu estou tranqüilo com relação às críticas que faço porque vejo que nós corremos um grave risco de imortalizar, por força da determinação, hoje do prefeito Renato Vianna, amanhã sei lá de quem, um monte de imbecis na praça pública, porque amanhã entra um analfabeto aí para ser o prefeito de Blumenau e resolve também fazer convites e resolve convidar um monte de arteiros aí para se imortalizarem em nossas praças. E de repente nós vamos ter aqui um monte de trambolhos jogados pela cidade inteira, sem nenhum critério seletivo e sem nenhum contexto artístico, convocado a opinar. Então, a minha crítica e as críticas que eu tenho feito até aqui me parecem que têm validade e têm procedência. Acho que hoje o prefeito convidou a Elke, que realmente é uma grande artista, ninguém nega isso, e eu não estou dizendo isso por estar na sua frente, mas amanhã o prefeito dá uma daquela de desafio e resolve convidar um arteiro qualquer, destes que andam por aí, tem de monte, você sabe, e cada espaço da nossa praça pública vai sendo ocupado por essa gente que vai sendo imortalizada porque...

D.G. – O Luís, e qual deveria ser o ...

L.A.S. – O Danilo, depois que se coloca um negócio desses na praça ninguém mais tira, porque aí vem o constrangimento. É o problema de nome de rua. Nós temos um monte de ruas aqui em Blumenau com nome de gente que não fez nada pela cidade, não tem nada a haver com

Entrevista

a nossa história, certo? Em detrimento de outras pessoas e de outros vultos que realmente prestaram serviço à comunidade, por quê? Porque os parentes falaram com um vereador, certo? O vereador foi para a Câmara, apresentou o projeto e os demais vereadores, com receio de constrangimento, acabaram aprovando e está aí o nome da rua. Rua Pedro da Silva sei lá das quantas, quem é? Não é, ninguém nem sabe quem foi. A mesma coisa corremos o risco de que venha a acontecer com as artes na praça pública.

L.B. – Mas, Luís, eu acho que em todo o trabalho e toda a vida, em todo o tipo de comportamento você pode fazer coisas certas e você pode fazer coisas erradas. Tenho a impressão de que uma das funções desse recém, pode se dizer ainda, Conselho de Cultura, pode ser esta justamente, de selecionar, de ajudar a selecionar obras de arte de praça pública. Acho que uma das grandes funções do Conselho deverá ser esta.

L.A.S. – Pois é, esta é a minha briga. Acho que alguém tem que decidir, não pode ficar...

L.B. – Mas acontece que a cidade nunca teve um Conselho...

L.A.S. – O Danilo, e se eu povo, eu comunidade não gostar do gosto do seu prefeito, como é que fica?

D.G. – Mas é isto que o Bell está defendendo, isto seria uma responsabilidade exclusiva do Conselho. O Conselho deve ter sido criado com esse objetivo.

L.A.S. – Que ainda é um risco, porque quem cria o conselho é o prefeito.

D.G. – É o mesmo caso que eu posso não gostar de uma decisão da câmara de vereadores!

L.A.S. – Nós temos gente aí participando de entidade cultural que não tem cultura nenhuma.

D.G. – Perfeito. Vamos questionar ao Bell agora, justamente sobre este aspecto. **Há muitas críticas em torno da constituição do Conselho**

que teria sido mais política do que realmente de cunho cultural. Como é que você vê este Conselho Municipal de Cultura?

L.B. – Olha, eu como já disse, não posso acumular cargos e estou de saída do Conselho Municipal de Cultura.

L.A.S. – Por que?

L.B. – Porque sou do Conselho Estadual de Cultura também, sou presidente da Câmara de Artes do Conselho Estadual de Cultura e esse acúmulo de cargos não pode existir.

D.G. – Qual é a análise que você faz do atual Conselho Municipal de Cultura de Blumenau? Como você o qualifica?

L.A.S. – Quem faz parte desse Conselho, que até hoje eu não sei?

D.G. – O Bell como...

L.A.S. – O Bell, eu estou sabendo agora que é membro.

L.B. – Bom, mas sou membro retirante por esta razão que eu já te falei.

L.A.S. – Bell, não existe nenhuma lei que impeça você de acumular a participação no Conselho Estadual de Cultura e no Conselho Municipal de Cultura.

L.B. – Não, mas fica uma coisa ruim.

L.A.S. – Não, não fica ruim, não fica deselegante...

L.B. – Fica.

D.G. – Você acha que foram escolhidos os nomes certos para o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau?

L.B. – Se eu acho?

D.G. – É. Ali estão os nomes...

L.A.S. – O Bell não acha.

Entrevista

L.B. – Acho que as pessoas que estão envolvidas são pessoas que fazem cultura...

D.G. – Está certo então? É o Conselho ideal?

L.B. – Não sei, não existe nada ideal.

D.G. – No nosso ponto de vista, nós temos um ponto de vista...

L.A.S. – Você pode falar abertamente porque o programa aqui é livre.

L.B. – É público, né? Está indo para o ar.

D.G. – É. Somos nós e estes três microfones aqui.

L.B. – Eu acho que é um Conselho que poderá fazer muitas coisas importantes, acho que é só trabalhar.

L.A.S. – Está bom, não é, Danilo, nós vamos ter que engolir assim, agora esta do acúmulo de cargo ser um impedimento, essa não, não é, Bell?

L.B. – Mas, existe uma ética!

L.A.S. – Você fala isso porque alguma coisa está ocorrendo para você estar saindo.

L.B. – Não está ocorrendo nada.

D.G. – Alguém que está fora deveria estar integrando o Conselho Municipal de Cultura, no seu entender? Uma ou duas pessoas que você acha que não poderiam ter ficado fora desse Conselho pelo que representam para a cultura da região do Vale do Itajaí e Blumenau?

L.B. – Eu acho que a cultura se faz não independentemente nem de facções e nem de fatias, então, eu acho que dentro da área do Conselho de Cultura a representação de elementos da área das comunicações me parece... [terminou o lado A].

LADO B

L.A.S. – Disseram-me que você faz parte de um triunvirato que participa lá do levantamento dos problemas que ocorreram recentemente no Carlos Gomes. Não tem nada haver com cultura, mas por extensão, é claro que se o Carlos Gomes for mal a cultura passa a ir também um pouco mal.

[Pausa]

L.B. – Lendas, mais um dos mitos. A gente faz parte de um grupo de pessoas que trabalha para que permaneça intacta a idéia da cultura dentro do Teatro Carlos Gomes. Esse grupo de pessoas é formado pela Dona Neide Pereira, Norton Azambuja, Francisco Socorro e pelo Pedro Nascimento que é o diretor da Escola de Balé dentro do Teatro. A nossa preocupação é exatamente essa, manter intacta e viva a idéia da cultura dentro do Teatro Carlos Gomes através da convocação, por exemplo, do grupo de teatro infantil que praticamente tinha se desligado do Teatro Carlos Gomes, da proposta para Funart da escola de balé, da escola de música, contatos com grupos de teatro no Brasil todo, provavelmente com a vinda inclusive de um professor que possa ensinar teatro aos grupos amadores da cidade, porque praticamente todas as fábricas têm grupos amadores nas cidade e o teatro...

L.A.S. – Por que se critica tanto o Carlos Gomes hoje? Aquela professora, como é o nome dela Danilo?

D.G. – Dona Edite.

L.A.S. – Dona Edite faz críticas violentas ao Carlos Gomes. Ela teve algum problema pessoal com o presidente do Carlos Gomes. Ela tem alguma razão ou algum fundamento naquilo que ela diz?

L.B. – Eu acho que a Dona Edite tem algum tipo de afeto pelo Teatro que ela pretende defender, só isso, que ela defende publicamente, acho que é isso. Agora o que a gente democraticamente sabe é que todas as pessoas devem e podem e precisam dar as suas opiniões, entendes?

Entrevista

D.G. – O Norton Azambuja, do Jornal de Santa Catarina, perguntou o seguinte: Como é que o Conselho de Cultura vai decidir alguma coisa se entre os conselheiros existe falta de consenso geral? As pessoas se odeiam, as pessoas se recusam a se reunir e o critério de escolha dos conselheiros foi totalmente político. Esta é a colocação do Norton Azambuja.

L.A.S. – Confirmando o que vocês já levantaram.

L.B. – Se foi totalmente político, eu não acredito que tenha sido, em todos os casos se foi e para saber se foi realmente...

L.A.S. - Não foi totalmente político, mas foi político, é claro, é um critério político e...

D.G. – Isso aí não quer dizer política partidária, eu acredito, é política cultural.

L.A.S. – É lógico e não é diferente em lugar nenhum. A verdade é que na seleção de um conselho, lógico, que a pessoa que forma o conselho vai procurar constituí-lo com elementos nos quais ele possa confiar.

D.G. – Bell, segundo o Norton cada um está puxando para um lado lá no Conselho, isso é verdade?

L.B. – Não sei se puxa cada para um lado.

D.G. – Como “não sei”? Você integra o conselho ainda, Bell. Você ainda é integrante, membro integrante do Conselho, é retirante, mas ainda não saiu. Então, como vai o conselho?

L.A.S. – O Bell é poeta...

L.B. – Está por fazer.

D.G. – Ainda não vai?

L.B. – Não vai.

L.B. – Está certo.

L.A.S. – O Norton está dizendo aqui que se cada um estiver puxando para um lado tudo bem, mas o pior é se cada um estiver puxando para o seu lado. Aí é que a coisa complica. Nós vamos ouvir aqui, o Bell, não somos nós, heim! É o professor Gervásio Luz que vai...

L.A.S. – Escritor...

D.G. - Escritor que vai colocar você num fogo desgraçado aqui. Roda lá, meu filho, vamos ouvir.

G.L. – Lindolf Bell, eu vou dar uma de Pasquiniano imitando aquelas entrevistas famosas e perguntando o seguinte: Nota de 1 a 10 em termos de literatura para Ricardo Hoffman, Alcides Buss, Silveira Júnior, Carlos Ronald Schmidt, Péricles Prade, Osmar Pisani, Lausimar Laus e Wilson do Nascimento. Nas artes plásticas, também, nota de 1 a 10 na posição de crítico em que você é respeitado. Martinho De Haro, Rodrigo De Haro, Alberto Luz, Guido Heuer e, para não ir muito longe, vamos ficar com um artista da nossa região, o escultor Hartmann.

L.B. – Gervásio, eu acho que é impossível dar notas para as pessoas em termos de arte como se a gente estivesse realmente fazendo... eu posso fazer uma análise rápida de cada um, isto eu proponho por que é a única maneira...

L.A.S. – Fazer uma análise rápida já nos contenta.

L.B. - Está bem. Ricardo Hoffman: Acho que é realmente a grande revelação do romance aqui em Santa Catarina desde os anos 70. Isso aí é inegável.

D.G. – Merece 8 então talvez por ser revelação?

L.B. – Alcides Buss...

D.G. – Ao invés de comentar, dá nota, dá nota, Bell. Você é entrevistado do programa, está com...

Entrevista

L.B. – Eu dou 10 para todo mundo. Acho que quem faz arte tem que ganhar 10.

L.A.S. – Eu acho legal que o Bell faça uma apreciação de cada um, porque muitos ouvintes nem conhecem as pessoas que estão aí.

L.B. – Alcides Buss é um poeta fascinante, entendes? Tem uma linguagem, por exemplo, que agora no seu último livro fala de toda uma área rejeitada da população, de uma área de pessoas que nem sempre..., ele fala do engraxate, ele fala da empregada doméstica, quer dizer, ele faz um mimo de amor e de afeto a uma série de pessoas que muitas vezes são vistas de tal maneira pela sociedade estabelecida e oficializada, como se realmente fizessem parte dos objetos e móveis da casa. E o Alcides Buss consegue dar a cada uma dessas pessoas uma verdade humana tão ampla quanto cabe a cada ser humano, quanto vale cada pessoa. O Silveira Júnior, o livro dele de memórias, para mim, é uma pequena Macondo que ele descreve nesse seu último livro de memórias. É um livro maravilhoso...

L.A.S. – Você leu o livro do Silveira Júnior?

L.B. – Claro.

L.A.S. – Tudo bem.

L.B. – Carlos Ronald Schmidt, um poeta que está lá isolado em Biguaçu, fechado sobre si mesmo, desapontado com a política oficial de literatura, da arte em geral nesse Estado e no País, fazendo uma obra de excelente qualidade sendo traduzida nos EUA, e na Alemanha agora.

L.A.S. – Tem que fazer Catequese Poética, não pode ficar fechado.

L.B. – Mas é uma posição.

L.A.S. – Tudo bem.

L.B. – Nem todos devem ter as mesmas posições. Péricles Prade está aí na sua luta com os seus últimos livros lançados aqui em Blumenau,

tanto na área do conto fantástico quanto na área do poema alicerçado sobre as suas experiências em Timbó, por exemplo, a sua infância. Osmar Pisani foi o grande premiado com o Prêmio Cruz e Souza aqui em Santa Catarina, o primeiro Prêmio Cruz e Souza de Poesia em Santa Catarina. Lausimar, que, infelizmente já não existe, é uma excelente romancista com, por exemplo, “O guarda-roupa alemão”, abordando a temática aqui do Vale do Itajaí. É, também, um dos grandes valores. Ao Wilson Nascimento tenho sugerido inúmeras vezes para que reúna os seus poemas em sua linguagem totalmente particular e pessoal e faça um livro desses seus poemas.

L.A.S. – O Bell, você não tinha brigado com o Wilson Nascimento?

L.B. – Nós brigamos no campo das idéias, mas só no campo das idéias, entende?

L.A.S. – Aliás, briga neste campo é até coisa comum!

L.B. – Eu acho que ela deve existir...

L.A.S. – Eu até declarei, viu, Bell, que não vou mais nestas coletivas porque fico na frente das obras, e por trás daqueles painéis o que se briga não está escrito! Mas vamos lá.

L.B. – Eu acho que o campo das idéias é um campo de brigas. Quando as pessoas não têm mais idéias e não brigam mais no campo do pensamento é porque as pessoas estão mortas realmente. Eu acho que é muito bom, é muito importante que...

L.A.S. – Você é um bom brigador, Bell?

L.B. – Acho que sou um bom brigador no campo das idéias.

D.G. – Você está vivo!

L.B. – Eu procuro defender idéias e quando vejo que elas não estão certas também procuro reconhecê-las como tal, como erradas. Acho que no campo das idéias esta é a grande vantagem. Você pode até se

magoar, mas quando você tem a idéia viva e acesa pode novamente se recuperar e mudar até de idéia que pode democraticamente chegar a outras conclusões tanto na área das artes, da literatura, da vida em si ou na discussão dos problemas da comunidade. Sobre Martinho De Haro eu acho que é pessoa indiscutível na área das artes plásticas. Um homem que foi companheiro de Cavalcanti no Rio de Janeiro, por exemplo, e se isolou aqui na ilha fazendo, uma obra plástica de grande qualidade.

L.A.S. – Esse é 10 com 10 estrelas.

L.B. – Exatamente. Rodrigo De Haro que agora fez aquela reforma toda, ou seja, não derrubaram o Teatro construído em 1887 em São José, mas recuperaram este Teatro, e Rodrigo o recuperou. Quer dizer, os artistas plásticos podem ser úteis na comunidade para este tipo de coisa também, para restauração, para recuperação ou mesmo para pintura de murais, paredes nos prédios, edifícios como o Rodrigo fez agora com grande sucesso. O Alberto Luz para mim realmente é um dos grandes artistas brasileiros. Sempre disse isso e sempre direi isso pela originalidade do seu trabalho, pela força inventiva que tem, pelo reconhecimento que tem em São Paulo, no Rio e até em cidades fora do país. O Guido Heuer, a última exposição dele no Teatro Carlos Gomes, para quem viu sabe o salto que ele deu além do horizonte desde 12 anos atrás quando a galeria Açu-Açu o lançou. Realmente é um artista que está vivo, tão vivo que agora faz parte, é um dos dois únicos artistas que fazem parte de Santa Catarina no grande Salão Nacional de Artes Plásticas no MAM, no Rio de Janeiro. O Max Hartmann é um escultor primitivo que está firme na sua pesquisa dentro da madeira...

L.A.S. – O Bell, esta grande briga, esta grande polêmica em que estou envolvido, a respeito dos enxaiméis. Da chamada arquitetura neo-germânica implantada em Blumenau e que mereceu da parte de vocês da área cultural, mereceu e continua merecendo porque a coisa vem sendo até industriada. Eu estava lendo estes dias o Jornal da Associação Catarinense de Engenheiros, onde havia um longo

artigo em que a imprensa é acusada, e a imprensa aqui provavelmente sou eu, de estar a proteger a Front Arte e essa coisa toda. Vamos posicionar um pouquinho esse aspecto, Bell, porque este já é do conhecimento do público. O povo na rua, eu tinha até mandado fazer uma pesquisa, não sei por que o nosso pessoal aí não fez a pesquisa para saber o que o povo acha dos nossos prédios típicos coloniais que foram feitos recentemente em Blumenau. O povo não está muito a favor de vocês nessa polêmica porque o povo olha para um desses modernos edifícios espigões de apartamento e olha para o prédio da Casa Moellman e olha até aquele das Casas Pernambucanas, e todo mundo critica. Muitos de vocês preferem realmente essa arquitetura neo-germânica que, não sei se você está incluído, mas alguns intelectuais resolveram conglomerar essa tentativa de criar através da arquitetura local um meio de atração turística.

- L.B.** – Não, Luís, acho que o que a gente pessoalmente defende – eu nem sabia que tinha sido chamada assim, de neo-germânica – mas enfim, prefiro olhar para um prédio neo-germânico, obviamente, do que para uma caixa de fósforos qualquer moderna que se encontra em qualquer cidade. Agora, o que eu não admito e o que eu contestarei sempre são a derrubada de obras de arquiteturas autênticas e a colocação, no lugar delas, obras que não são autênticas, quando perfeitamente se sabe que em todo mundo pode se conservar e preservar as obras autênticas e, por exemplo, construir nos fundos ou qualquer coisa assim como os nossos bancos estão fazendo, construir os seus neo-germânicos ou modernos. Então, acho que é imperdoável a derrubada do Kieckbusch. Ele faz parte da tua memória e da memória de várias gerações. Até historicamente foi importantíssimo porque lá dentro morou, inclusive, a filha do Dr. Blumenau. E se nós falarmos em tradição, em raízes e em coisas típicas, eu acho que a gente não pode esquecer deste aspecto. Acho muito bom que se construam coisas novas até lembrando coisas antigas, acho importante, mas que não se derrube o que é antigo para construir um novo em cima, fingindo que é antigo. Que se

derrubasse o Varandão, por exemplo, que se derrubasse a Estrada de Ferro. Claro que tudo isso é uma consciência nova, Luís. Mas tu hás de reconhecer que a consciência da preservação das coisas no Brasil é uma coisa nova, não é só em Blumenau, e então muitas vezes se levanta idéias tipo: Por que antes não falaram? Por que não disseram antes? Só agora estão falando! Realmente essa consciência é uma coisa nova.

L.A.S. – Essas também são as perguntas que eu faço.

L.B. – Mas é uma coisa nova, Luís. É uma coisa nova e de repente a gente se deu conta de que em Blumenau não resta mais nenhuma casa verdadeira. Tem a casa Husadel...

L.A.S. – Você participou comigo de uma conversa com um dos membros da família, se eu não me engano ele era um dos membros da família ou pelo menos o rapaz disse que se fosse membro da família Husadel, no momento que aparecesse uma proposta imobiliária de alto vulto os proprietários não resistiriam. Hoje não sei quem é o proprietário da casa Husadel. Amanhã ele morre e os herdeiros vão ter novos herdeiros e daqui um pouco recebem uma proposta imobiliária. Claro que vão vender, Bell. É irresistível.

L.B. – Por isso existe um processo em termos de tombamento e de apoio às pessoas que preservam...

L.A.S. – É isso que eu queria que você dissesse. O prédio do Kieckbusch, condenado, e os proprietários não tinham a menor intenção e alegavam até que não tinham a menor condição de recuperá-lo, o poder público não dando nenhum apoio no sentido de recuperar, então o poder público foi o primeiro a “derrubar” um monte de coisas.

L.B. – Claro.

L.A.S. – Então fazer o quê?

L.B. – Mas isso não quer dizer que seja justo.

L.A.S. – Não estou dizendo que é justo, mas nós não podemos ser mais reais do que o próprio rei.

L.B. – Mas podemos ser mais informados que o próprio rei, e a casa Kieckbusch tinha condições de ser recuperada, mas simplesmente ninguém foi consultado do Pró-Memória, da Pronac, nada foi consultado. De repente o prédio foi derrubado e acabou-se.

L.A.S. – Você deve ter visto aí as publicações feitas relacionadas ao centenário de fundação do grupo Hering, da Companhia Hering.

L.B. – Sim.

L.A.S. – Você viu onde começou a companhia, onde o Hermann Hering montou a sua primeira malharia na Rua XV de Novembro, onde hoje está o majestoso prédio das Lojas Hering.

L.B. – Sim.

L.A.S. – Eu pergunto para você se existe alguém em Blumenau que mereça mais mérito e mais elogios do que o grupo Hering em termos de preservação das coisas históricas da cidade? Não existe ninguém em Blumenau que mereça mais mérito do que o grupo Hering, mas, no entanto, foi irresistível a derrubada daquele primeiro prédio da fábrica deles para implantar ali um imóvel moderno, para dar seguimento para as suas atividades comerciais.

L.B. – Claro, foi irresistível e ...

L.A.S. – E pegaram de quadra a quadra, porque pegaram da Rua XV e foram até a Rua Sete com o Plaza Hering.

L.B. – Foi irresistível em termos de proposta econômica, mas acho que teria sido perfeitamente viável deixar esta pequena casa, se tivesse tido uma consciência na época, esta pequena casa... Acho que teria sido perfeitamente possível desde que houvesse uma consciência na época. Manter essa pequena casa onde começou tudo isso que você falou da Hering e se mantivesse isso, e se construísse esse majestoso

Entrevista

prédio também, por que não? Isso em qualquer país civilizado se faz, em qualquer cidade civilizada se faz.

L.A.S. – Então nós não somos uma cidade civilizada.

L.B. – Não somos mesmo, sobre este aspecto somos completamente brutais porque estamos destruindo e desvirtuando a nossa memória, e com todo mundo compactuando.

D.G. – O Bell, tem se dito que somente promoções idealizadas e organizadas pela Galeria Açu-Açu são as que dão certo ou pelo menos são as que recebem maior badalação e maior frequência de público. Isso é monopólio ou simplesmente boa organização e já a tradição de uma galeria?

L.A.S. – Boa organização de 25 horas de trabalho por dia.

D.G. – Obrigado!

L.A.S. – 25, é?

L.B. – Exato.

L.A.S. – Precisa me dar a fórmula de achar mais uma hora.

L.B. – Essa uma é poética.

L.A.S. – Particularmente eu já fiz esta pergunta a você. Vou fazê-la hoje, aqui, em Censura Livre, porque não sou eu o único a indagar.

L.B. – Pois não.

L.A.S. – Comenta-se que as exposições e as coletivas de artes plásticas discriminam os expositores, e uma das críticas que se faz, por exemplo, é aquela daquele velhinho lá da rua Pastor Hesse que já faleceu...

D.G. – O Max Hartmann também diz que nunca é convidado.

L.A.S. – Não, o Max Hartmann é convidado e eu sou testemunha pessoal

de que ele é convidado porque uma das poucas obras que eu comprei, comprei numa coletiva ...

L.B. – Aliás, na galeria Açú-Açú.

L.A.S. – Exato. Que bom, mas aquele velhinho da Rua Pastor Hesse, que já faleceu, que expunha os seus quadros, muito bonitos para o meu gosto, ali na Casa Meyer...

L.B. – Sim, o seu Manske.

L.A.S. – O seu Manske. Ele nunca teve vez numa exposição, numa coletiva de artes plásticas comandada por você.

L.B. – Mas isso é mentira, ele teve até sala especial.

L.A.S. – Não sei. É o que se comenta aí, que o homem tinha que expor nas vitrines!

L.B. – Mas é mais uma das mentiras das pessoas que não vão às exposições e depois ficam falando coisas que não sabem. O seu Reinaldo Manske teve uma sala especial na 5ª Coletiva de Artes Plásticas Barriga Verde, que foi organizada como todas as outras...

L.A.S. – Então as críticas ainda remontam à primeira, segunda, terceira e à quarta coletiva.

D.G. – Isso seria reclamação de artistas que desejam se isolar, desejam vencer isoladamente?

L.A.S. – Não, é que até a quarta coletiva ele não participou, a reclamação foi muito violenta e o Bell abriu as portas.

L.B. – Claro, evidente.

L.A.S. – Foi isso?

L.B. – Foi isso também. O seu Max Hartmann disse claramente, e isto qualquer pessoa que estava ligada a ele sabia, sempre se declarou contrário a trabalhar com galerias de arte.

D.G. – Perfeito.

L.B. – Então a idéia dele era comercial. Era muito mais interessante vender as obras dele, por exemplo, na Casa Meyer, que não é uma galeria de arte mas que se faz de galeria de arte.

L.A.S. – Não sei Bell, é você que está dizendo.

L.B. – Eu estou dizendo porque é isto. Quem é que vai me desmentir, pois dia-a-dia a gente vê isso e eu acho ótimo. Em qualquer espaço que se ponha arte eu acho importante, mas agora não venham fantasiar e não venham com mentirinhas por cima de mim que a gente sabe bem das coisas. Se o artista quer só vender em sua casa, ele deve fazer isso. Acho importante. Agora, claro, a galeria é um espaço onde as pessoas podem também colocar as suas coisas ou não.

L.A.S. – Tempo esgotado, não é, Danilo?

L.A.S. – O Bell vai ser convidado de novo para este programa. Vou fazer a última pergunta para encerrar a participação hoje. Você me disse há alguns dias que depois dessa sua viagem e depois de muita reflexão você mudou. No que você mudou, Bell?

L.B. – Mudei para o seguinte: cada vez mais estou convencido de que realmente a minha área de trabalho maior é a área do poema, quer dizer, mudei voltando como num ciclo temporal, àquilo que é mais verdadeiro dentro de mim, que é o poema. É a poesia, esse que é o meu trabalho.

L.A.S. – Nós vamos encerrando a apresentação de hoje do programa Censura Livre. Muito obrigado, Bell, pela sua presença.

L.B. – Obrigado a você.

Construção da ponte rodoviária sobre o Rio Itajaí-Açu em Blumenau

Engenheiro Dr. Gustav Leyen¹

Fragmentos da
nossa história local

**Em
prolongamento à
Rua República
Argentina**

Nesta palestra quero dar uma rápida explanação referente à construção da ponte rodoviária sobre o Itajaí. Primeiro darei alguns dados característicos: A ponte transpassa o rio em 5 vãos de 25 metros, tendo em cada margem um encontro de 5 metros, de maneira que apresenta um comprimento total de 135 metros. A faixa de tráfego é de 7,2 metros e os passeios laterais são de 1,6 metros perfazendo uma largura total de 10,4 metros.

Serão empregados na construção da ponte 1400 m³ de concreto armado em que serão gastos 10.000 sacos de cimento e 146.000 kg de ferro redondo. Para conseguir uma construção não muito pesada, admitimos a taxa de trabalho de concreto mais alta possível que consta da Norma Brasileira n° 2 qual fixa os dados referentes à construção de pontes de concreto armado. Fizemos uma série de ensaios para, com o material disponível, conseguir a devida resistência do concreto.

Em corpos de – prova confeccionados durante a concretagem da primeira parte da superestrutura obtemos uma resistência de 385 a 427 kg/



¹ Este texto foi apresentado sob a forma de palestra em Blumenau, no dia 28 de fevereiro de 1956.

Fragmentos de nossa história local

cm² de – acordo com o Certificado Oficial do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, resistência esta que em muito ultrapassa a resistência exigida de 225 kg/cm². Em comparação podemos salientar que o concreto empírico usado nas construções comuns tem uma resistência de 135 a, talvez, 160 kg/cm², o que permite uma taxa de trabalho de 45 kg/cm², ou seja, a metade da taxa admitida na ponte.

No início de nossa obra tivemos que lutar com grandes dificuldades na execução das fundações, porque, com os meios precários de que dispomos, qualquer pequena enchente do rio nos impediu de trabalhar. Felizmente já concluímos esta parte difícil da obra e em que não era possível prever o tempo necessário para acabá-la. Todos os encontros e pilares foram fundados na rocha que nesta parte do rio se estende num nível mais ou menos plano.

Numa parte dos tubulões de fundação, conseguimos vedar a entrada da água, de maneira que pudemos executar os mesmos ao ar livre.

Na parte esquerda do rio, porém, onde era maior a camada de areia e pedregulho sobreposta à rocha, tivemos que executar a escavação deste material com a ajuda de escafandro. A camada inferior do concreto nestas fundações foi feita com concreto imerso colocado por um processo especial chamado “Processo Contractor”. Da superestrutura já construímos o encontro direito, o primeiro vão na margem direita e o consolo referente. Esta parte que já se acha sem andaimes, representa, com seus 35 metros, um pouco mais do que $\frac{1}{4}$ do comprimento total da ponte. O ferro da armadura se acha curvado quase completamente e se encontra depositado num canteiro, à margem esquerda do rio. Muito nos atrasou no último tempo a falta de dinheiro disponível para a construção da ponte. Uma grande parte da verba foi empregada para financiar a construção da ponte sobre o Ribeirão da Velha na rua São Paulo. Durante os dois primeiros meses deste ano de 1956, fizemos a montagem da maior parte do andaime à margem esquerda do rio.

Com a conclusão completa das fundações da ponte acabamos a parte de nossa obra que apresentava dificuldades e imprevistos bastante grandes e em que, devido aos nossos meios precários, não era possível prever o tempo necessário para terminá-las. Para o serviço restante que apresenta trabalhos fora da água, agora já podemos prever um programa de execução

e calcular o custo referente. Elaboramos nosso programa que prevê a conclusão da obra ainda este ano. No mesmo constam os serviços a executar e o custo destes nos diferentes meses do ano. Para alcançar este fim, naturalmente seria necessário podermos constar em dada época com o numerário previsto.

Quero frizar mais uma vez que os grandes imprevistos e dificuldades da obra já foram vencidos e que no resto do serviço se trata de trabalhos, se bem em parte complicados e difíceis, mas para os quais hoje já temos o nosso pessoal treinado, de maneira que com os devidos fundos à disposição não se apresenta mais nenhuma dificuldade para a conclusão da obra dentro do tempo previsto.



Ponte Adolfo Konder

Burocracia & Governo

Burocracia &
Governo

294

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a os
inclusos quadros dos trabalhos executados em esta
colonia nos mezes de Novembro e Dezembro de
1865.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau,
3 de Janeiro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de
Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Obs.: não há os quadros de trabalho.

295

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Informando o incluso requerimento do Julio
Amberg, tenho de dizer, que o mesmo até agora
não escolheu hum lote de terras n'esta colonia.
Conforme a ordem do 7 de Dezembro de 1864



deixou esta Directoria a disposição do Amberg, que entrou na colonia no 17 de Janeiro de 1865, de escolher hum lote, mas como não podia conceder também subsídios á elle, declarou que sem esta ajuda não lhe era possivel de existir como lavrador e foi para S^a Catharina. Depois voltou outra vez para cá, demorou algum tempo na colônia e sahio emfim, sem ter declarado á esta Directoria o numero d'hum lote escolhido e quanto sei mesmo sem o menor conhecimento dos lotes disponíveis.

O mesmo tem a divida de Rs: 11\$500 á Fazenda Publica e se V^a Ex^a conceder a transferência a outro que quer morar e trabalhar no lote ainda á distribuir devia pagar este a dita divida.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Colonia Blumenau, 4 de Janeiro de 1866.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

296

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a os inclusos quadros dos trabalhos executados em esta colonia no meze de Janeiro de 1866.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 28 de Fevereiro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Obs: não há o quadro de trabalho.

297

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Para ocorrer ás despesas d'esta colônia no próximo trimestre de Abril a Junho de 1866 venho respeitosamente rogar V^a Ex^a queira dignar-se de

mandar pagar ao meu procurador Sr. Fernando Hachradt a quantia de Rs: 13:135\$000 ultima parte da importancia que o Governo Imperial concedeo para a mesma no corrente exercicio, e mais Rs: 400\$000, importancia dos vencimentos por este trimestre de Janeiro a Março e o próximo de Abril a Junho, que me competem em quanto substituo o Director.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Colonia Blumenau, 3 de Março de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

298

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no meze de Fevereiro de 1866.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 18 de Março de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Obs: Não há o quadro de trabalho.

299

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Março de 1866.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 11 de Abril de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Obs: não há o quadro de trabalho.

300

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Em devido cumprimento da ordem de V^a E^{xa} do 22 de Março participei ao colono Henrique Nagel, que logo tenha de pagar a quantia de Rs: 99\$370 ou retirar-se d'esta colonia. Em consequência d'isto entrou a quantia de Rs: 60\$000 e pedio instantemente pouca espera para que possa dirigir-se á benignidade de V^a E^{xa} e talvez obter a licença de poder estabelecer-se aqui. Julguei dever conceder n'esta demora, tanto mais que o homem me parece sem meios para a volta com sua família e espero as ordens ultteriores de V^a E^{xa}. N'esta occasião tenho a honra de declarar, que de maneira nenhuma facilito a mudança de colonos nem distribuo lotes á colonos vindos de outras colônias sem a autorisação de V^a E^{xa}, porém não posso impedir a entrada de taes individuos de que muitas vezes não tenho conhecimento se não depois de ser acabada e então he sempre difficil regressa-los com a família, visto que em maior parte estão sem quaesquer recursos para a volta o mesmo para a sua subsistencia. O impedimento completo de taes mudanças de colonos de hu huma colônia á outra parece me bastante difficil e supposto, que em todas as partes são obrigados ao pagamento de suas dividas mesmo pouco vantajoso, porque o homem retido contra a sua vontade n'huma colonia, trabalhará com desgosto e não deixará de ser mão colono.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 12 de Abril de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

301

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Devolvendo os inclusos requerimentos. Tenho a honra de informar o seguinte:

José Vogel comprou em 5 de Agosto de 1861 hum lote de terras, que pagou á vista com Rs: 300\$000 sem desconto do rebate de 12% que concedem as instrucções para esta colonia, porque esta Directoria não recebeu estas instrucções se não mais tarde.

Os A. Richter e Eduardo Schadrack não comprarão os quatro lotes mencionados á esta Direcção, mas á pessoas privadas, os lotes forão vendidos da Direcção nos annos de 1860/62 achão se hoje na segunda e terceira mão, e pagarão os referidos últimos proprietários pelos mesmos hum preço muito maior do que o de Governo de Rs: 40\$000 por geira.

Quando os supplicantes adquirirão os lotes devião saber e souberão que parte dos mesmos seja exposta as inundações de Itajahy bem que raras vezes, mas apesar d'isto teem os comprado.

Quanto ao lote de que E. Schadrack diz que pagou Rs: 300\$000 por bemfeitorias, tendo a superficie de cerca de 1600 braças quadradas, prova isto ao melhor que o preço primeiro de 40\$000 por 500 braças quadradas he bastante barrato. O E. Schadrack soube bem, que o primeiro comprador do dito lote nem o pagou mas que ainda era devedor ao Governo Imperial com a quantia de Rs: 180\$000 por subsídios de passagem e se apesar d'isto pagou Rs: 300\$000 ao mesmo, era porque julgava que não seja preciso pagar as dividas ao Estado ou era inconsideração.

O mesmo E. Schadrack deve ao Governo por este lote Rs: 310\$565 já desde muito tempo pagáveis, e como he homem bem situado que da emprestimos á juros era talvez a desejar se V^a Ex^a dignar-se de mandar o pagamento d'aquella divida, visto que as admoestações d'esta Direcção forão inúteis até agora.

Todos os lotes referidos não obstante a inundação de partes d'elles tem hoje sem as bemfeitorias o valor duplo e triplo do preço original, por

todas estas razões parece-me a redução do mesmo pouco justificada.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Colonia Blumenau, 14 de Maio de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

302

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

O Director d'esta colônia D.^r H. Blumenau permittio-se em Novembro de 1864 apresentar o projecto de algumas posturas para o districto da mesma colônia e foi remettido este projecto, quanto me consta á Câmara municipal de Itajahy. Infelizmente até hoje não tive mais noticia d'elle e como a falta de determinação sobre os assumptos mencionados não deixa de provocar muitas inconveniencias, clamores e mesmo prejuízos para as obras publicas tomo a liberdade apresentar á V^a Ex^a a inclusa copia d'aquellas posturas, rogando tão respeitosaente quão instantamente V^a Ex^a digna-se recommendar huma resolução sobre as mesmas.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Colonia Blumenau, 14 de Maio de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

303

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Como infelismmente ainda falta para a colônia Blumenau o respectivo orçamento que regula as despesas de 1866/67 venho respeitosaente V^a Ex^a digne-se conceder-me a licença de gastar o saldo do anno pafsado d c^{ca}

Rs: 500\$000 para as primeiras e urgentissimas despesas d'esta colônia e de mandar pagar ao meu procurador, D^m Fernando Hacradt mais a quantia de Rs 2:000\$000 para o mesmo fim.

Preciso necessariamente d'estas quantias para a recepção, o transporte e o primeiro soccorro por trabalho de c^{ca} de 100 imigrantes que sahirão de Hamburgo em 14 de Maio e que espero todos os dias, formando elles parte de 750 pepsoas*, que o Director Dr. H. Blumenau he autorisado de introduzir até o fim do corrente anno financeiro.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Desterro, 25 de Julho de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int. da Col. Blumenau.

H. Wendeburg.

Obs. O que fazer no caso dos 2 s?

304

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Em cumprimento da ordem de V^a Ex^{ca} do 14 de Junho p.p., que não recebi se não depois da minha volta da Capital no dia 1^o d'este mez, tenho a honra de referir, que, com meu grande sentimento apesar das publicações largas e repetidas do Decreto N^o 3069 de 17 de Abril de 1863 em lingua allemã e apesar de recommendações urgentes do acto de registrar da parte d'esta Directoria, apresentarão-se até agora só poucas pepsoas* para pedir o apseno no registro de casamentos, nascimentos ou obitos.

Deos Guarde a V^a Ex^a - Colonia Blumenau 3 de Agosto de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

305

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Cumprindo a ordem de V^a Ex^{ca} do 11 de Agosto p.p. refiro-me ao meu officio de 3 de Agosto e tenho a honra de declarar que nos livros competentes d'esta colônia tem sido registrados até hoje: três casamentos, desasete nascimentos e quatro obitos.

Deos Guarde a V^a Ex^{ca} – Colonia Blumenau 4 de Setembro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

306

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Pela falta do orçamento do corrente anno financeiro para esta colonia, que espero em vão de dia em dia, estou na necessidade de dirigir-me de novo à benevolencia de V^a Ex^{ca} que já me concedeo Rs 2:800\$?00 para as despesas mais urgentes da mesma colônia. Entrarão entretanto dois barcos Hamburguezes o Vajade e Hary Block com cento e onze immigrants. As despesas para estes, e outras despesas que, bem que reduzidas ao mínimo, sempre são inevitáveis com huma colonia da extensão de esta, se não deve acabar tudo e nascer importantes perdas para o Governo Imperial, consumirão a maior parte da quantia acima em quanto os recém chegados, não recebendo adiantamentos, precisão de algum ganho por trabalho.

Venho por isso rogar respeitosaente V^a Ex^{ca} queira dignar-se de mandar pagar mais cinco contos de Reis ao meu procurador S^{nr} Fernando Hackcradt, para as despesas mais urgentes d'esta colônia nos meses próximo futuros.

Deos Guarde a V^a Ex^{ca} – Colonia Blumenau 4 de Setembro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o
H. Wendeburg.

307

Devolvendo à V^a Ex^{ca} o incluso requerimento tenho a honra de declarar que não sei se os fundos requeridos pertencem a colonia ou sejam terras particulares e já anteriormente possuídas. Achão-se aquelles fundos em huma localidade entre os ribeirões do Belxior e da Toupava de que o Director Dr. Blumenau já referio umas vezes e ultimamente em 12 de Julho de 1864, e reina na mesma grande confusão entre terras devolutas e já possuídas, assim que não he conveniente vender ali terras em quanto não fôr estabelecido hum mappa exacto na maneira que o Sr. Dr Blumenau já propóz no dito officio.

Conforme o meu parecer tem as terras d'aquelle lugar pouca importância para esta colônia, visto que a sua posição, qualidade e quantidade não he apropriada para ali estabelecer colonos, e sendo devolutos os fundos requeridos não julgaria inconveniente a sua venda a o requerente.

Deos Guarde a V^a Ex^{ca} – Colonia Blumenau 10 de Outubro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque
Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

308

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Em consequência do officio de V^a Ex^{ca} do 19 de Setembro e da informação do meu procurador Snr. Fernando Hackradt, relativamente ao credito para as colônias que seja conforme os orçamentos do ultimo exercício, venho respeitosamente rogar, V^a Ex^{ca} queira dignar-se de mandar pagar para as despesas d'esta colonia ao dito Snr. Fernando Hackradt a quantia de Rs 14:470\$000 – sendo Rs 1:335\$000 o resto do trimestre de Julho a Setembro p.p. e Rs 13:135\$000 pelo corrente trimestre de Outubro a Dezembro, e mais Rs 400\$000 que me competem pelo mesmo tempo de Julho a De-

zembro como substituto do Director.

Deos Guarde a V^a Ex^{ca}

Colonia Blumenau 2 de Novembro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque
Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

309

Tenho a honra de entregar a V^a Ex^{ca} incluso hum titulo definitivo para João Giescler e rogo respeitosaente V^a Ex^{ca} dignar-se assignar e mandar registrar o mesmo, se forem em ordem os meus diseres, ou se não, de mandar instruir-me á respeito, afim de poder continuar bom os mais titulos.

Deos Guarde a V^a Ex^{ca}

Colonia Blumenau 2 de Novembro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque
Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

310

...400\$000 para a compra de medicamentos para colonos pobres: Consta-me que he concedida semelhante quantia tambem em outras colônias, e sendo este soccorro tanto mais necessario n'esta, onde o estado sanitário em geral felizmente he muito bom, assim que o boticário tem pouco ganho, e não se acha na posição de poder dar credito aquelles colonos recém chegados - e são em maior parte estes que carecem da ajuda do medico e boticário - que precisão de medicamentos. Ouso por isso respeitosaente, V^a Ex^{ca} digne-se autorizar-me ao emprego de Rs 400\$000 para a compra de medicamentos para colonos pobres, das sobras provaveis de outras verbas do orçamento do anno corrente.

Burocracia & Governo

Deos Guarde a V^a Ex^{ca}

Colonia Blumenau 17 de Dezembro de 1866.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque

Lacerda

D.^{mo} Presidente da Província etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

Lembranças da praia de Camboriú¹

Memórias

Seu Manoel Germano é um dos mais antigos pescadores do lugar, que nos conta na sua língua desataviada e singela:

- “Conheço isto aqui há mais de cinquenta anos. Antigamente não se falava em banho de mar. Nós, pescadores, é que semeávamos os nossos ranchos de canoa cá pra estas bandas. Me recordo bem que de ponta a ponta da praia não havia mais de cindo galpões. Posso até dizer os nomes dos moradores por volta de 1910...”

Concentra-se para reconstituir mentalmente a praia desértica do começo do século, enrola a ponta esquerda do bigode e continua:

- “Havia as casinhas de Agostinho Cardoso (no Canto), a do Antônio Caldeira, onde é hoje o “Miramar”, a de Carlos Fernandes, no lugar do “Balneário Hotel”, e as de Chico Garcia e do Galdino Hilário lá pros lados da Barra. E era só. Para Itajaí a gente ia por um picadão de cargueiro. O peixe não valia nada. Cansei de vender tainha a trinta mil réis o cento. E a corvina, quando pegava, oito mil réis (também o cento), dava-se Graças a Deus. A terra



1 Almanaque Wille Kalender - 1953. p.134 e 135

aqui era quase de graça. Imagine o senhor que o velho Fleischmann comprou oitenta braças de terra ali onde hoje fica a casa do seu Ari Garcia, por cento e sessenta mil réis.

E prossegue:

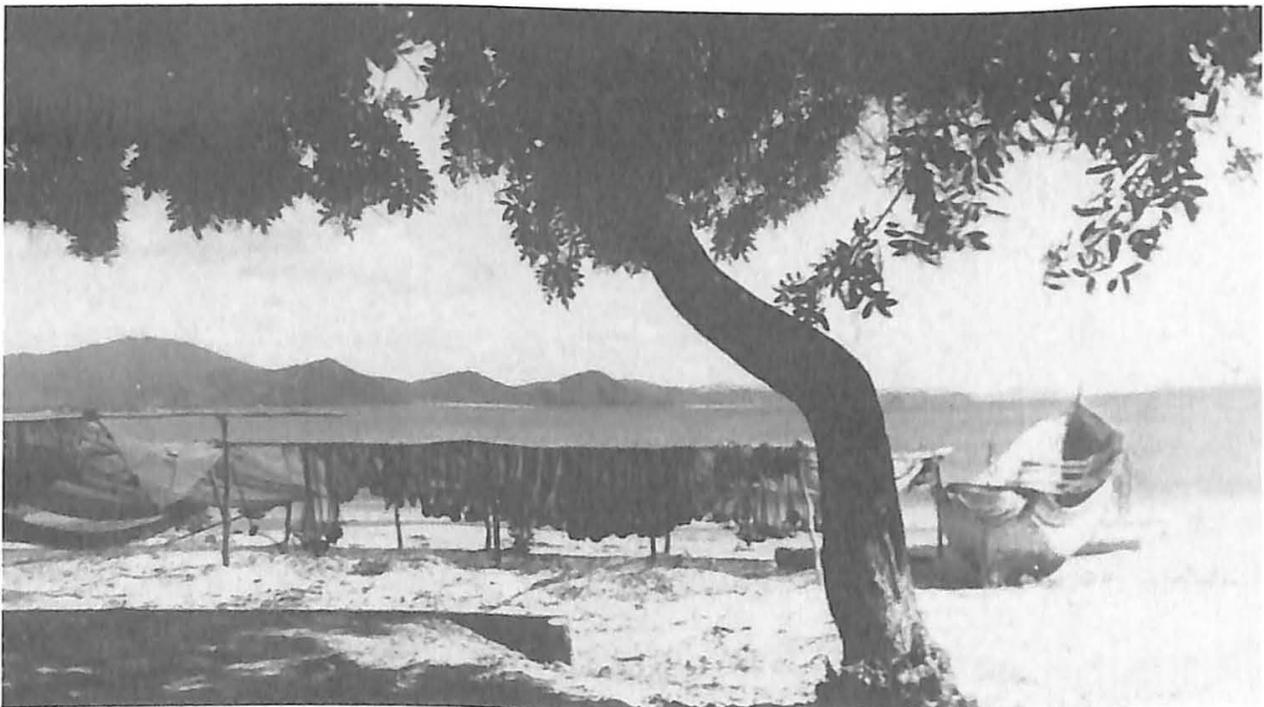
- “Foram os alemães (seu Germano refere-se aos teuto-brasileiros do Vale do Itajaí) que começaram esta moda de banhos de mar. É coisa nova. Obra de uns vinte e cinco anos, pouco mais ou menos. Penso que foi em 1928 que o Jacó Schmitt botou o primeiro hotel da Praia, o mesmo Miramar de hoje. Logo depois, D. Mimi Hoeschl também abriu uma hospedaria ali onde está o “Balneário”. E dali pra cá, é que começou o movimento. Faz uma cara de malícia e acrescenta um detalhe:

- “Antigamente as mulheres tomavam banho de saia, geralmente à noite, e escondiam-se quando aparecia algum estranho...”

“Depois da instalação dos hotéis – esclarece seu Germano – é que os terrenos começaram a encarecer. A pobreza foi procurando os morros, os verdadeiros donos da praia que são os pescadores, esses, coitados, acharam melhor vender seus terrenos aos banhistas para aproveitar o preço e desapareceram. E hoje, só quem é rico pode ter um terreno aqui...”

Joga o chapéu com violência e pergunta:

- Então pescador pode pagar terra a seis contos o metro?



Praia de Camboriú

A saga de um cenáculo e seu idealizador

Enéas Athanázio¹

Autores
catarinenses

Muitos cenáculos têm existido, no Brasil e no Exterior, com maior ou menor expressão cultural ou literária. Historiadores da literatura e enciclopedistas registram a presença dessas agremiações, algumas delas publicando jornais ou revistas com idêntico nome e repercussão variável. Entre os cenáculos nacionais, ocorre-me aquele a que pertenceu Monteiro Lobato, no início do século passado, designado por alguns como Cenáculo da Paulicéia, e que tinha sua sede no célebre chalé do Belenzinho que passou à história como Minarete. Dele faziam parte o próprio Lobato, Godofredo Rangel, Ricardo Gonçalves e José Antônio Nogueira, para referir apenas os que produziram obras de maior importância.

Aqui em nosso Estado existe uma dessas entidades que já conta com 27 anos de incessante atividade e sobre a qual sinto-me devedor de um merecido comentário. Refiro-me ao “Grupo Literário A Ilha”, idealizado por Luiz Carlos Amorim e fundado em 1980 na cidade histórica de São Francisco do Sul. Embora batizado como literário,



¹ Advogado e escritor.

na verdade o grupo extrapolou seu próprio nome, tornando-se um agitador cultural com intervenção em vários campos da cultura. Depois de anos de atividade naquela cidade, transferiu a sede para Joinville e, por fim, para Florianópolis, de sorte que nasceu numa ilha e hoje está aninhado em outra.

O berço

Morador de São Francisco do Sul, na época, Amorim se inquietava com a ausência de companheiros com quem discutir e partilhar seu gosto pela literatura em geral e pela poesia em particular. Depois de muito pensar no assunto, saiu a campo para conquistar companheiros que o ajudassem a realizar o sonho. Não tardou a encontrar uns poucos devotos das letras e com eles iniciou a agremiação que já dura mais de um quarto de século. Suas discretas reuniões, mal notadas no início, tinham lugar num vetusto casarão à beira da Baía da Babitonga, em pracinha arborizada e de bela vista panorâmica.

A iniciativa encontrou ambiente propício na velha cidade de raízes plantadas em tempos longínquos e ricos em acontecimentos históricos, alguns inusitados. Entre estes, merece lembrança especial a visita do capitão francês Binot Paulmier de Gonneville, há mais de quinhentos anos, a bordo do navio “L’Espoir”, em 1504. Aportando na ilha e convivendo com os habitantes da estranha terra, o navegador francês decidiu regressar à França, depois de reabastecido e concluídos os consertos necessários em sua embarcação. Levou como convidados um dos filhos do rei Arosca, o jovem Içá-Mirim, que os franceses registraram como Essomericq, e o índio Namoa, mais idoso, com a formal promessa de trazê-los de volta. Namoa faleceu em viagem e Essomericq, muito doente, foi batizado como Binot, tendo Gonneville como padrinho. Em terras francesas, o índio carijó se adaptou muito bem, casou e teve quatorze filhos, e até recebeu uma patente, parte dos bens e o nome de Gonneville, seu fiel protetor. Foi considerado príncipe e convidado do governo francês, tendo falecido com mais de noventa anos. A viagem de retorno jamais aconteceu. Considerando-se a data da abordagem francesa como a de sua fundação, São Francisco do Sul é das mais antigas cidades do país, embora seja um fato considerado discutível pelos historiadores.

Mas a cidade onde surgiu o grupo tem muito mais em seu passado que o curioso episódio. Cumpre lembrar ainda o Falanstério do Saí, na atual Vila da Glória, situada nos domínios municipais. Em 1842, o médico francês Benoit Jules Mure, inspirado nas doutrinas de Fourier, tentou ali uma experiência socialista, dando início ao falanstério, habitação coletiva que propiciaria aos moradores a justiça social sonhada pelos utopistas. Depois de marchas e contra-marchas, lutas, desentendimentos e perseguições, tal como aconteceu com a Colônia Cecília, no vizinho Estado do Paraná, a experiência fracassou. Foi a única tentativa de criar um falanstério no Brasil e deixou marcas imorredouras, sendo o local até hoje objeto da curiosidade dos pesquisadores e turistas.

É interessante também o caso do Canal do Linguado. Em 1934 foi aterrado o canal em sua totalidade para a passagem da ferrovia, uma vez que o fechamento parcial apresentava problemas. Se é verdade que a estrada de ferro trouxe benefícios, também é certo que a obra gerou problemas em diversas áreas que inquietam os francisquenses e de difícil ou impossível solução, com graves conseqüências. Mas, como assinalam historiadores, é um dos raros casos em que uma ilha de grande porte se transformou em península por obra humana. Até hoje a questão do Linguado é objeto de infundáveis discussões.

A mais antiga aglomeração humana catarinense tem entre seus filhos muitos intelectuais, historiadores e artistas, além de preservar um valioso conjunto arquitetônico e tradições culturais. É servida por importante porto de mar. A arquitetura, os prédios ilustres, os sambaquis, as artes, a vida social, as praias, a paisagem e o agradável ambiente urbano são outros tantos aspectos a considerar.

Nesse meio, agitando o mundo das letras, apareceu o grupo fadado a durar.

O idealizador

Luiz Carlos Amorim nasceu na cidade de Corupá (SC). Formou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville. Desde cedo revelou inclinação para as letras e a escrita, rabiscando textos que submetia aos amigos e, mais tarde, publicava. Alguns temas se tornaram recorrentes

em suas cogitações, como a sobrevivência do livro, sua produção e divulgação, formas de levá-lo ao público através de feiras, lançamentos e outros meios, o permanente encantamento com certos aspectos da natureza, como a paisagem, o verde e as flores, facetas indicadoras do poeta que existe nele. Tornou-se incansável batalhador da causa do livro.

Publicou até agora 23 livros nos gêneros do conto, da crônica, da poesia e artigos. Ei-los: “Velhas Histórias Jovens” (contos), “Pedacos” (contos), “Canção de Amor” (contos), “Vida, Vida” (contos), “Minha Poesia Menina” (poemas), “Uma Questão de Amor” (poesia), “Canção da Esperança” e “Canção da Esperança II” (poesia), “A Cor do Sol” (poesia), “The Poet” (poesia publicada nos Estados Unidos), “The Color of the Sun” (versão americana de “A Cor do Sol”), “El Color Del Sol” (versão em espanhol publicada na Espanha), “Meu Pé de Jacatirão” (poemas), “Flecha Dourada” (literatura infantil), “Emoção não tem Idioma” (edição trilingüe de “A Cor do Sol”), “Livro, Leitores e Escritores” (crônicas), “Livros: a Perenidade da Palavra” (crônicas), “Saudades de Quintana” (crônicas), “Nação Poesia” (antologia poética), “A Luz de seus Olhos” (contos), “Livro de Natal” (contos, crônicas e poemas de Natal), “Escritores Catarinenses e o Grupo Literário A Ilha”, “A Primavera sempre volta” (crônicas) e “Borboletas nos Jacatirões” (crônicas). Tem nova obra no prelo, cujo prefácio tive a satisfação de escrever. Apesar de seu gosto pela poesia, a prosa acabou predominando em sua obra publicada.

Como participante de antologias e coletâneas, trabalhos de Amorim apareceram nas seguintes publicações, entre outras: “Escritores do Brasil” (RJ), “Selected Writings” (EUA), “Poesia, Lucidez e Fantasia” (Blumenau-SC), “Poetas Brasileiros de Hoje” (SP), “Um Toque de Poesia” (Joinville-SC), “Poesia Sertaneja” (Florianópolis-SC), “Poetas da Praça” e “Poetas da Praça II” (Joinville-SC), “Mar, Poema e Imagem” (Florianópolis-SC), “Antologia da Nova Poesia Brasileira” (RJ), “Poesia Viva” (Joinville-SC), “Feira de Contos” (Joinville-SC), “Poetas da Cidade” (Joinville-SC), “A Nova Poesia do Norte Catarinense” (Joinville-SC), “A Poesia Catarinense do Século XX” (Joinville-SC), “Fim de Noite” (Joinville-SC), “Antologia do Postal Clube” (RJ, números 6 e 7), além de poemas traduzidos e publicados em antologias da Espanha e Inglaterra.

Em periódicos, tem trabalhos publicados na Índia, Rússia, Grécia,

Estados Unidos, Espanha, Portugal, Cuba, Argentina, Uruguai, Inglaterra e Itália. Trabalhos de sua autoria foram traduzidos para o inglês, espanhol, grego, russo e bengalês.

Aparecem também com regularidade em jornais e revistas, nacionais e estrangeiros. É colaborador de diversos portais de cultura e literatura. Os mais importantes periódicos catarinenses publicam ou publicaram seus escritos.

Inquieto e persistente, está sempre alargando o leque de suas publicações, mantendo inclusive extenso intercâmbio com escritores do Brasil e do Exterior.

Sua dedicação e seu talento têm provocado manifestações de expressivos nomes de críticos. Entre eles, citam-se Antônio Carlos Villaça, Luiz F. Rufato, Celestino Sachet, Lauro Junkes, Teresinka Pereira e diversos escritores.

Fundadores e participantes

Nos albores de suas atividades, o grupo contou com a decidida contribuição de alguns escritores e poetas cujos nomes merecem ser evocados. Antônio Laércio Brunato, já falecido, José Armando Rezende, bancário carioca, Maria Teresa dos Santos, Maria C. P. Oliveira, Ricardo Maciel, contistas, cronistas e poetas, todos de São Francisco do Sul ou que lá se encontravam; Jurandir Schmidt, Ronaldo Correa, Hilton Gorresen, Else Sant'Ana Brun, Margarete P. da Silva, todos escritores de Joinville, sendo o primeiro também artista plástico e autor da capa do número inicial do suplemento.

Com o tempo outros autores foram se aproximando e se tornaram colaboradores. Foram os casos de Joel Rogério Furtado, Edltraud Zimmermann Fonseca e o meu próprio, que passamos a colaborar a partir da terceira edição. Teresinka Pereira, brasileira radicada nos Estados Unidos, começou a colaborar na quarta edição; Zoraida H. Guimarães e João Chiarini a partir da sexta. Maura de Senna Pereira, falecida, Celestino Sachet e Urda Alice Klueger aderiram antes da décima edição. Muitos e muitos outros ajudaram a recheiar as páginas do suplemento. Acredito que poucos autores catarinenses, em prosa e verso, estejam ausentes daquelas páginas. Inúmeros

autores, de todos os recantos do país, também vêm colaborando. Com as transferências da sede para Joinville e depois para Florianópolis houve grande mutação na lista de colaboradores.

Atividades e realizações

A principal realização do grupo foi a criação e manutenção do Suplemento Literário A Ilha, órgão porta-voz da agremiação, e que conta hoje com mais de 100 números publicados, fato inédito na história literária do Estado e, acredito, de muitos outros. Desde que me lembro, foi o único a circular sem interrupção desde seu lançamento em reunião histórica no vetusto casarão da Babitonga. O Suplemento mantém um portal litero-cultural na Internet: Prosa, Poesia & Cia. – (<http://geocities.yahoo.com.br/prosapoesiaecia>).

A par disso, as Edições A Ilha foram semeando livros individuais e obras coletivas, contando hoje com mais de cinquenta títulos publicados. Entre os primeiros, mencionem-se “Velhas Histórias Jovens”, “Pedaços”, “Canção de Amor”, “Minha Poesia Menina” e “Canção da Esperança”, todos de Luiz Carlos Amorim; “Falando aos Corações”, de Ema Pidner; “Caminhantes de Minha Rua”, de Mariana; “Sempre Contigo”, de Rosana Teodoro; “Um Toque de Poesia”, coletânea de poemas de todos os integrantes; “Poetas da Praça”, outra antologia. E assim prosseguiram, em sucessivos lançamentos, as edições que tornaram A Ilha um selo conhecido em todo o Estado e até fora dele.

Outras atividades aconteceram, sem descurar das constantes reuniões do grupo com o intuito de mantê-lo coeso. Nessas ocasiões buscavam fórmulas de divulgação da literatura e do livro para além das tradicionais, diferentes e inovadoras. Colocando a imaginação a funcionar, buscaram meios e modos de levar o livro ao povo, exibi-lo em público, mostrá-lo nas ruas. Passaram a exhibir Varais de Poesia e Recitais de Poemas em feiras de arte, escolas, festas, bancos, lojas e locais de aglomeração humana. O grupo promoveu incontáveis lançamentos de livros, com sessões de autógrafos, nos mais variados lugares, tanto de edições próprias como alheias. Assim aconteceu, por exemplo, em São Francisco do Sul, Joinville, Jaraguá do Sul, Itajaí, Corupá, Guaramirim, Brusque, Blumenau etc. e até em Cuba e nos

Estados Unidos. Em novembro de 1981, comemorou o Dia do Escritor Franciscuense, reunindo autores daquela cidade, Joinville e Florianópolis, ocasião em que foi instalada a delegacia da Associação Catarinense de Escritores (ACES), entidade hoje extinta. Em outra ocasião, promoveu em Joinville a Noite dos Escritores Catarinenses, com grande público, quando estiveram presentes escritores da região, além de Abel B. Pereira, de Florianópolis, Urda Alice Klueger, de Blumenau, e eu próprio. Assim, com empenho e trabalho, o grupo mostrava ao público a que viera e prestava contas de suas atividades.

Tive ocasião de participar de lançamentos coletivos por ele promovidos em São Francisco do Sul, ainda no velho prédio da Babitonga, depois na Casa de Cultura e no Museu de Arte, ambos de Joinville, sempre com boa presença de público e cobertura da imprensa.

Muitos lançamentos aconteceram em aberturas de exposições de artes, durante seminários, encontros e outros eventos de natureza artística e cultural.

Sempre sob a coordenação de Amorim, o grupo foi pioneiro na instituição do Projeto Poesia no Shopping, exibindo Varais de Poesia em todos os shoppings do Estado. Criou também o Projeto Poesia na Rua, exibindo poemas ou trechos deles em grandes out-doors espalhados pelas cidades, espaços nunca antes preenchidos pela poesia e provocando intenso efeito. Levou adiante ainda os projetos Poesia Carimbada, Pacote de Poesia, Poesia na Escola e O Som da Poesia.

Deste resumo, onde as omissões são inevitáveis, transparece a persistência do grupo e sua dedicação às letras e à cultura. No correr de 27 anos, afrontando dificuldades, nunca esmoreceu e nem desistiu de seus propósitos. Evidencia-se também a liderança de seu idealizador e sua capacidade de manter unido um grupo de escritores e poetas livres e independentes, cada qual pensando a seu modo, mas tendo um ideal comum – a difusão da cultura através de seu principal portador, o livro.

O escritor

Mesmo com as atribuições de coordenar e organizar, além das atividades de ordem profissional, Amorim escreve com método e disciplina

e produz bastante. Como dizia Gilberto Amado, é mais um escritor brasileiro que rouba tempo de si mesmo para escrever.

É contista, cronista, articulista cultural e poeta.

Como contista, tem imaginação e criatividade, produzindo histórias que agradam e prendem. Sua linguagem é simples, direta e limpa. Expressa com segurança as idéias e transmite bem o pensamento.

Como cronista, está sempre atento, com as antenas ligadas e prontas a captar os assuntos cronicáveis, transformando-os em agradáveis peças literárias. É numerosa sua produção no gênero.

O articulista está sempre preocupado com os temas relacionados à cultura, aos problemas do livro, à vida dos escritores em geral e dos catarinenses de forma especial. É incansável divulgador de eventos da área e freqüentador assíduo de todos eles. Parece ubíquo, tantos são os locais onde aparece. Também está informado de tudo que ocorre no Estado, cujo mapa literário e cultural tem impresso na memória.

E o poeta é aberto, livre, sem preocupações angustiantes e linguagem empolada. Desdobra as sensações de forma direta, sem zigue-zagues, resumando sentimentos autênticos e puros. E assim atinge o leitor de poesia naquilo que ele tem de mais sensível – o sentimento.

Concluindo estas notas, que já vão longas, diria que Luiz Carlos Amorim é um exemplo de homem comprometido com as letras e a cultura, fiel ao pacto com elas celebrado de longa data. Tivéssemos muitos deles, as coisas seriam diferentes. E nem por tudo isso assume poses ou posturas, conservando o jeitão modesto e simples de sempre, desde quando o conheci.

Fontes:

“Enciclopédia Brasileira Globo”, P. Alegre, Editora Globo, 12^a. ed., 1971.

“Enciclopédia de Literatura Brasileira”, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, Rio de Janeiro, MEC, 2 vols., 1990.

“Dicionário Literário Brasileiro”, Raimundo de Menezes, S. Paulo/Rio, LTC Editora, 2^a. ed., 1978.

“Monteiro Lobato – Vida e Obra”, Edgard Cavalheiro, S. Paulo, Editora Brasiliense, 3^a. ed., s/d.

“São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville”, Sílvio Coelho dos Santos et alii, Florianópolis, Edufsc, 2004.

“A Literatura Catarinense”, Celestino Sachet, Florianópolis, Editora Lunardelli. 1985.

Obras de Luiz Carlos Amoim.

Coleção do “Suplemento Literário A Ilha.”

B. Camboriú, 29 de julho de 2007.

Índice Geral 2007

Título	Autor	Nº	Página
Blumenalva e Nauemblu transcendem Deuschtum e Brasilianertum na literatura blumenauense.	Dr. José Endoença Martins.	11/12	327
Blumenau em Cadernos: registro vivo da nossa identidade cultural.	Ivo Hadlich.	11/12	7
Blumenau no período da ditadura: um partido organizado com apoio dos trabalhadores e uma ação governamental voltada aos interesses econômicos.	Vilma Margarete Simão.	11/12	257
Breve balanço crítico de estudos sobre a formação de uma economia local: o caso de Blumenau.	Ivo M. Theis.	11/12	141
Burocracia & Governo		3/4	117
Burocracia & Governo		9/10	100
Cenários de territorialidade e identificação negra em Blumenau (1993/4).	Vera Iten Teixeira.	11/12	287
Construção da ponte rodoviária sobre o Rio Itajaí-Açu em Blumenau	Engenheiro Dr. Gustav Leyen	9/10	97
Conflitos territoriais entre indígenas e colonos em Doutor Pedrinho (SC): 1980-2000.	Fernando Luiz dos Santos / Ancelmo Schörner.	3/4	62
Conversa de um velho colono blumenauense.		3/4	09

Criação (A) do Núcleo Rio Novo e os migrantes japoneses em Itajaí.	André Souza Martinello / Dr. João Klug.	5/6	58
Cultura associativa: a vida dos trabalhadores nos clubes de futebol em Blumenau (1950 -1970)	Cristina Ferreira.	11/12	231
Cultura em Blumenau: trinta e seis anos	Noemi Kellermann.	11/12	299
Curiosa (A) viagem do Assecurateur e a saga imigratória de Jens Jensen.	Niels Deeke	3/4	100
Desenvolvimento industrial e identidade regional nos tempos da globalização: Blumenau e o nordeste de Santa Catarina.	Gerd Kohlhepp. Maria Luiza Renaux.	11/12	159
Destino (O) do regionalismo.	Enéas Athanázio.	3/4	122
Encontro com a infância.	Urda Alice Klueger.	1/2	117
Fábrica com vila operária: a dominação específica – O caso da Empresa Industrial Garcia, de Blumenau/SC (1947-1974).	Márcia Teresinha da Silva Oliveira / Ancelmo Schörner.	7/8	40
Formação de professores em Santa Catarina – O Ensino da Matemática no Curso Complementar no período de 1938 a 1945.	Isabel Cristina Gonçalves / Rosinéte Gaertner.	5/6	42
Fritz Müller – Primeiro termitólogo do Brasil – 31.III.1822 – 21.V.1897.	Luiz Roberto Fontes.	5/6	24

História de vida: América Schroeder.		1/2	91
Ilha (A) de Santa Catarina, chave da presença espanhola na América Meridional – Séc. XVI ao XVII.	Carlos Humberto Pederneiras Corrêa.	7/8	66
Investimento (O) sobre uma concepção de cidade	Ricardo Machado	1/2	54
Lobo em pele de cordeiro: ideário nacional socialista no material de entretenimento do BLUMENAUER VOLKSKALENDER (1933–1938).	Meri Frotscher.	11/12	209
Luz (A) misteriosa.	José Curi.	5/6	78
Manhãs de domingo em Blumenau: um rosário de reminiscências.	Urda Alice Klueger.	11/12	363
Mas por quê....?	Alda S. Niemeyer.	7/8	09
Meio ambiente em Blumenau: da Pré -história à História.	Lauro Eduardo Bacca.	11/12	19
Mensagens do púlpito de dias idos	Pastor Duebbers	9/10	09
Mestres da crítica catarinense	Enéas Athanázio	1/2	120
Na trama do cotidiano: a indumentária oitocentista em Blumenau (1850 - 1880).	Sueli M.V. Petry	11/12	95
Oitenta anos de silêncio.	Enéas Athanázio	7/8	121

Padre Guilherme Roer – 1860 – 1889.	Pe. Estanislau Schätte, ofm / Pe. Eloy Dorvalino Koch, scj (tradutor).	5/6	09
Primeira (A) viagem do Dr. Blumenau para Santa Catarina, em abril de 1847.	Klaus Richter.	11/12	83
Primeiro (O) crime de morte de Blumenau e um livro interessante.	José Ferreira da Silva.	3/4	94
Programa de rádio – Censura Livre		9/10	71
Propriedade e mobilidade em Blumenau no século XIX.	Ricardo Machado.	11/12	115
Rádio (O) em Blumenau	Clóvis Reis / Gabriela Bambinetti	9/10	55
Reminiscências de Selma Scheidt Rassweiler.		7/8	84
Reminiscências de família.	Viegas Fernandes da Costa.	5/6	73
Saga (A) de um cenáculo e seu idealizador	Enéas Athanázio	9/10	113
Santo (O) guerreiro versus o grande dragão vermelho da maldade - A “Cruzada” Anticomunista desenvolvida pela imprensa jornalística na região de Blumenau – 1960-1965	Willian Spengler	9/10	20

Índice Geral 2007

Sua Posição Honrosa	Pe.Estanislau Schätte e Pe. Eloy Dorvalino Koch scj – Tradutor	1/2	09
Trajetória (A) do turismo em Blumenau-SC: uma análise.	Iara L. Klug Rischbieter.	11/12	187
Transcrições de Documentos Extraídos de Fontes Originais localizadas no Acervo do Arquivo Público do Estado.		1/2	74
1930 – Um ano inesquecível para a imigrante alemã Maria Schürmann no internato do Colégio Divina Providência.	Valburga Huber.	7/8	114
Vale (O) do Itajaí e a política imigratória do Império.	Giralda Seyferth.	11/12	57

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
 - R\$ 10,00 (anos 60)
 - R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874
Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br



A DE
NAU

stórico
ira da Silva
cblu.com.br

Blumenau

ia Colonial

Vila Itoupava

º 1

Dr. Fritz Müller

e Blumenau

al de Arte

ublicação,
Referência em
a

m Movimento

ÇÃO
RAL
NAU

